

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**“CASADOS PARA SEMPRE”: UM ESTUDO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA
SEGUNDO A CONCEPÇÃO DE AMBOS OS CÔNJUGES DE CASAIS
EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS**

Mariane Ranzani Ciscon Evangelista

**VITÓRIA
2009**

MARIANE RANZANI CISCON-EVANGELISTA

**“CASADOS PARA SEMPRE”: UM ESTUDO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA
SEGUNDO A CONCEPÇÃO DE AMBOS OS CÔNJUGES DE CASAIS
EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Doutor Paulo Rogério Meira Menandro.

VITÓRIA

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C579c Ciskon-Evangelista, Mariane Ranzani, 1981-
“Casados para sempre” : um estudo sobre casamento e
família segundo a concepção de ambos os cônjuges de casais
evangélicos neopentecostais / Mariane Ranzani Ciskon-
Evangelista. – 2009.
152 f.

Orientador: Paulo Rogério Meira Menandro.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Religião. 2. Casamento. 3. Família. 4. Identidade social. 5.
Pentecostalismo. I. Menandro, Paulo Rogério Meira. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

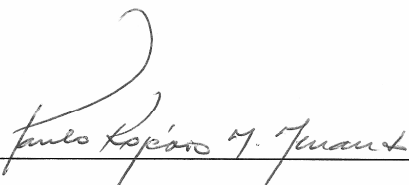
CDU: 159.9

**“CASADOS PARA SEMPRE”: UM ESTUDO SOBRE CASAMENTO E FAMÍLIA
SEGUNDO A CONCEPÇÃO DE AMBOS OS CÔNJUGES DE CASAIS
EVANGÉLICOS NEOPENTECOSTAIS.**

MARIANE RANZANI CISCON-EVANGELISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada, em 13 de março de 2009, por:



Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro (Orientador/ UFES)



Profa. Dra. Sabine Mantuan dos Santos Coutinho (UNES)



Prof. Dr. Lídio de Souza (UFES)

A Deus, toda honra, toda glória, todo louvor.

Aos meus pais, meu eterno amor.

Ao meu marido, meu respeito e admiração.

Ao meu orientador, minha imensurável gratidão.

AGRADECIMENTOS

Não posso considerar este trabalho como sendo uma simples dissertação. Quando resolvi encarar este desafio, não resolvi sozinha. Iniciar o mestrado implicava em mudar de cidade, mudar de vida e uma mudança que descobri só mais tarde: mudar de humor! Por isso todo o meu carinho a você, Alexandre, meu esposo, meu amigo, meu companheiro de dias felizes e dias difíceis. Sem sua parceria a conclusão deste trabalho não seria possível.

O mesmo peso, multiplicado por muitos anos, tem a participação de Anésio, meu pai, e Edna, minha mãe... A vocês toda a gratidão do meu coração, por sempre acreditarem e investirem em mim, por enfrentar muitas horas de viagem para me visitar, por se preocuparem sempre e, de perto ou de longe, estar sempre ao meu lado. Acho que sair de pertinho foi necessário para que eu reconhecesse ainda mais o quanto vocês são importantes!

Leonardo, irmão querido, sua contribuição para este trabalho e para a minha vida vai além das “dicas tecnológicas”. Não me lembro das brigas que você disse que tivemos quando crianças, talvez porque seu carinho e amizade sejam muito maiores do que isto, é muito bom ter você “por perto”. Cunhadinha Renata e “irmãzinha” Isabela. Vocês foram chegando, e agora não podem mais nos deixar...

À família toda, muitos para enumerar, mas todos importantes demais para a construção da minha história. Aos amigos de Maringá, à Comunidade Evangélica, à 1ª e 4ª IPI, ao CTM (BH), e a todos de lá... Vocês são parte da minha história, contribuíram para cada escolha, e fui traçando um caminho que me trouxe até aqui.

Ao meu orientador e referencial, Paulo Menandro. Agradeço por ter me recebido sem me conhecer, por ter acreditado quando eu mesma estava confusa, por ter confiado, por ter investido tanto tempo em mim. Obrigada por encarar, no

final, um desafio que era meu, que te onerou, e poucos sabem o quanto foi fundamental para a minha permanência em Vitória. Tenho você como um exemplo a ser seguido, sua ética e preocupação com o outro me constroem, fazem com que eu continue acreditando nas pessoas. Minha dívida com você simplesmente não pode ser paga!

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, por todo o suporte. A todos os amigos da Redepso, em especial às Prof^{as}. Zeidi Trindade e Cristina Menandro, por me receberem na Rede, por toda atenção e carinho, por todas as valiosíssimas dicas. Aos Profs. Lídio de Souza, Célia Nascimento e Sabrina Coutinho. A contribuição de vocês foi além das sugestões na qualificação e importantíssimas colocações na defesa. Muito obrigada! A todos os professores do Programa, à Lúcia, que respondeu a todas as minhas perguntas, às pessoas da minha turma. De forma mais ou menos intensa, todos vocês marcaram a minha existência.

Às amigadas conquistadas através do grupo de estudos de Identidade: Paola Barbosa, Thaís Caus, Mariana Bonomo, Milena Bertollo. Obrigada pela participação muito além da acadêmica! Renata Daniele, Beatriz Tesche, Rafaela Rölke, Renata Valentim, Mirian Cortez, Ana Sayuri, Maria Fernanda, Sibelle Barros... Foi bom ter vocês por perto, obrigada pelo apoio! Aos participantes das pesquisas sobre violência, risco e menopausa. Aprendi muito com vocês!

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Aos casais participantes, pelo tempo, pela disposição, pela sinceridade. Aos líderes da igreja na qual colhemos os dados, pela confiança!

Ao Criador, meu Pai, razão da minha existência, *porque dele, e por ele, para ele são todas as coisas.*

A religiosidade frequentemente provê a perspectiva que casais precisavam para enxergar seus cônjuges mais claramente, a ganhar forças através da experiência com Deus, e a lidar com os desafios inescapáveis da vida.

(Lambert & Dollahite, 2008)

RESUMO

Opções religiosas podem se traduzir em transformações comportamentais e conceituais em todas as esferas da vida de quem as faz. Pode resultar daí a redefinição de aspectos da identidade social em decorrência da filiação a um novo grupo. Pode resultar também de os relacionamentos interpessoais, especialmente com o cônjuge e com os filhos, passarem a ser vividos com mudanças expressivas. Conhecer, descrever e analisar concepções e práticas relativas aos temas interrelacionados da vida conjugal, constituição de família e projeto de vida de casais pertencentes a um grupo evangélico neopentecostal, bem como a compreensão do processo de formação identitária implicado, foi o objetivo do presente trabalho. Participaram da pesquisa dez casais com participação ativa em uma igreja neopentecostal. O tempo de casamento dos casais variou entre um e dez anos, e nem todos tinham filhos. A partir de um roteiro semi-estruturado, cada cônjuge foi entrevistado separadamente, respondendo sobre seu envolvimento com o grupo religioso, seu relacionamento conjugal e com os filhos, e seus planos para o futuro. Os dados foram submetidos a procedimento de análise de conteúdo, organizados através do software QSR. Os resultados mostraram que a opção feita por um novo grupo religioso acarretou mudanças em termos de identidade social que influenciaram as concepções e as práticas dos participantes em relação às pessoas com as quais convivem, especialmente com cônjuges e filhos. O relacionamento conjugal passou a ser compreendido e vivido como indissolúvel, com o que aumentou a disposição para administrar os conflitos que surgem no relacionamento, para perdoar, e para renunciar a determinadas ações e concepções em benefício da relação. Os relatos evidenciaram satisfação com a opção religiosa e com a relação conjugal que estão vivendo, apesar da menção de alguma questão não satisfatória para cada casal. Constatou-se que papéis tradicionais de gênero estão presentes na realidade dos casais participantes, em aparente processo de transformação para alguns deles. A decisão de ter filhos, ou de ter mais filhos, revelou-se mais influenciada por aspectos práticos e econômicos, ou seja, de prioridade momentânea em relação às atividades em que os cônjuges estão desenvolvendo, do que pelo envolvimento religioso.

Palavras-chave: religião, casamento, família, identidade social, neopentecostalismo.

“Forever married”: a study about marriage and family according to the conception of both spouses of New Pentecostal evangelic couples.

ABSTRACT

Religious choices may translate into behavioral and conceptual transformations on all levels of the life of the decision maker. A redefinition of aspects of the social identity may result therefrom, as a consequence of the affiliation to a new group. It may also result that interpersonal relationships suffer expressive changes in the way they are lived, specially the relationships with the spouse and children. The objective of this work was to identify, describe and analyze conceptions and practices relative to the interrelated themes of conjugal life, family building, and life project of couples pertaining to a New Pentecostal evangelic group, as well as the comprehension of the implied identity formation process. Ten couples with active participation in a New Pentecostal church participated on the research. The time elapsed since marriage varied between one and ten years, and not all of the couples had children. Using a semi-structured script, each spouse was interviewed separately, answering about his/her involvement with the religious group, his/her conjugal relationship and relationship with the children, and plans for the future. The data were organized through QSR N6 software and submitted to a content analysis procedure. The results showed that the choice made of a new religious group brought changes on social identity that influenced the interviewees' conceptions and practices with respect to people with whom they live, specially towards the spouse and children. The conjugal relationship started to be understood and lived as indissoluble, thus increasing the disposition to administrate the conflicts that appear in the relationship, to forgive, and to renounce to determinate actions and conceptions for the benefit of the relationship. The reports evidenced satisfaction with the religious choice and with the conjugal relationship, few aspects being mentioned with respect to which there is some difficulty. It was found that traditional gender roles are present for the participant couples, in an apparent transformation process for some of them. The decision to have children, or to have more children, was found more influenced by practical and economical aspects, i.e., more on a current priority with respect to the spouses activities, than by the religious involvement.

Keywords: religion, marriage, family, social identity, New Pentecostalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Apresentação.....	15
1.2 O conceito de identidade social.....	16
1.3 Religiosidade do povo brasileiro e informações necessárias sobre as igrejas evangélicas.....	19
1.4 História, configurações e o papel da família na sociedade brasileira.....	26
1.4.1 Configurações familiares: dos tempos coloniais aos dias atuais.....	26
1.4.2 Família e socialização: a importância dos pais para a construção identitária dos filhos.....	33
1.4.3 Relacionamento familiar e grupos religiosos – uma intercorrência atual.....	35
1.5 Objetivos.....	37
1.5.1 Objetivos específicos.....	38
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
2.1 Participantes.....	40
2.1.1 A comunidade religiosa.....	40
2.1.2 Os casais.....	43
2.2 Instrumentos.....	44
2.3 Procedimento de coleta de dados.....	44
2.4 Procedimento de análise de dados.....	46
2.4.1 Análise de conteúdo.....	46
2.4.2 Software QSR N6.....	47
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	49
3.1 Caracterização dos participantes.....	49
3.1.1 Diferença de idade entre os casais.....	51
3.1.2 Escolaridade.....	51
3.1.3 Exercício de trabalho remunerado, tempo de casamento e número de filhos.....	52
3.1.4 Condições sociais.....	53
3.1.5 Tempo de conversão e de participação na igreja.....	54
3.2 Apresentação da categorização dos conteúdos das entrevistas realizadas com os participantes.....	55
3.3 – A) Envolvimento com a religião.....	57
3.3.1 Interesse pela religião.....	58
3.3.2 Escolha da igreja atual.....	61
3.3.3 Referências a outras religiões.....	63
3.3.4 Religião dos familiares na época da conversão.....	67
3.3.5 Mudanças relacionadas à conversão.....	69
3.3.6 Relacionamento com família e amigos do “grupo do mundo”.....	80
3.3.7 Visão sobre o próprio grupo.....	83
3.3.8 Participação em ministérios.....	86
3.3.9 Vivências de situações desagradáveis ou constrangedoras.....	88

3.3.10 Proposições/exigências da igreja difíceis de cumprir.....	90
3.4 – B) Relacionamento conjugal, filhos e projetos para o futuro.....	92
3.4.1 Como se conheceram.....	92
3.4.2 Concepções sobre como deveria ser uma vida conjugal adequada.....	96
3.4.3 Mudanças pessoais em função do casamento.....	99
3.4.4 Divisão de papéis e tarefas.....	103
3.4.5 Decisão de ter um filho.....	107
3.4.6 Decisão de adiar ter um – ou mais um – filho.....	110
3.4.7 Mudanças em função do nascimento dos filhos.....	113
3.4.8 Criação de filhos e ensinamentos: meios e prioridades.....	114
3.4.9 Planejamento para o futuro.....	115
3.4.10 Satisfação/insatisfação relacionadas com aspectos específicos do casamento.....	119
3.4.10.1 Saulo e Samira.....	124
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
5 REFERÊNCIAS	137
APÊNDICE A.....	145
APÊNDICE B.....	149
APÊNDICE C.....	152

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos participantes.....	49
Quadro A1. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Interesse pela religião”, com exemplos de suas afirmações.....	59
Quadro A2. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Escolha da igreja atual”, e exemplos de suas verbalizações.....	61
Quadro A3. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Referências a outras religiões”, com exemplos de suas falas	63
Quadro A4. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Religião dos familiares na época da conversão”, com transcrições de algumas manifestações.....	67
Quadro A5.1 – Exemplos de conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Mudanças relacionadas à conversão”.....	71
Quadro A5.2 - Descrição das transformações vivenciadas pelos participantes.....	79
Quadro A6. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Relacionamento com família e amigos do grupo ‘do mundo’ ”, com transcrição de exemplos.....	80
Quadro A7 – Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Visão sobre o próprio grupo”, com exemplos de suas afirmações.....	84
Quadro A8 - Participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Participação em ministérios”.....	86
Quadro A9. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Situações desagradáveis ou constrangedoras”, com exemplos de tais situações.....	88
Quadro A10. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Proposições/exigências da igreja difíceis de cumprir”, com exemplos selecionados.....	90
Quadro B1.1 – Respostas dos participantes à indagação sobre “Como se conheceram”.....	92
Quadro B1.2 - Tempo aproximado de conversão dos participantes, e a relação desta com o tempo de casamento.....	95
Quadro B2 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados nas subcategorias relativas às “Concepções sobre como deveria ser uma vida conjugal adequada”, com transcrição de algumas verbalizações ilustrativas.....	97
Quadro B3 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Mudanças pessoais em função do casamento”, com transcrição de alguns exemplos significativos.....	99
Quadro B4 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Divisão de papéis e tarefas”, com ilustrações de falas correspondentes às subcategorias construídas.....	103
Quadro B5 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Decisão de ter um filho”, com transcrição de exemplos de manifestações pertinentes ao tema.....	107

Quadro B6 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Decisão de adiar ter um – ou mais um – filho”, com exemplos selecionados de afirmações.....	111
Quadro B7 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Mudanças em função do nascimento dos filhos”, com ilustrações de trechos de suas falas.....	113
Quadro B8 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Criação de filhos e ensinamentos: meios e prioridades”, com alguns exemplos das afirmações que fizeram.....	114
Quadro B9 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Planejamento para o futuro”, com ilustrações de alguns dos planos, tal como formulados.....	116
Quadro B10. Áreas em que os participantes consideram-se satisfeitos, pouco satisfeitos ou insatisfeitos.....	120

1. INTRODUÇÃO

1.1 - Apresentação

Compreender os mecanismos envolvidos nos diversos tipos de relacionamentos que se estabelecem e se desfazem entre os seres humanos é empreendimento que sempre mobilizou os estudiosos e as pessoas comuns nas sociedades humanas. A Psicologia tem procurado, desde seu estabelecimento como ciência, responder a algumas das questões que intrigam a humanidade, incluindo aquelas que se referem à convivência do homem em sociedade.

Quando surge a necessidade, na Psicologia, de se conhecer os fatores sociais que poderiam estar relacionados ao comportamento individual, e na sociologia, de se estabelecer os fatores psicológicos que poderiam interferir na vida social (Álvaro & Garrido, 2006), emerge a Psicologia Social, entre o final do século XIX e o início do século XX, caracterizando o ponto de partida para vários autores, sob muitas perspectivas, construírem o conhecimento embasado em uma nova visão de homem. Apesar da especificidade dos estudos realizados, e das diferentes formas de se compreender a Psicologia Social, pode-se dizer que ela é responsável por mostrar que existem em um indivíduo mecanismos e processos que lhe permitem “funcionar” em sociedade, em um contexto em que fatores históricos que moldaram a regulação sociocultural e que se consolidaram como valores e crenças orientam o funcionamento destes processos (Doise, 2002).

As relações sociais se desenvolvem a partir dos contatos e trocas iniciais entre crianças e adultos por ela responsáveis, contatos esses que na grande maioria das vezes se dão em contexto de convivência entre pais e filhos, ou seja, um

contexto familiar. Essas famílias se constituem em grupos humanos nos quais certas modalidades de conhecimentos e certos processos de identificação com o grupo assumem importância fundamental para a própria manutenção da coesão grupal. Uma dessas modalidades de conhecimento, que também se caracteriza como processo de identificação grupal, é o conjunto de explicações, proposições e prescrições que constitui, com maior ou menor grau de sistematização, uma das facetas culturais reconhecíveis em quase todos os grupos humanos: a religião.

O tema do presente estudo está contido no amplo quadro desenhado acima. Trata-se de uma investigação sobre diversos aspectos do relacionamento conjugal e familiar conforme vivido e percebido por casais para os quais a perspectiva religiosa (no caso, a perspectiva de uma religião específica, classificada como evangélica neopentecostal) é considerada especialmente importante e orientadora de suas decisões.

A introdução do trabalho apresentará uma proposição teórica em Psicologia Social tomada como adequada para a compreensão das relações intragrupais e intergrupais e reunirá informações relevantes para a compreensão do contexto religioso implicado no estudo.

1.2 – O conceito de identidade social

A compreensão do indivíduo a partir de uma perspectiva sócio-histórica implica a consideração de que ele vive em um ambiente que apresenta estruturação social e organização cultural que já existiam antes dele e que exercem sobre ele influências modeladoras em um processo de socialização, processo esse que se concretiza a partir das relações com seus interlocutores. Ao mesmo tempo, é

possível que suas ações venham a transformar aspectos da sociedade e da cultura em que vive, indicando que está em jogo um processo que não é exclusivamente unidirecional, uma vez que as influências que recebe são processadas e eventualmente transformadas ou ressignificadas. Este indivíduo está vinculado a grupos sociais cujos integrantes apresentam características próximas às suas ou com elas compatíveis, grupos esses com os quais se identifica (Tajfel & Billig, 1974; Tajfel, 1983; Licata, 2003). Este mesmo indivíduo convive com outros grupos dos quais não se considera pertencente, indicando que sua identificação com tais grupos é muito distinta daquela que desenvolveu em relação aos grupos dos quais se considera partícipe, podendo chegar até mesmo a ser uma relação de completa rejeição. São vários os grupos aos quais ele estará vinculado concomitantemente, além de ter estado vinculado a outros tantos ao longo de sua vida (Tajfel, 1983). Essa multidimensionalidade da identidade permite a combinação e organização de vários de seus elementos, justapondo-os e integrando-os.

O conceito de grupo, para Tajfel, implica interdependência, uma vez que a identificação entre seus membros acontece através da comparação social (Amâncio, 1997). O grupo do qual o indivíduo faz parte não é necessariamente objetivo, mas psicológico, assim como o é a inserção do indivíduo (Souza, 2005). O membro atribui valores positivos ao grupo do qual se considera parte (endogrupo) e negativos ao grupo do qual está desvinculado (exogrupo) (Leeuwen, Kinippenberg & Ellemers, 2003; Tajfel, 1974; Verkuyten & Wolf, 2007).

Tajfel (1983, p. 294) afirma que

... o conhecimento que ele tem de que pertence a determinados grupos sociais, juntamente com o significado emocional e de valor que ele atribui a essa pertença só podem ser definidos através dos efeitos das categorizações sociais que dividem o meio social de um indivíduo no seu próprio grupo e em outros.

Para o autor, a identidade social de um indivíduo pode ser definida como a compreensão de pertencimento de um indivíduo a determinados grupos sociais, atribuindo a essa pertença um significado emocional e de valor. Se existem grupos sociais com os quais o indivíduo se compara, se identificando ou se diferenciando, a noção de identidade surgirá a partir da articulação entre o “igual” (entendido de forma estendida, dentro dos limites da compatibilidade) e o diferente. Para que a realidade social possa ser organizada e simplificada, a comparação e a categorização social seriam a base do processo de construção da identidade.

O sentimento de pertença a um determinado grupo implica o compartilhar crenças e atitudes e vivenciar relações mediadas por uma carga valorativa. Em função de aspectos da organização da sociedade, alguns grupos são valorizados socialmente, enquanto outros são marginalizados. De acordo com Tajfel (1983), é neste contexto que ocorrem os fenômenos de “mobilidade social” e de “mudança social”. De acordo com o autor, a mobilidade ocorre sempre que é possível e desejável a um indivíduo deixar o grupo marginalizado e ingressar em outro grupo valorizado socialmente. Já a mudança acontece quando os indivíduos acreditam que um movimento de natureza política e sociocultural que resulte em aceitação social do grupo marginalizado é viável e nele se engajam, construindo condições para o reconhecimento de um novo *status* e possibilitando a transformação de todo um grupo social. A mudança só é possível a partir do momento em que pessoas estão unidas em torno deste objetivo, uma vez que um indivíduo não possui força suficiente para promover alterações sem a participação do grupo.

A identificação com determinado grupo pode afetar o comportamento social de uma pessoa (Jackson & Smith, 1999). De acordo com os autores, quanto mais este indivíduo se identifica com o grupo em questão, mais ele estará comprometido

e se apresentará como suporte para a manutenção do grupo. Quanto mais profunda e mais emocionalmente comprometida for a identificação com o grupo, maior a possibilidade de atribuição de características negativas ao exogrupo, e menor a possibilidade de compreensão das insuficiências do endogrupo.

Diversos autores vêm trabalhando de acordo com esta perspectiva de relacionamento intergrupar e identidade social, tal como proposta por Tajfel (1983), há muitos anos, tanto no Brasil como em outros países. Vale lembrar, em relação ao Brasil, a importância dos trabalhos que buscam conhecer e compreender os fenômenos grupais e identitários de um país com tamanha diversidade cultural. Entre as produções do próprio Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, estão disponíveis diversos exemplos de estudos que se valeram da mencionada proposta teórica.

1.3 - Religiosidade do povo brasileiro e informações necessárias sobre as igrejas evangélicas

Os grupos de pessoas que professam uma religião, com todas as especificidades que os caracterizam, historicamente se apresentam como exemplos de grupos com os quais um indivíduo pode identificar-se de maneira mais superficial ou estabelecendo grande nível de comprometimento (Guareschi, 1996). Em alguns casos conhecidos, a valorização grupal foi tão intensa a ponto de permitir a ocorrência de situações extremas, como o suicídio coletivo, provavelmente associado a um conjunto de situações no qual a presença de uma liderança especialmente convincente se destaca, mais do que a(s) figura(s)

transcendental(ais) ou outros símbolos que são nucleares e fundamentais para as religiões e para as várias modalidades de grupos religiosos a elas associados.

Em decorrência das características da colonização que viveu, o Brasil é um país em que a maior parte das pessoas declara-se católica, mas tem vivido nas últimas décadas um processo de trânsito religioso expressivo. Uma das vertentes mais evidentes desse trânsito é a adesão crescente aos grupos protestantes, evangélicos pentecostais e afro-religiosos (Almeida & Montero, 2001), aí incluídas inúmeras pessoas que deixam a religião em cujo âmbito se deu sua formação social – predominantemente a religião católica. Machado (2005) apresenta um panorama representativo destas mudanças, já nos anos 90, quando afirma que os dados do IBGE demonstravam o decréscimo no percentual de católicos e o aumento do número de evangélicos e de pessoas que se consideravam sem religião (caracterizando, neste caso, outra vertente do trânsito religioso, ainda que com características distintas).

Também Pierucci (2004), baseado nos dados divulgados pelo IBGE referentes ao censo realizado em 2000, chama a atenção para o decréscimo percentual de brasileiros que se dizem pertencentes às religiões nacionais mais tradicionais. Segundo o autor, os católicos, que naquela época totalizavam 73,8% dos brasileiros, têm perdido espaço para os pentecostais, grupo que tem crescido percentual e numericamente há várias décadas. A baixa frequência às missas e a aparente ausência de comportamentos considerados tipicamente católicos tradicionais, de acordo com a visão de Antoniazzi (2003) sobre o mesmo censo, realizado em 2000, são característicos de grande parcela desses religiosos. É possível que, de alguma forma, a religião se faça presente no cotidiano destas pessoas, ou ao menos haja uma ligação com a espiritualidade/religiosidade (Panzini

et al., 2007) através da noção da existência de Deus, ainda que esta significação não aconteça exatamente como prega a igreja Católica.

Para Jablonski (1998), houve tempos em que a igreja Católica exerceu maior autoridade no que diz respeito às decisões cotidianas de seus fiéis, e tem perdido este poder com o passar dos anos, na medida em que a própria igreja perde sua força, e a interação entre membros e instituição tem sido reconfigurada. No entanto, entre os “fenômenos religiosos contemporâneos”, como foi afirmado por Lopes (2002, p. 24), estão representadas as igrejas pentecostais e/ou neopentecostais, as quais têm possibilitado a construção de novas relações entre instituição/membros e recuperado este poder, perdido pela igreja católica, de ditar normas e costumes, estes baseados na Bíblia, e obedecidos pelos fiéis (Bohn, 2004; Pacheco, Silva & Ribeiro, 2007; Stadtler, 2002).

O estado do Espírito Santo, com população majoritariamente católica, registra grande número de evangélicos, como revelam os dados do censo publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) referente à distribuição religiosa no estado, em 2000:

Total	Religião							
	Católica apostólica romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiosidades	Sem religião
		De missão	De origem pentecostal	Outras evangélicas				
3 097 498	1 953 386	323 582	430 296	19 251	22 457	5 128	41 573	297594

De acordo com o IBGE, o Espírito Santo é um dos estados brasileiros com maior concentração de evangélicos (27,5%), entre os quais predominam os filiados a

igrejas de origem pentecostal. Dentre os protestantes – denominação atribuída aos cristãos não católicos – existem várias divisões denominacionais, distribuídas em três grandes grupos: igrejas de migração, igrejas de missão ou conversão, e pentecostalismo (Camurça, 1996), ou igrejas históricas/tradicionais, pentecostais e neopentecostais (Pacheco et al., 2007; Silva & Costa, 2007).

As igrejas protestantes denominadas históricas, ou tradicionais, são as mais antigas no Brasil entre as evangélicas, e apresentam como característica exercer um forte trabalho no que se refere ao ensino bíblico (Santos, 2005). Atualmente contam com a parcela de mais alto nível econômico e de escolaridade dentre os protestantes (Bohn, 2004). As mais representativas do grupo são as igrejas *Batista*, *Presbiteriana*, *Metodista*, *Anglicana* e *Luterana*. As igrejas pentecostais são caracterizadas pela ênfase nos chamados “Dons do Espírito Santo”, marcados pela glossolalia (prática de falar em línguas estranhas) e pela pregação da cura divina (Pacheco et al., 2007). Outra característica de grande parte destas denominações é o estabelecimento de “usos e costumes”, ou seja, a orientação para que as mulheres se vistam apenas com saias e não cortem os seus cabelos, e para que os homens não se vistam com bermudas e nem participem de jogos de futebol. Fazem parte deste grupo a *Assembleia de Deus* (fundada em 1911) e a *Congregação Cristã do Brasil* (fundada em 1910).

As igrejas neopentecostais surgem a partir da década de 70, herdando a ênfase nos “dons” das igrejas pentecostais, porém são mais impessoais e costumam reunir grande número de pessoas em pontos centrais das cidades. Além de pregar sobre os dons espirituais e a cura divina, estas denominações agregam a ênfase na batalha espiritual e na confissão positiva (Bessa, 2006) e a teologia da prosperidade, que incentiva os indivíduos a agirem de acordo com os preceitos bíblicos e a

ofertarem dinheiro para as igrejas, em benefício de sua prosperidade financeira (Silva, 2008). As maiores denominações do grupo são a *Igreja do Evangelho Quadrangular* (1951), *Brasil para Cristo* (1955), *Deus é Amor* (1962), *Igreja Universal do Reino de Deus* (1977) *Igreja Internacional da Graça de Deus* (1980) (Costa, 2007).

Na prática, cada grupo evangélico tem “emprestado” conceitos e práticas de outros, e já é raro encontrar uma denominação exclusivamente histórica, que não abrace características pentecostais, ou uma pentecostal que ainda prescreva como parte de sua doutrina proibições tão radicais como o uso de calças ou o corte de cabelo para as mulheres. O fato é que as denominações têm se adaptado ao público, procurando se adequar, na tentativa de manter seus fiéis (Almeida & Montero, 2001). Existem, portanto, outras denominações de menor porte e de expressão regional, que agregam características tradicionais e pentecostais, resultando em uma mistura que individualiza estas igrejas em relação aos grandes grupos citados acima.

Entre as camadas populares, os pentecostais e neopentecostais assumem força cada vez maior, de acordo com o último censo publicado pelo IBGE (2000). De acordo com Almeida (2004), na região metropolitana de São Paulo as igrejas pentecostais (clássicas e neopentecostais) têm, entre seus adeptos, recebido cada vez mais pessoas provenientes de classes com baixo nível sócio-econômico. De acordo com Bohn (2004), entre os pentecostais pode ser identificado um padrão alto de indicativo de pobreza.

A conversão – palavra utilizada neste trabalho de acordo com o significado atribuído pelos participantes – é o processo de decisão através do qual um indivíduo abandona alguns valores e práticas “do mundo” e estabelece um relacionamento

com Deus e Jesus Cristo, através dos ensinamentos bíblicos e identificação grupal com os membros da igreja na qual se converte (Machado, 1996; Mafra, 2007).

A conversão pode ser marcada por acontecimentos mais visíveis, como passar a “ter forças” para abandonar um vício, ou por acontecimentos mais abstratos, como mudanças nas relações de gênero e poder (Stadtler, 2002), e na aceitação de Jesus como único representante do Evangelho de Deus (Noemi, 2004). A conversão pode, ainda, estar relacionada simplesmente a uma forma de contraposição ao sistema social que já o exclui (àquele que se converte), como é observado entre as classes populares. De acordo com Almeida e Montero (2001), “a conversão ocorre como internalização da religião acompanhada de mudança de comportamento social e reorganização da vida em torno de uma ‘comunidade de irmãos’”. (p. 99).

Em seu estudo sobre a conversão ao pentecostalismo, Pacheco et al. (2007) encontraram pessoas que, apesar de recentemente convertidas, eram capazes de identificar as transformações ocorridas por causa desta experiência. Os autores identificaram que as mudanças denunciadas pelos participantes se referiam a modificações na personalidade, no humor, no autocontrole e na auto-estima. Estados anteriores de inquietude, depressão, desejo por suicídio ou agressividade foram substituídos por um novo estado, descrito como mais paciente, tolerante, realista, humilde e motivado. Segundo Pacheco et al., “a afirmação de leis e vontades divinas (...) apresenta-se como algo que promove uma capacidade de aceitar melhor as frustrações e favorece uma personalidade menos egocêntrica e mais firme diante das adversidades” (p. 55). A adesão a esta nova religião, fundamentalmente, se apresenta como um ideal de vida, referencial a ser seguido em cada decisão a ser tomada, em cada comportamento a ser realizado, fenômeno

este que pode ser observado em todas as classes sociais, idades e gênero. É possível pensar que ocorre uma espécie de redefinição motivacional ampla a partir de um único episódio, embora seja razoável acreditar que ela decorra de um processo de sedimentação e de micro-decisões cujo amadurecimento caminha lado a lado com as circunstâncias de vida tal como vivida no dia-a-dia.

A adesão a uma comunidade religiosa se mostra como relevante para a construção da identidade juvenil, como afirmam Scott e Cantarelli (2004). Leeuwen, Knippenberg e Ellemers (2003) afirmam que grupos como a família, associações e a igreja frequentemente se tornam de grande importância para seus membros, particularmente em sua capacidade de formar a base da autodefinição. Estes e outros autores relatam a importância da vinculação religiosa como parte do processo de formação identitária para aqueles que passam por esta experiência, e a consequência desta vinculação são atitudes e comportamentos diferenciados, coerentes com esta nova participação, e que se diferenciam daqueles observados em outros grupos dos quais não fazem parte, ou não mais fazem parte. Estas alterações valorativas e de comportamento envolvem o relacionamento conjugal e familiar.

Os evangélicos relatam que as transformações vivenciadas por eles no momento do trânsito religioso (Almeida & Montero, 2001) são positivas e interferem diretamente nos relacionamentos com outras pessoas. As relações familiares não constituem exceção, e as estratégias elaboradas com base bíblica utilizadas para manutenção de um bom relacionamento entre cônjuges e entre estes e seus filhos parecem resultar em práticas distintas das que vigoravam anteriormente e que são percebidas por quem as vive como mais satisfatórias (Lambert & Dollahite, 2008; Mafra, 2007; Rabinovich, Costa & Franco, 2008).

Os estudos referentes à família devem se desenvolver, de acordo com Samara (2002), considerando-se a “temporalidade, etnias, grupos sociais, contextos econômicos, regionais, razão de sexo e movimento da população” (p. 28). Faz-se necessário, portanto, conhecer a dinâmica familiar, em suas concepções e práticas, de um grupo social que tem aumentado em número de componentes no contexto brasileiro e exercido influência social.

1.4 - História, configurações e o papel da família na sociedade brasileira

1.4.1 Configurações familiares: dos tempos coloniais aos dias atuais

Oficialmente a história da família, tal como entendida na tradição europeia (ignorando-se, portanto, os indígenas existentes no território), inicia-se no Brasil com a colonização portuguesa, através dos donatários. Grande parte dos colonos que para cá foram transportados era composta por soldados e trabalhadores capazes de realizar atividades necessárias ao bom funcionamento da colônia. Muitos destes homens que chegaram ao Brasil para explorar suas riquezas eram jovens, mas boa parte deles deixou em Portugal suas esposas e filhos. Alguns poucos vieram acompanhados por suas famílias, de acordo com o relato de Silva (1998).

Durante este período, os homens casados que deixaram suas famílias, desejavam retornar precocemente por causa delas, e os solteiros não tinham perspectivas de casamento. Em decorrência de tal quadro, a Coroa passou a incentivar a população feminina de Portugal a fazer parte da colônia. Mesmo com os incentivos, o número de mulheres de origem europeia se mantinha muito baixo. Com a aproximação de alguns grupos indígenas e com o crescimento da população de origem africana resultante do tráfico escravagista tornou-se relativamente comum a

prática de homens colonos (solteiros ou casados) escolherem índias ou negras como concubinas, embora os solteiros “raramente com elas contraindo matrimônio segundo os ritos da Igreja católica anteriores ao casamento tridentino” (Silva, 1998, p. 15).

Corrêa (1993) registra a importância da família patriarcal como sendo o modelo mais difundido de organização da vida familiar e social na época colonial, mas frisa a importância de considerarmos especificidades de um país construído econômica e socialmente de forma tão irregular e progressiva. A autora nos convida a reconhecer que “a ‘família patriarcal’ pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante, apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira” (p. 27).

Referindo-se ao período mais recente, Berquó (1998) discorre sobre uma tendência à transformação da família hierárquica para um modelo mais igualitário, iniciado no Brasil entre a classe média, posteriormente abrangendo a classe popular. De acordo com a autora, apesar do caráter nuclear da família (casal com ou sem filhos) ainda predominar, o tamanho da família diminuiu, assim como aumentou o número de uniões conjugais sem vínculos legais e o de famílias monoparentais. A instituição do divórcio – e conseqüente possibilidade de um novo casamento – podem ter contribuído para a ocorrência das mudanças identificadas pela autora através dos censos realizados no Brasil:

Em um contexto de compressão do mercado matrimonial, ocasionado por um déficit de homens nas faixas etárias em que as pessoas costumam casar-se, como é o caso do Brasil, as uniões consensuais funcionariam como um mecanismo por meio do qual os homens poderiam mover-se entre várias uniões instáveis, ‘dividindo-se’ entre diversas mulheres ao longo dos anos (p. 421).

Até que se chegasse a esta pluralidade de modelos familiares e à aceitação cada vez maior destes modelos pela sociedade, a transformação foi gradativa, e muitas vezes, árdua. O casamento era basicamente uma relação comercial, durável, objetivando quase que unicamente a manutenção ou elevação do *status* e poder econômico da família. No século XVIII, a associação entre sexo e pecado não permitia que amor e paixão andassem lado a lado. Relações sexuais com intensidade e paixão aconteciam predominantemente fora do casamento. O amor romântico como base da união, no contexto de influência europeia, se consolidaria somente algum tempo depois, a partir do século XIX (Del Priore, 2006).

Durante o século XIX os relacionamentos conjugais parecem ter permanecido como norma geral de relacionamento entre homem e mulher, assim como permaneceu a visão de gênero predominante: “O homem nascera para mandar, conquistar, realizar. (...) A mulher, por sua vez, nascera para agradar, ser mãe e desenvolver certo pudor natural” (Del Priore, 2006, p. 124). Segundo a autora, os homens eram românticos e rasgavam seus corações às moças pelas quais se interessavam nos limites que a época permitia. Os namoros eram curtos, e quase sempre os futuros cônjuges eram determinados pelos pais. Quando os jovens se enamoravam, e os pais não consentiam no relacionamento, era comum que o rapaz levasse consigo a moça, fugindo de todos e se unindo a ela. De acordo com Del Priore, a fuga poderia servir, em outros casos, para evitar a necessidade da realização de uma grande festa de casamento, preservando os bens da família de origem. Independente da forma como acontecia, depois da realização do casamento, o romantismo parecia ceder lugar à divisão bem estabelecida de papéis, e o sistema era mantido.

Del Priore (2006) afirma que, no início do século XX, o amor passou a ser parte importante do processo de escolha de parceiros e da natureza do relacionamento conjugal; uma união já não poderia ser exclusivamente justificada por interesses econômicos, e este tipo de escolha, segundo a autora, passou a ser socialmente considerado vergonhoso. A partir dali o amor passaria a ser visto como o alicerce de um relacionamento. As mulheres passaram a lutar por sua independência e a se associarem à movimentação política da época. A autora relata que “indo além, anarquistas consideravam, igualmente, o fim da valorização burguesa da virgindade, o direito ao prazer sexual, o direito à maternidade consciente” (p. 260), considerando, ainda, a prostituição como resultado de uma sociedade capitalista injusta. As mudanças tecnológicas também contribuíram para a alteração do cotidiano das pessoas e das famílias.

Por volta de 1900 não era apenas a família brasileira que passava por transformações. De acordo com Therborn (2006), até mesmo as sociedades mais rígidas do ocidente e do oriente sofriam algumas mudanças, de maior ou menor proporção. A família europeia ocidental, segundo o autor, foi a que manteve menos características patriarcais, ainda que cercada por sociedades contemporâneas nas quais a autoridade masculina era inquestionável. Muitos dos filhos deste tempo foram frutos de uniões extramaritais, fosse por causa do casamento tardio, ou de relações extraconjugais.

Houve um tempo em que pensar em divórcio era a certeza da decadência, segundo Del Priore (2006). A partir do momento em a mulher conquistou sua independência financeira e ao mesmo tempo o divórcio passou a ser considerado como uma possibilidade, angariando alguma aceitação social – ou ao menos ocorrendo diminuição do preconceito direcionado às mulheres divorciadas –

surgiram novas configurações de família (Vaitsman, 1994), os papéis sociais foram revistos, e até mesmo a legislação foi, e tem sido, transformada em função de novas práticas (Valle, 2004). No Brasil não foi diferente, e a partir do momento em que os indivíduos conseguiram maior autonomia em relação às instituições e o amor romântico foi sendo compreendido como alicerce do relacionamento conjugal, pode-se dizer que

a necessidade da intensificação das relações pessoais aumenta as expectativas em relação ao desejo de ser compreendido pelo outro e torna-se difícil, senão impossível, que o recíproco retrato idealizado se sustente no cotidiano. Expectativas mais elevadas implicam também, ao não serem ajustadas à realidade, maiores desilusões, crescente instabilidade e incerteza (Torres, 2000, p. 150).

De acordo com suas circunstâncias de vida e situação econômica, cada indivíduo foi se aproximando da possibilidade de definição de sua própria família, cada vez mais representada por modelos diferentes. A instabilidade e a incerteza das quais nos fala Torres (2000) não apontam somente para expectativas mais elevadas, mas talvez para uma insegurança no que diz respeito à estabilidade e durabilidade do relacionamento. Esta insegurança pode ser compreendida frente à incapacidade, cada vez mais presente, de prever se a família permanecerá ou não representada pelo modelo original de formação: poderia acontecer uma separação, poderia haver integração de novos indivíduos. Ainda assim, para Sarti (2004), a família representa, para o jovem, um lugar de apego, segurança e rede de proteção.

Apesar da crescente autonomia, especialmente a feminina, e da instabilidade dos relacionamentos, Singly (2007) acredita na necessidade do estabelecimento de laços conjugais. No entanto, o autor coloca que esta autonomia torna "ainda mais inaceitável uma união que não permite mais a construção de sua identidade pessoal

e a unificação de suas próprias contradições internas” (p. 160). Os interesses pessoais facilmente se encontram acima de uma necessidade social de manter um casamento que não se revela satisfatório, e a formação de novos relacionamentos expressa esta necessidade, destacada por Singly, de estabelecimento de laços conjugais, formais ou não.

Entre as camadas populares, as famílias são arranjadas de acordo com suas necessidades de sobrevivência, embora influenciadas pelas demais classes sociais (Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003). Para os autores, as relações de gênero quase não mudaram em relação ao passado, sendo o homem provedor e líder moral da família. Este homem pode não estar efetivamente presente, mas está simbolicamente representado, ainda que este papel seja muitas vezes idealizado, pois em decorrência do desemprego e da adesão à bebida, a imagem do homem pode ser deteriorada, e os papéis de gênero, algumas vezes, se tornam flutuantes e confundidos. Muitas mulheres assumem a posição de prover financeiramente a família, além de manter os cuidados com a casa e com os filhos. Quando a mulher assume esta posição, pode restar ao homem, quando efetivamente presente, dividir estas tarefas, ou ficar destituído de papéis; no entanto, este homem pode permanecer decidindo tudo o que é referente à casa, à esposa e aos filhos, uma vez que valores rígidos e flexíveis relacionados a gênero coexistem atualmente.

Nas comunidades mais carentes, mais do que os laços sanguíneos, são considerados os laços de solidariedade para definir e delimitar uma família, uma vez que muitas crianças moram com outras pessoas que não seus pais, ou moram com apenas um deles, e há uma relação de solidariedade entre parentes e comunidade. Este suporte fornecido entre as pessoas assegura a sobrevivência e os cuidados das crianças, ainda que seus pais não estejam aptos a assumir a responsabilidade

naquele momento, ou mesmo posteriormente (Fonseca, 2002). Os modelos familiares assumem características diversas, frequentemente com a presença de um morador sem parentesco biológico com os demais membros da família que ocupa a residência. De acordo com Sarti (2007),

A família pobre não se constitui como um *núcleo*, mas como uma *rede*, com ramificações que envolvem a rede de parentesco como um todo, configurando uma trama de obrigações morais que enreda seus membros, num duplo sentido, ao dificultar sua individualização e, ao mesmo tempo, viabilizar sua existência como apoio e sustentação básicos (p. 70, grifos da autora).

A privação econômica é em parte a responsável pela instabilidade familiar, de acordo com estudos realizados por Sarti (2007). A autora aponta que “as famílias desfeitas são mais pobres e, num círculo vicioso, as famílias mais pobres desfazem-se mais facilmente” (p. 66). A instabilidade do mercado de trabalho gera instabilidade também na atribuição dos papéis em casa, e a frustração diante das expectativas pessoais que não são e não serão realizadas prejudica relacionamentos, facilitando a dissolução destes e a possibilidade de novas tentativas, com outras pessoas.

A separação, no entanto, constitui-se como possibilidade para todas as classes sociais, como apontado por Féres-Carneiro (2003) e Jablonski (2003) em seus estudos realizados entre a classe média. Para Pasquali e Moura (2003), a decisão pelo divórcio não pode ser explicada pelo aumento do número de divórcios na sociedade em geral, mas ela ocorre por motivos internos ao relacionamento, por problemas que se estabelecem entre o casal.

O estudo realizado por Menandro, Rölke e Bertollo (2005) a partir de provérbios demonstra que as diferenças de gênero entre o homem, dotado de poder,

e a mulher, desvalorizada, submissa, estão presentes na cultura e podem justificar o relacionamento desigual no casamento, bem como a distribuição de papéis marcada por estas diferenças. Perlin e Diniz (2005) realizaram um estudo com casais nos quais ambos trabalham, e perceberam que, apesar do alto investimento na manutenção do casamento, as mulheres apresentam menor satisfação com o casamento do que os homens, possivelmente porque a mulher assume uma carga maior de trabalho, acumulando as funções fora e dentro de casa. Petrini (2005) tem compreendido que estas progressivas alterações nas configurações familiares e na distribuição mais democrática de tarefas e papéis têm passado por questionamentos referentes ao ideal de sacrifício da pessoa pelo bem da família.

1.4.2 Socialização e formação identitária

O meio familiar é o primeiro ambiente no qual uma criança experimenta interações relacionais (Bastos, Alcântara & Ferreira-Santos, 2002). Através destas relações é que ela inicia a elaboração do conhecimento sobre o mundo que a cerca e sobre as normas e valores sociais que nortearão seu comportamento – de aceitar ou questionar os padrões – desde a infância até a vida adulta (Biasoli-Alves, 1997).

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi o ponto de partida para que as crianças, especialmente as menores, passassem a ser cuidadas por instituições. Atualmente, no entanto, a concepção sobre educação infantil tem sido transformada, requisitando-se que seja promovida aos filhos a convivência com outras crianças – o que não acontece cotidianamente no ambiente familiar – e demandando a necessidade de maior espaço físico para que eles se desenvolvam, espaço este não disponível nos cada vez menores apartamentos que têm abrigado as famílias.

Assim, a mãe que deixa o mercado de trabalho para exclusivamente exercer seu papel de mãe já não é tão apoiada socialmente (Rosemberg, 1995).

Sobre papéis e funções relacionados aos cuidados com os filhos, Wagner et al. (2005) encontraram dois tipos de organização familiar: um grupo no qual as mulheres são as principais responsáveis pelas tarefas mais importantes realizadas, e outro no qual há uma divisão mais bem distribuída, entre pai e mãe, para a execução das tarefas direcionadas aos cuidados com os filhos. Quando o relacionamento marital é satisfatório, as tarefas domésticas e as práticas de educação dos filhos são mais facilmente compartilhadas entre o casal (Braz, Dessen & Silva, 2005). Um bom relacionamento familiar é o responsável, ainda segundo as autoras, pelo sentimento de segurança das crianças.

Para Perucchi e Beirão (2007), entre as mulheres chefes de família, existem concepções sobre o papel masculino que remetem à valorização do pai participativo e presente como educador, ainda que efetivamente ele não esteja presente naquela família. As mães, neste estudo, se consideram exercendo as funções de pai e mãe, sendo as responsáveis pelo sustento financeiro e pela educação de seus filhos.

Este sustento promovido pelos pais tem se prolongado e intensificado, uma vez que a dependência que crianças e adolescentes têm dos adultos é cada vez mais acentuada na sociedade moderna (Salles, 2005). Até mesmo adultos jovens têm mantido este relacionamento de dependência emocional e/ou financeira com seus pais, como demonstra o estudo realizado por Silveira e Wagner (2006). Scott e Cantarelli (2004), no entanto, demonstram que existem diferenças quando o jovem é participante de grupos religiosos. Para os autores, estes “jovens de igrejas”, em si, são um segmento que se destaca de outros jovens. “Lançam mão dos sinais diacríticos que marcam a juventude, como lazer, sociabilidade, namoros, músicas,

aprendizado e educação, e colorem esses sinais com a particularidade das suas denominações religiosas” (p. 387). A socialização e a formação identitária, quando acontecem em um contexto religioso, podem estabelecer configurações próprias do grupo social em questão, direcionando para novos caminhos e diferentes formas de se estabelecer relacionamentos.

1.4.3 Relacionamento familiar e grupos religiosos – uma intercorrência atual

A religião, considerada fator importante na manutenção do vínculo matrimonial, “na medida em que passou a ser interpretada pelas pessoas de forma mais individualizada e privatizada, vem perdendo seu peso como instituição impositora de normas e costumes” (Jablonski, 2003, p. 142). Para o autor, a sustentação do casamento dada pela igreja atualmente não apresenta grande força, com o que as transformações nos modelos familiares podem acontecer com maior grau de liberdade.

Este fenômeno, de forma relativamente generalizada, vem se manifestando na sociedade brasileira. No entanto, grupos religiosos cristãos existentes no Brasil têm lutado para preservar conceitos e comportamentos que consideram ideais, de acordo com um embasamento bíblico e religioso. Tais conceitos e comportamentos são transmitidos através do ensino dos mais velhos aos mais jovens, de cursos livres ministrados nas igrejas, dos sermões nos cultos e do incentivo à literatura especializada (Domínguez, 1998).

Alguns autores têm tentado relacionar os temas conjugalidade/família e religiosidade, buscando encontrar as possíveis convergências, influências e construções estabelecidas entre famílias de pessoas religiosas. Alguns exemplos serão citados a seguir: Lambert e Dollahite (2008) entrevistaram casais pertencentes

às principais religiões de origem abraâmica, procurando identificar se e até que ponto os participantes percebiam a influência que a religião exercia sobre seu relacionamento. Os autores puderam demonstrar que a religião influencia o relacionamento no sentido de torná-lo mais estável, de proporcionar desejo e estratégias para a resolução dos eventuais problemas que surgem entre o casal e de proporcionar o sentimento de estabilidade, visto que ambos sabem que a separação não é considerada pelo outro como uma possibilidade. Willians e Lawler (2003) realizaram um estudo comparativo entre casais nos quais ambos os cônjuges pertencem à mesma igreja e casais nos quais os cônjuges participam de grupos denominacionais diferentes. Os autores identificaram a comunicação como fator primordial para solucionar os conflitos existentes entre os casais dos dois grupos estudados. Gibson (2008) apresenta uma discussão sobre a relação entre religiosidade e traição na terapia de casais.

Os exemplos acima citados são alguns entre os textos de origem estrangeira que relacionam família e/ou casamento e religiosidade. Entre os textos brasileiros que trabalham com a questão da religiosidade, podem ser citados os estudos realizados por Vainfas (1986), Villa, Del Prette e Del Prette (2007) e Rabinovich, Costa e Franco (2008). No entanto, a literatura nacional que se ocupa do relacionamento entre os temas família e religião ainda é escassa.

Entre os grupos religiosos, entretanto, existem muitos livros e manuais específicos publicados tratando do tema da conjugalidade. Os assuntos abordados são embasados na Bíblia e na cultura religiosa. É proposto que: o casamento deve ser eterno, fundamentado no amor e abençoado por Deus e pelos pais (Paula & Paula, 2004); existem papéis específicos masculinos e femininos (Lahaye & Lahaye, 1986); no casamento deve existir fidelidade – e isso inclui a impossibilidade de

qualquer forma de relacionamento sexual antes ou fora do casamento (Maldonado, 2003). Fazer sexo fora do casamento, seja o ato realizado por uma pessoa solteira, seja o sexo extramarital, não é permitido porque a fidelidade é referente ao futuro cônjuge. Pessoas que estejam namorando não podem ter certeza de que virão a casar-se uma com a outra no futuro e, portanto, se consideram fiéis ao cônjuge antes mesmo de conhecê-lo. A fidelidade também é referente a Deus, pois consideram que ele não aprova qualquer relação sexual que aconteça fora do relacionamento conjugal. Os textos falam ainda sobre a forma como Deus pode intervir para que ocorram transformações individuais que beneficiem a família (Chapman, 1997; Grzybowski, 2003;). Estes seriam os temas principais, servindo como base para uma infinidade de crenças e regras menores, de acordo com a doutrina específica de cada denominação.

Além dos livros, existe um curso muito divulgado no meio evangélico denominado “Casados para Sempre”, que reúne grupos de casais que, durante várias semanas, se encontram sob a liderança de um casal que já tenha participado do curso e do treinamento, e discutem questões bíblicas relacionadas ao casamento. (www.mmibrasil.com.br).

1.5 Objetivos

O estudo realizado pretendeu conhecer, descrever e analisar concepções e práticas relativas aos temas interrelacionados da vida conjugal, constituição de família e projeto de vida, relatados por casais participantes de um grupo religioso evangélico de origem neopentecostal, buscando elementos que possam ser considerados significativos para a compreensão do processo de formação identitária implicado.

1.5.1 Objetivos específicos

1. Identificar aspectos do processo de formação identitária dos participantes em função de sua vinculação ao grupo religioso (sentimento de pertença psicológica ao grupo e sentimento correspondente de afastamento das características e das concepções de membros de outros grupos claramente distintos – o que pode incluir grupos dos quais o indivíduo já fez parte anteriormente).
2. Investigar concepções, valores e práticas referentes ao relacionamento conjugal compartilhados pelos membros do grupo religioso, com atenção à coerência percebida por cada participante entre o que é idealizado e o que é vivido e às menções à forma com que vive cada situação em termos emocionais/afetivos.
3. Investigar concepções, valores e práticas referentes à vida familiar compartilhados pelos membros do grupo religioso, com atenção à coerência percebida por cada participante entre o que é idealizado e o que é vivido e às menções à forma com que vive cada situação em termos emocionais/afetivos.
4. Analisar, dentro dos limites possibilitados pela natureza da entrevista nos moldes em que foi realizada, relações entre a identidade social/cultural/religiosa do grupo e seus projetos de vida nas esferas em que ele pode se desdobrar: conjugal, familiar, profissional, comunitária, política.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A complexidade dos processos identitários e dos relacionamentos afetivos e familiares, bem como a riqueza de detalhes que poderiam ser encontrados no curso da investigação, exigiram o emprego de estratégias que favorecessem a captação de tais elementos com a maior amplitude possível, e que facilitassem também a formulação, por parte dos participantes, de reflexões que permitissem ao investigador reconstruir os processos implicados sabendo identificar que elementos são essenciais para a compreensão das articulações entre os contextos de relacionamento abrangidos pela investigação.

A partir da década de 1970 configurou-se uma crise na Psicologia em relação ao método de pesquisa, relacionada “às dicotomizações que contrapõem Ciência Humana à Natural, ou Métodos Quantitativos e Qualitativos” (Biasoli-Alves, 1998, p. 136). O desafio era constituído por eleger um método científico e adequado para a realização de uma ciência que, como qualquer atividade, é influenciada pela cultura em que está inserida, e tem o papel de discutir temas de interesse real para a comunidade. Foi sendo necessário, portanto, perceber a necessidade de estudar o método de acordo com o objeto e os objetivos do projeto.

Considerados os objetivos da investigação aqui proposta, a pesquisa qualitativa apresentou-se como sendo a escolha possível do delineamento metodológico para a presente pesquisa. A investigação qualitativa possui características descritivas, e a análise de dados tende a ser realizada de forma indutiva. O investigador, observando fenômenos de seu interesse, procura conhecer a constituição das experiências e de seus significados nos contextos em que os fenômenos acontecem (Trindade, Menandro & Gianórdoli-Nascimento, 2007).

A pesquisa qualitativa pretende possibilitar o acesso à totalidade do fenômeno tal como é vivido e significado por determinado indivíduo em seu cotidiano (Flick, 2004), alcançando detalhes e possibilitando uma análise mais específica e contextualizada do que aquela que é proporcionada por outras propostas de investigação. Apesar de não oferecer garantia quanto à possibilidade de generalização dos resultados, a análise resultante da pesquisa qualitativa pode constatar relações e regularidades que servem de base para a proposição de modelos explicativos de processos em curso, além de favorecer a construção de novos questionamentos cada vez mais contextualizados em relação aos temas investigados.

2.1 Participantes

2.1.1 A comunidade religiosa

Ao pensar em uma investigação envolvendo grupos religiosos brasileiros, é necessário considerar a existência de uma grande diversidade de credos, classificações e denominações, cada subdivisão contendo particularidades que as diferenciam e fazem com que se apresentem como grupos diferentes. Entre os religiosos é necessário, portanto, que se retire uma amostra que forma um subconjunto do universo religioso, como sugerido por Turato (2003).

Dentre os cristãos protestantes, as características doutrinárias de cada igreja são específicas. Há uma divisão didática entre igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais (Almeida & Montero, 2001; Cognalato, 2007; Pierucci, 2000). Conceitos e práticas se misturam, atribuindo a cada denominação uma configuração única. Grande parte das igrejas instaladas em bairros populares das grandes

idades são neopentecostais. Entre elas estão as mais conhecidas, como a *Deus é Amor e Igreja Universal do Reino de Deus*, e igrejas menores, produtos de rompimento com a denominação da qual faziam parte – na maioria das vezes igrejas históricas – e que agregam doutrinas e práticas tradicionais e pentecostais.

Estas igrejas têm início com um líder e um grupo de pessoas que, insatisfeitas com as características apenas tradicionais de sua igreja anterior, rompem com aquela para formar um novo grupo que, a partir daquele momento, passa a agregar conceitos como a glossolalia, crença na cura divina e teologia da prosperidade, praticando estes conceitos e atraindo novas pessoas para participar do grupo. De acordo com Almeida (2004), o que ocorre no Brasil desde a década de 1960 é a “pentecostalização do protestantismo histórico” (p. 19).

A igreja na qual os dados relatados no presente trabalho foram buscados é uma denominação com estas características. Fundada há quase sete anos, e com aproximadamente 500 membros oficiais na época da coleta (batizados e com seus nomes arrolados na lista de membros), além daqueles que frequentam os cultos e as células esporadicamente, a igreja está sediada em um bairro localizado na periferia da cidade de Vitória-ES.

A estrutura básica do funcionamento da igreja são os cultos, realizados todas as quartas-feiras e domingos, as *redes* e as *células*. *Redes* são cultos realizados com frequência quinzenal ou mensal, direcionados a grupos específicos, como jovens, homens, mulheres e famílias. *Células* são pequenos grupos que se reúnem semanalmente nas casas de membros, liderados por pessoas treinadas para conduzi-los. Nestes pequenos grupos, que se configuram como porta de entrada para novos membros, é promovido um nível maior de intimidade entre os participantes. Existem, ainda, grupos de pequena duração, nos quais são tratados

temas específicos. Dentre eles, *Casados para sempre* e *Pais para toda vida*, cursos padronizados e de difusão internacional que abordam, respectivamente, temas referentes ao relacionamento conjugal e à educação de filhos.

Havendo limitação de tempo para a realização do presente trabalho, e sendo parte da proposta utilizar o conceito de identidade social para a compreensão do fenômeno, os participantes da presente pesquisa foram selecionados de acordo com sua participação efetiva nesta igreja. Para que casais com este perfil fossem identificados, líderes da igreja indicaram os nomes dos participantes.

A justificativa para a escolha de tal grupo como objeto de investigação apoia-se em dois pontos principais:

a) A existência, em tal contexto religioso, de atividades que objetivam promover a aceitação de determinados conceitos considerados importantes para o exercício da vida conjugal e para a constituição da família (tanto em termos de formação para o exercício de tal realidade com todas as suas implicações como em termos de sua continuidade, ou seja, da manutenção do vínculo conjugal e da harmonia familiar);

b) O fato de tais conceitos e as práticas que dele derivam diferirem, em diversos aspectos, dos modelos de vida conjugal e vida familiar que são apresentados como correntes pelos meios de comunicação de massa, modelos esses que, possivelmente, também podem ser constatados como caracterizando a realidade de algumas das famílias com as quais os componentes do grupo investigado relacionam-se em seu dia-a-dia (podendo ser aí incluída, eventualmente, sua própria família de origem). Essas possíveis situações de contrastes representam elemento de interesse teórico para a discussão da identidade social.

2.1.2 Os casais

Foram entrevistados 10 casais, indicados pela liderança da igreja ou por outros participantes da pesquisa. Constituíram critérios para a seleção do grupo: 1) ambos os cônjuges deveriam ser membros da igreja há pelo menos um ano; 2) deveriam morar juntos há pelo menos um ano e no máximo há dez anos, sendo casados legalmente ou consensualmente; 3) os casais deveriam estar – ou já ter estado – envolvidos em um dos trabalhos direcionados a casais realizados no âmbito religioso do qual participam, como a “Rede da Família”, “Casados para Sempre”, Curso para Noivos One” e “Pais para Toda a Vida”.

Estes critérios buscaram garantir que os participantes apresentassem identificação razoavelmente assegurada com o grupo religioso; além de evitar que um tempo maior de casamento exigisse comparações referentes à diferença entre gerações e às eventuais transformações do papel da vida conjugal e da inserção religiosa no projeto de vida do casal.

Os participantes receberam nomes fictícios para que suas identidades fossem preservadas. Os membros de um casal receberam nomes com as duas primeiras letras iguais, e o(a) filho(a) desse casal, um nome com a primeira letra igual a dos pais, mas com a segunda diferente. Como exemplo pode ser citado o casal Vinícius e Viviane, com sua filha, Vanessa.

Algumas palavras de uso frequente entre o grupo religioso, referentes a questões religiosas e/ou ao funcionamento da igreja da qual fazem parte, e que foram citadas durante as entrevistas, tiveram seu significado explicado, tal como são consideradas pelo grupo. Estas palavras podem ser encontradas no Apêndice A.

2.2 Instrumentos

Os casais foram entrevistados separadamente. Foi utilizado um roteiro para a realização de entrevista semi-estruturada (APÊNDICE B). O mesmo roteiro foi utilizado como base para as entrevistas realizadas com homens e mulheres.

O roteiro previa a solicitação de: 1. dados sócio-demográficos; 2. informações acerca do interesse dos participantes pela religião; seu envolvimento com o grupo religioso do qual participa; sua percepção acerca deste grupo religioso e de seu relacionamento com os membros do grupo; sua percepção e relacionamento com outras pessoas com as quais convivem, mas não fazem parte de seu grupo religioso; mudanças individuais decorrentes de seu envolvimento com a religião; 3. informações acerca de seu relacionamento conjugal; história do casal e decisão de estabelecer uma união; mudanças decorrentes do casamento; relações de gênero entre o casal e papéis de cada um; influência dos conceitos religiosos no relacionamento do casal; 4 informações sobre relacionamento familiar incluindo os filhos; decisão de ter, não ter ou adiar a chegada dos filhos; conceitos e práticas que os participantes consideravam importante para a transmissão aos filhos, independente de serem pais ou não; e para os que já eram pais, as mudanças em sua vida e em seu casamento decorrentes do nascimento do(a) filho(a); planos para o futuro da família.

2.3 Procedimento de coleta de dados

Primeiramente, o pastor principal da igreja foi contatado e autorizou a coleta dos dados entre os membros de sua igreja. Ele delegou à líder da *Rede da família* a

responsabilidade de indicar os casais que atendessem aos critérios de participação do grupo, e esta entregou uma lista contendo os nomes e os números de telefone dos casais.

O primeiro contato com os casais se deu por telefone. Após breve explicação sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, citando o conhecimento e o consentimento do pastor acerca desta, era realizado o convite para participação. Uma vez que tanto o esposo e quanto a esposa tivessem concordado com a participação na pesquisa, era marcado um encontro, em dia, horário e local da preferência dos participantes. Nove casais preferiram marcar em uma data em que ambos não tivessem outro compromisso, apesar de já saberem que as entrevistas seriam individuais. Em oito casais a mulher foi a primeira a participar.

Houve certa dificuldade para a concretização das entrevistas, e algumas recusas, uma vez que a maior parte dos casais indicados estava envolvida em mais de uma atividade semanal relacionada à igreja, além das atividades profissionais regulares. Assim, a maioria das entrevistas foi realizada durante os finais de semana, algumas delas após mais de uma remarcação.

Após a leitura e assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (Apêndice C) pelo participante, a entrevista foi gravada para posterior transcrição. O roteiro (Apêndice B) foi utilizado como disparador e como guia, para que nenhum tema deixasse de ser abordado; no entanto, o participante pôde falar livremente a partir de uma questão, sendo que esta fala podia abranger boa parte do roteiro.

De acordo com Pinheiro (1999), o sentido, na entrevista, é produzido interativamente entre aquele que fala, aquele que ouve, e todos os personagens trazidos pelo entrevistado como partes importantes dos acontecimentos vivenciados.

Segundo o autor, o indivíduo se posiciona ao longo de toda sua vida em relação às suas vivências, construindo o processo pelo qual se configura sua identidade.

2.4 Procedimento de análise de dados

As entrevistas gravadas foram integralmente transcritas e transportadas ao software QSR N6 para auxílio na realização da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977).

2.4.1 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo consiste em um método de análise de texto, desenvolvido dentro das ciências sociais (Bauer, 2002). Este método permite a investigação a partir de dados literários já existentes para outros fins, bem como de dados produzidos especificamente para a pesquisa, como os grupos focais e as entrevistas.

Após o estabelecimento do contato entre investigador e a transcrição das entrevistas, o material transcrito é lido tantas vezes quanto for conveniente (caracterizando uma “leitura flutuante” – Bardin, 1977), em procedimento que antecede a identificação e classificação de trechos das entrevistas por eixos temáticos, inserindo-os em categorias de conteúdo relacionadas aos objetivos do trabalho, o que é necessário para a percepção de regularidades e de associações, processo essencial para a interpretação dos dados. Para a elaboração destas categorias foi utilizado um software que possibilitou a realização deste processo de forma mais prática e rápida.

2.4.2 Software QSR N6

A utilização de um software para a organização dos dados tem se tornado comum em pesquisas qualitativas, uma vez que estas normalmente geram grandes quantidades de dados textuais que devem ser organizados de forma sistemática, visando à realização de uma análise mais completa e aprofundada. O programa computacional NUD*IST permite a codificação dos dados diretamente no computador (Bauer, 2002).

O software QSR N6 é a sexta versão do NUD*IST (*Non-numerical Unstructured Data Indexing Searching and Theorizing*), originalmente desenvolvido para computação de dados qualitativos. O QSR N6 é um programa claro e simples para organização e exploração de dados qualitativos em projetos centrados em metodologias baseadas em categorias de conteúdo (QSR International, 2002).

O N6 opera em dois conjuntos de dados complementares: um sistema que contém os dados textuais (*document system*) e o sistema de categorias (*node system*), construídas antes e durante o processo de organização dos dados.

Um novo projeto é criado no N6. As entrevistas transcritas são importadas do Microsoft Word pelo software, e é possível escrever notas sobre cada entrevista em "Memo". O N6 possibilita a criação de categorias (nodes), criadas de acordo com os objetivos da pesquisa, nas quais são acrescentadas frases ou parágrafos provenientes das transcrições das entrevistas. Estas falas são identificadas nas categorias pelo nome do participante, ou seja, cada categoria é constituída por trechos selecionados das entrevistas, e é possível identificar o texto do qual foi retirada aquela fala. O programa permite o acesso ao contexto daquele trecho, proporcionando a visualização do texto na entrevista da qual foi retirado.

As categorias são dispostas em forma de árvore, possibilitando a criação de categorias principais e subcategorias, ilimitadamente. Existe a possibilidade de transformar duas categorias em apenas uma, quando se chega à conclusão de que o conteúdo de ambas refere-se ao mesmo tema. É possível que a árvore seja reorganizada, alterando a ordem e os locais das categorias. Ao longo do processo, é possível criar memorandos para cada categoria, permitindo que observações sejam anotadas, evitando esquecimentos e auxiliando no processo de construção da organização dos dados.

A utilização do N6 permitiu que o processo de categorização para a análise dos dados acontecesse de forma mais rápida, segura e prática, assegurando que o tempo limitado para a realização da pesquisa não prejudicasse a análise, e que as leituras exaustivas das entrevistas contribuíssem não para o cansaço do pesquisador pela realização de um trabalho braçal, mas para a realização de uma análise de conteúdo de qualidade, uma vez que o trabalho pôde ser mais sistemático e mais explícito e, conseqüentemente, mais rigoroso.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 - Caracterização dos participantes

Quadro 1 - Caracterização dos participantes

Participante	Idade	Escolaridade	Profissão	Situação econômica	Tempo de casamento	Tempo de conversão	Tempo de membresia	Filhos
Carlos	29	Ensino médio (técnico)	Gerente comercial de laticínios.	Classe de baixa renda	04 anos.	Aprox. 02 anos	01 ano	01 menino: 03 anos. César
Carina	26	Superior	Auxiliar de controle de contratos.	Classe de baixa renda	04 anos.	Aprox. 02 anos	01 ano	01 menino: 03 anos. César
Davi	26	Cursando Superior.	Técnico de contas médicas.	Classe de baixa renda	04 anos	Aprox. 03 anos.	Aprox. 03 anos.	01 bebê: 10 semanas de gestação.
Daniela	24	Ensino médio	Operadora de telemarketing.	Classe de baixa renda	04 anos	Aprox. 05 anos.	Aprox. 03 anos.	01 bebê: 10 semanas de gestação.
Felipe	24	Ensino médio	Agente de saúde pública.	Classe de baixa renda	Quase 02 anos.	04 anos.	04 anos.	-
Fernanda	24	Ensino médio	Modeladora no setor de vendas	Classe de baixa renda	Quase 02 anos.	02 anos.	Um ano e meio.	-
Gilson	35	Ensino médio	Auxiliar administrativo.	Classe média	01 ano e seis meses	15 ou 16 anos.	Aprox. 05 anos.	-
Gisele	31	Especialização	Farmacêutica	Classe média	01 ano e seis meses	Aprox. 02 anos	Aprox. 02 anos	-
Juliano	26	Ensino médio	Taxista	Classe de baixa renda	06 anos.	08 anos.	Aprox. 03 anos.	-
Júlia	26	Ensino médio	Auxiliar administrativo	Classe de baixa renda	06 anos.	Aprox. 06 anos.	Aprox. 03 anos.	-
Leonardo	30	Superior incompleto	Técnico de instrumentação	Classe média baixa	03 anos.	Aprox. 03 anos	01 ano	01 menino: 37 semanas de gestação. Luciano

Letícia	27	Especialização	Bióloga	Classe média baixa	03 anos.	Aprox. 03 anos	01 ano	01 menino: 37 semanas de gestação. Luciano
Mateus	34	Ensino médio	Técnico de eletrônica.	Classe média baixa	08 anos.	Aprox. 15 anos.	Três anos e meio	01 menino: 1 ano e 10 meses. Michel
Marisa	33	Superior	Não está trabalhando.	Classe média baixa	08 anos.	15 anos.	Três anos e meio	01 menino: 1 ano e 10 meses Michel
Rafael	37	Ensino médio	Motorista	Classe de baixa renda	05 anos.	Aprox. 10 anos	Aprox. 10 anos	01 menina: 5 meses de gestação. Renata
Raquel	25	Superior	Administradora	Classe de baixa renda	05 anos.	A vida toda.	Aprox. 10 anos	01 menina: 5 meses de gestação. Renata
Saulo	40	Superior	Empresário na área de engenharia ambiental	Classe média	09 anos.	Mais de 20 anos.	01 ano.	01 menino: 11 meses. Sílvia
Samira	37	Especialização em curso	Pedagoga	Classe média	09 anos.	Mais de 20 anos.	01 ano.	01 menino: 11 meses. Sílvia
Vinícius	32	Especialização	Gestor de planejamento, inovação e tecnologia.	Classe média baixa	08 anos	10 anos	02 anos	01 menina: 06 meses. Vanessa
Viviane	28	Cursando Superior.	Técnica em enfermagem.	Classe média baixa	08 anos	22 anos	02 anos	01 menina: 06 meses. Vanessa

3.1.1 - Diferença de idade entre os casais

A idade dos participantes variou entre 24 e 40 anos. Entre os homens, a média de idade foi de 31,3 anos e entre as mulheres de 28,1 anos. Em apenas um caso foi constatada que a diferença de idade entre os cônjuges era superior a quatro anos (um casal em que o homem tinha 37 anos e a mulher 25). Em nenhum caso a esposa era mais velha que o marido, havendo dois casos em que os cônjuges tinham a mesma idade. A configuração “marido mais velho que esposa” é aquela mais comum e considerada mais tradicional na cultura brasileira e, portanto, os participantes do estudo não representam exceção em relação a tal aspecto. Vale registrar que dados divulgados pelo IBGE (2008a) revelam que o crescimento de uniões em que a mulher é mais velha que o homem foi bem maior do que o de uniões em que o homem é mais velho. Entre 1996 e 2006 as uniões em que a mulher é mais velha passaram de 5,6 milhões para 7,6 milhões (crescimento de 36%), enquanto as uniões de homens mais velhos que as mulheres passaram de 22,3 milhões para 27,9 milhões (crescimento de 25,3%).

3.1.2 - Escolaridade

Quanto à escolaridade, seis homens apresentaram o ensino médio completo; um homem tinha o ensino superior incompleto e um o estava cursando; um tinha o superior completo e um havia concluído um curso de especialização. Entre as mulheres, três tinham o ensino médio completo, quatro apresentaram o ensino superior completo e uma o estava cursando; duas tinham especialização. Como grupo, as mulheres apresentaram, portanto, maior escolaridade. Foram cinco os casais em que as mulheres apresentam nível de escolaridade superior ao do marido, situação que se inverte em apenas dois casais. Em tal aspecto o grupo de

participantes parece refletir uma alteração no quadro de escolaridade de mulheres e homens brasileiros que já está expressa nos dados recentes coletados pelo IBGE. A escolaridade das mulheres urbanas no país é, em média, um ano maior do que a dos homens (IBGE, 2008b). Quase todos os participantes que concluíram apenas o ensino médio desejam e tem planos de cursar o ensino superior. Apenas Carlos considera que tal plano é desnecessário para a realização de seu trabalho, mas gostaria que seu filho chegasse à universidade no futuro. Scott e Cantarelli (2004) afirmam que algumas denominações protestantes incentivam a leitura e a escolarização de seus membros. Não existem muitos elementos que permitam a realização desta comparação, uma vez que este não era um dos objetivos do instrumento, mas é interessante destacar que entre os casais considerados pertencentes à classe de baixa renda, duas mulheres completaram o ensino superior.

3.1.3 - Exercício de trabalho remunerado, tempo de casamento e número de filhos

Ainda de acordo dados divulgados pelo IBGE (2008b), houve aumento, entre as famílias brasileiras, no número de casais sem filhos em que ambos os cônjuges possuem rendimentos (3,4% dos domicílios; ou 1,9 milhão de casais). Em 58,7% destes casais a idade máxima dos cônjuges era de 34 anos, ou seja, eram casais que ainda contavam com a possibilidade de ter filhos posteriormente. Os participantes deste trabalho corroboram estes dados, uma vez que três casais ainda não tinham filhos, e três casais estavam esperando o primeiro filho. Quatro casais tinham um único filho, com idade variando entre seis meses e três anos. O menor tempo de união destes casais com filhos foi de quatro anos, o que evidencia que os

participantes procuraram esperar alguns anos depois do casamento para decidir ter o primeiro filho.

Quanto ao tempo de casamento dos participantes, a média foi de cinco anos. O casamento mais recente aconteceu há um ano e meio, e o casal com maior tempo de união completou nove anos.

No momento da realização das entrevistas, apenas uma entrevistada não exercia atividade remunerada. Os demais entrevistados apresentaram profissões compatíveis com a escolaridade; os que possuem ensino médio completo, cursando ou não o nível superior, exercem as profissões de técnico de instrumentação, motorista, taxista, auxiliar administrativo, gerente comercial, técnico de eletrônica, agente de saúde, modeladora, técnico de contas médicas, operadora de telemarketing e técnica em enfermagem. Os participantes que já completaram o ensino superior ou têm especialização exercem as seguintes profissões: bióloga, administradora, empresário, pedagoga, auxiliar de controle de contratos, farmacêutica e gestor de planejamento, inovação e tecnologia. Segundo Rocha-Coutinho (2007) o exercício de atividade remunerada pela mulher do casal, seja esta atividade de alto rendimento ou não, influencia a decisão do melhor momento para ter um filho. A autora afirma, adicionalmente, que o comprometimento destas mulheres com o trabalho é reconfigurado após o nascimento do filho. Marisa pode ser considerada como um exemplo desta reconfiguração, uma vez que deixou seu trabalho para exercer a maternidade em tempo integral.

3.1.4 - Condições sociais

A igreja da qual os participantes são membros é localizada em um bairro considerado de periferia da cidade de Vitória. Assim, era esperado que os

participantes fossem indivíduos moradores de bairros próximos e pertencentes à classe de baixa renda. No entanto, considerando o conjunto de informações formado por localização e características da moradia, além de escolaridade e profissão exercida pelos participantes, os casais considerados pertencentes à classe de baixa renda foram os residentes nos bairros: São Pedro 1, São Pedro 5, Santa Marta, Itararé e São Cristóvão. Os casais residentes nos outros bairros – Jardim Camburi, Praia da Costa, Goiabeiras, Bairro República e Santa Marta foram considerados como parte da camada média da população, seguindo os mesmos critérios.

É importante observar que mesmo as casas localizadas em bairros de periferia apresentaram seu interior muito bem organizado e com móveis e/ou eletroeletrônicos novos, o que pode demonstrar que as prioridades dos participantes no direcionamento salarial envolvem a qualidade de vida da família.

3.1.5 - Tempo de conversão e de participação na igreja

Os próprios participantes denominam como “conversão”¹ o momento a partir do qual passaram a se reconhecer como cristãos, mais especificamente como evangélicos, ou seja, passaram a “seguir” Jesus Cristo e mudaram seus valores e costumes (Mafra, 2007). Este momento tende a ser lembrado pelos participantes como um marco, e apenas aqueles que passaram a infância convivendo com a religião evangélica apresentam dificuldades para determinar o momento exato em que esta decisão ocorreu, uma vez que sua vida se desenvolveu baseada nos princípios da religião. Assim, a média de tempo de conversão entre os participantes que conseguiram definir este momento foi de aproximadamente oito anos. A conversão mais recente aconteceu há apenas dois anos. As conversões que

¹ O termo “conversão” é utilizado, neste trabalho, no sentido em que é atribuído pelos participantes, desconsiderando, aqui, os significados atribuídos por diferentes teóricos ao se referir ao tema.

aconteceram há mais tempo datam de aproximadamente 20 anos atrás, segundo os entrevistados. Uma das participantes declarou “a vida toda”, porque desde seu nascimento sua família tem grande envolvimento com a religião, e não houve em todo este tempo uma opção ativa, ela cresceu no meio e permaneceu ali.

Já o tempo de membresia na igreja atual foi, para a maioria dos casais, mais recente do que o tempo de conversão, ou seja, eles aderiram à religião através de outras igrejas/denominações e, por motivos pessoais e/ou por discordâncias doutrinárias, decidiram fazer parte da igreja atual. A média de tempo de membresia nesta igreja foi de aproximadamente três anos. Ainda que a igreja oficialmente exista há pouco mais de seis anos, alguns participantes se consideram membros dela há mais tempo, pois participavam da outra denominação na qual o pastor principal da igreja atual pastoreava, e permaneceram com ele quando este pastor decidiu iniciar um novo trabalho, se desligando da igreja anterior.

3.2 - Apresentação da categorização dos conteúdos das entrevistas realizadas com os participantes

Os dados obtidos por meio das entrevistas com os participantes foram agrupados, com o objetivo de organizá-los de forma que favorecesse sua interpretação e análise, em dois grandes blocos temáticos: A) “envolvimento com religião”; e B) “relacionamento conjugal, filhos e projetos para o futuro”. A partir de cada um destes blocos de conteúdo, foram criadas diversas categorias, apresentadas a seguir.²

² Nenhuma das categorias, ou subcategorias foi excludente, ou seja, um mesmo participante pode ter suas falas enquadradas em mais de uma categoria, pela possibilidade da existência de mais de um tema em cada fala.

O bloco temático “envolvimento com a religião” diz respeito à história da filiação religiosa do(a) participante, e às práticas, concepções e avaliações decorrentes desse envolvimento com sua religião atual. Está representado pelas seguintes categorias: 1) interesse pela religião; 2) escolha da igreja atual; 3) referência a outras religiões; 4) religião dos familiares na época da conversão; 5) mudanças relacionadas à conversão; 6) relacionamento com família e amigos, inclusive os não evangélicos; 7) visão sobre o próprio grupo; 8) participação em ministérios; 9) vivência de situações desagradáveis ou constrangedoras; 10) proposições/exigências da igreja difíceis de cumprir.

O bloco temático “relacionamento conjugal, filhos e projetos para o futuro” refere-se ao relacionamento do(a) participante com seu(sua) cônjuge, à eventual influência da religião no cotidiano do casamento, além das decisões concernentes aos filhos e ao planejamento para o futuro da família. Está representado pelas seguintes categorias: 1) como se conheceram; 2) concepções sobre como deveria ser uma vida conjugal adequada; 3) mudanças pessoais em função do casamento; 4) divisão de papéis e tarefas; 5) decisão de ter um filho; 6) razões para o adiamento de ter um – ou mais um – filho; 7) mudanças em função do nascimento dos filhos; 8) criação de filhos e ensinamentos: meios e prioridades; 9) planejamento para o futuro; 10) satisfação/ insatisfação relacionada com aspectos específicos do casamento.

Na sequência são apresentados resultados referentes a cada uma das dez categorias em que foi subdividido o bloco temático “Envolvimento com a religião”, organizados em subcategorias originadas a partir de cada uma das dez categorias mencionadas. A partir deste momento não será mais utilizada a

diferenciação de gênero na escrita, uma vez que o excesso de marcações que esta diferenciação exige dificultam a leitura do texto.

3.3 – A) Envolvimento com a religião

Para Guareschi (1996), “relação” envolve completude, “é um conceito que se aplica a uma realidade que não pode ser ela mesma, sem que haja uma outra coisa” (p. 83). Para o autor, um grupo só existe se houver nele relações, ou seja, as pessoas que são parte dele precisam estar, de alguma forma, ligadas. Estas ligações podem ser algo que elas tenham “em comum” (p. 85), que esteja tanto em uma pessoa quanto em outra. Ainda segundo Guareschi, as relações existentes em um grupo podem ser de maior ou menor intensidade, o que geraria, respectivamente, maior ou menor coesão.

As discussões sobre identidade social passam por estas questões relacionais e grupais citadas acima (Tajfel, 1974, 1983; Suda & Souza, 2006). As relações estabelecidas entre os membros de uma denominação evangélica demonstram que existe um grupo no qual as pessoas se relacionam umas com as outras, e se relacionam com Deus (Mafra, 2007). Estes relacionamentos geram coesão grupal, pois há a identificação com os princípios bíblicos, norteadores da religião, e também com seus pares, que procuram agir de acordo com estes princípios e contribuem para a manutenção da igreja como instituição de apoio e de evangelização, através da participação nos ministérios.

A coesão pode ser ainda observada quando os membros percebem que os brasileiros, ainda que considerados histórica e estatisticamente como um povo cristão, não se comportam literalmente como está escrito na Bíblia (Antoniazzi,

2003). Assim, existe sempre um “outro grupo”, que diz algo que não cumpre, ou que cumpre de forma “distorcida”. As relações com o outro grupo, portanto, passam pela ambiguidade do afastamento, das críticas, e das tentativas de transformar o outro grupo exatamente naquilo que é o meu. Esta tentativa já aconteceu no Brasil, na época da colonização, na qual todos deveriam, por *imposição*, ser catequizados e convertidos (Souza, 2008). Hoje esta tentativa passa pelo apelo da compaixão, da empatia: se há a experimentação de algo que se julga ser bom, se expressa o desejo de que o outro também experimente e *escolha* passar pelo processo de conversão.

Esta vinculação grupal afeta diretamente outras relações, como filho(a) – pai, filho(a) – mãe, relações de trabalho, amizades e até mesmo o relacionamento com estranhos. Mas é na convivência diária com cônjuge e filhos que as relações religiosas, seja com as pessoas/instituição, seja com Deus e a Bíblia, produzem maiores transformações conceituais, comportamentais e de relacionamento.

3.3.1 - Interesse pela religião

Na categoria “interesse pela religião” se configura a trajetória de cada um dos participantes referente ao interesse pela religião atual, ou como denominado por eles, o processo de “conversão”. Assim como a pessoa/personagem Severina (Ciampa, 2001) buscou conforto em outra religião quando passava por dificuldades, as pessoas costumam acreditar que a mudança de religião se dá desta forma, por necessidade de consolo, mudanças, transformação. Esta transformação de fato existe, uma vez que, como afirma Ciampa, as identidades não são estáveis, e a identificação social com um novo grupo é um processo psicológico no qual o indivíduo “sente-se identificado” com este grupo social (Souza, 2005, p.132), ainda

que o pertencimento não seja objetivo. Este “sentir-se identificado” com os evangélicos, para a maioria dos participantes, se deu inicialmente por influência de outra pessoa, que era simplesmente conhecida, ou que compartilhava com ele um relacionamento próximo e íntimo, como pode ser observado nas duas primeiras categorias presentes no quadro abaixo.

Quadro A1. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Interesse pela religião”, com exemplos de suas afirmações

Influência de pessoas de relacionamento próximo, exceto cônjuge/namorado	15	<p>Aí ele me chamou, falou: “a gente está indo lá na célula, vamos lá com a gente?”. Falei “ah, eu não estou fazendo nada mesmo, vou lá”. Peguei o meu filho, arrumei ele e fui. Agora eu não estou lembrando a idade dele, mas fui lá, eu, meu neném, fomos na célula com o meu cunhado.” (Carina).</p> <p>A minha conversão foi em 99, os meus pais aceitaram a Jesus antes dessa data, e eles sempre me incentivaram a ir. (Davi).</p> <p>Bom, minha conversão foi o seguinte. Eu nasci num lar evangélico, minha mãe, na verdade no meu nascimento a minha mãe já era de uma igreja, igreja Batista, e tal, tradicional, e eu cresci ali, indo à igreja. (Vinicius).</p>
Influência de pessoas conhecidas, mas não próximas	08	<p>Foi. Foi uma pessoa que já era membro de lá, a [Fulana], ela até mora em Santa Marta também, na época ela frequentava aquele auditório da Igreja em Vitória. (Júlia).</p> <p>Eu estudava em uma escola militar, lá no Rio de Janeiro, e dentro dessa escola havia uma reunião de oração que acontecia numa sala lá dentro, e eu já participava de alguns eventos evangélicos, mas nunca havia me envolvido, assim, com a igreja. Mas lá a reunião era diária, aí eu acabei participando e me converti. (Mateus).</p>
Influência do cônjuge/namorado	03	<p>Ah, minha conversão veio junto com a Raquel. Quando a gente começou a namorar, eu comecei a ir à igreja com ela, a frequentar, e depois de um tempo eu acabei me batizando. Se não fosse por ela eu não teria me convertido. (Rafael).</p>
Desejo de mudança de algum aspecto pessoal	06	<p>Aí um determinado dia eu disse a Deus, ajoelhado, chorando muito ainda a perda do relacionamento, e eu disse para Deus que se ele estava ali naquele lugar, que eu não aceitava mais sofrer por conta desse relacionamento, e que eu não queria mais chorar por ninguém nessa vida. Eu queria levantar dali e ter uma nova vida. Naquele instante, após a minha oração, eu levantei, e como se num estalo, num passe de mágica, eu nunca mais me angustiei, nunca mais chorei por ninguém. Nunca mais! E ali eu, sabe, eu comecei a frequentar a igreja. (Gilson).</p>

Dificuldade pessoal/ familiar	02	Voltei para a casa da minha mãe, a gente passando aquelas dificuldades todas, nós ficamos indo em uma igreja, outra igreja, outra igreja, minha mãe também estava pelejando para ir pra igreja, a gente atrás de Deus, mas não sabia que Deus não precisava estar dentro da igreja. A gente ficava indo em um monte de igreja. E pedindo assim, a Deus para ajudar, a gente estava passando dificuldade financeira, e fazendo campanha. (Carina).
-------------------------------	----	---

A influência de pessoas próximas ou mesmo conhecidas foi a indicação da maioria dos participantes para explicar sua aproximação da religião. Para algumas pessoas, como Carina e Mateus, essa influência se deu em algum momento de suas vidas, quando já adultos. Para outros participantes, como Vinícius, a influência de uma família cristã existiu desde sua infância, fazendo com que a história de vida destes indivíduos se mostre integrada à religião, em uma mistura naturalizada aos participantes, socializados na e pela religião. Alguns entrevistados reconheceram a influência também de pessoas próximas, especificamente de seus cônjuges, que passaram pelo processo de conversão previamente, ou de seus namorados, listados aqui nos casos em que vieram a se tornar os cônjuges. Aparentemente esta influência envolveu a manutenção do relacionamento, mostrando-se, portanto, de maior peso.

As pessoas que cercam cada participante, portanto, exerceram uma influência cultural que foi assimilada através de interações sociais (Bonin, 1998). Exercida desde a infância, ou em momentos específicos na vida dos indivíduos, esta participação cultural se configura na influência da estrutura social na construção da identidade, como propõem Álvaro e Garrido (2006). Assim, a opção por uma mudança religiosa nada mais é do que a influência social exercida sobre os indivíduos, uma vez que participar de um grupo religioso, para Scott e Cantarelli (2004) é um “diferenciador moral” (p. 375), que separa, no caso de seu estudo, os jovens pertencentes a este grupo de outros não pertencentes a ele.

O desejo de mudança de algum aspecto pessoal, ou dificuldades pessoais e/ou familiares também impulsionaram alguns participantes a procurarem na religião respostas para seus dilemas. Gilson fala sobre o desejo de transformação de uma situação dolorosa, e imediatamente após encontrar conforto em Deus, considera que a mudança foi não apenas imediata, mas também definitiva. Carina conta sobre sua peregrinação, ao lado da mãe, em busca não só de conforto, mas de transformações concretas, como aquelas referentes à situação financeira da família. Assim como Severina (Ciampa, 2001), estas pessoas encontraram sua humanidade, a possibilidade de (re)construção de sua identidade, abalada por decepções amorosas (Gilson), ou dificuldades financeiras (Carina).

3.3.2 - Escolha da igreja atual

A categoria “escolha da igreja atual” relata a escolha dos participantes em se integrarem àquele grupo específico. Alguns entrevistados se tornaram evangélicos já se vinculando à mesma igreja da qual continuam a fazer parte. A maioria, no entanto, frequentava outros grupos, e em determinado momento, escolheram deixá-lo e passaram a participar da igreja atual.

Quadro A2. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Escolha da igreja atual”, e exemplos de suas verbalizações

Conhecia o pastor da igreja	06	Aí fomos para a igreja, porque a gente já conhecia o trabalho do pastor, já tinha um tempo, então isso já ajudou, tranquilizou a gente de estar lá. É um trabalho sério, então a gente resolveu ir para lá, porque não tinha outro, assim, que a gente tinha referência tão boa quanto ele. (Marisa).
Conhecia um membro da igreja	08	Nós começamos a frequentar a Assembleia de Deus, ali, só ia visitando, aí meu irmão já frequentava a célula, do Pr. [Fulano], que era o nosso líder aqui, e depois a minha esposa foi, aí ela me chamou e eu fui. (Carlos). Nós já tínhamos sido convidados pela minha irmã, que se converteu primeiro, pra nós irmos na igreja, na igreja onde a gente congrega hoje. Na ocasião foi até pra consagrar o [Fulano], que é o filho dela, a Deus. Nós

		fomos. (Leonardo).
Estava buscando “avivamento”	06	Aí eu saí, fui para a igreja, outra igreja Batista, que não era tão tradicional como a minha, era como se fosse uma Batista avivada, sabe, podia bater palma, podia algumas coisas, mas não cria no batismo com o Espírito Santo. E algumas pessoas, lá dessa igreja aonde a gente foi, viviam um pouco disso, queriam um pouco disso, mas a igreja não pregava. E como a gente também estava buscando, um pouco mais de Deus, a gente começou a entender algumas coisas, e lá a gente ouviu muito isso, batismo no Espírito Santo, dom de línguas, nã nã nã, a gente foi buscando um pouco mais de Deus, e foi quando Deus falou para a gente que essa igreja seria uma parte transitória na nossa vida, que ele estava nos preparando, na verdade, para receber algo diferente. Foi quando num sonho ele revelou para nós esta igreja. Quando a gente chegou lá a gente viu a igreja que a gente tinha sonhado. E a gente ficou lá, e tem dois anos que a gente está lá. (Viviane).

Os participantes relatam, em outras palavras, que o grupo é o mesmo (evangélicos), mas algumas diferenças existentes entre as várias denominações fazem com que se identifiquem mais com alguns grupos evangélicos do que com outros, e deixem de participar deste para filiarem-se a outro (Almeida, 2004). Assim, conhecer o pastor, ou ter referências sobre o trabalho realizado na igreja são fatores que transmitem segurança às pessoas que precisam decidir sobre qual grupo frequentar. Conhecer outro membro com o qual os participantes se identifiquem também é apontado como um facilitador para esta escolha. Para Tajfel (1983), este trânsito religioso entre os pentecostais demonstraria uma subjetivação da religiosidade, a partir de percepções/vivências individuais e do diálogo estabelecido entre instituições religiosas mais ou menos flexíveis e seus membros, os quais, não encontrando em sua denominação a totalidade do que consideram ser necessário, tentam transformá-la ou a deixam, substituindo-a por outra denominação considerada por eles mais completa, como o constatado por Cognalato (2007). Os participantes que já eram convertidos optaram por esta migração, considerando que a denominação atual é mais compatível com sua representação de como deveria ser uma igreja completa.

Buscar avivamento se refere à necessidade de troca dos valores tradicionais pelos pentecostais, e à busca pelo batismo no Espírito Santo e as consequências deste (Costa, 2007; Pierrucci, 2000; Silva, 2008). Este desejo de vivenciar experiências novas com o Espírito Santo e o conhecimento de que isto não aconteceria por meio de suas igrejas tradicionais (igrejas que frequentavam na época) levaram seis participantes a buscarem a igreja atual, mesmo sem as referências anteriores, de relacionamento com o pastor e/ou com outros membros. Sua única referência foi o fato de haver correspondência entre o que viram e o modelo idealizado que haviam construído, modelo esse evidentemente positivo. Em outros termos, a igreja daquela denominação reunia características ausentes em suas igrejas anteriores e que eles estavam buscando.

Por estas três categorias, pode-se dizer que os participantes que já eram evangélicos quando passaram a fazer parte da denominação atual sentiam-se pertencentes a ela antes mesmo de tal mudança se concretizar (Souza, 2005). Este sentimento aconteceu ao mesmo tempo em que deixaram de se sentir pertencentes às denominações anteriores, como pode ser observado no item a seguir.

3.3.3 - Referência a outras religiões

A categoria “referência a outras religiões” reúne falas dos participantes referentes às religiões anteriores com as quais se envolveram, ou comparações de outras religiões com aquela da qual participam atualmente.

Quadro A3. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Referências a outras religiões”, com exemplos de suas falas

Evangélicas	06	Vivia uma vida assim, é, vamos colocar, mais de aparências. Eu queria algo mais profundo com Deus, mas eu era de uma igreja tradicional, e essa igreja tradicional nunca pregou para mim intimidade com Deus. Pregava os conceitos básicos do cristão, que é aceitar Jesus, se batizar nas águas, mas não pregava a essência da intimidade, mesmo, com Deus, através do
-------------	----	---

tradicionais		<p>Espírito Santo. (Davi).</p> <p>Tipo assim, eu gostava de estar lá, aprendia as musiquinhas, e tal, mas até então eu não entendia muito bem o que era. (Viviane).</p>
Católica	06	<p>Eu sempre gostei de me envolver, sempre fui de participar, fazia parte do coral, sempre que tinha alguma coisa, alguma peça teatral eu também estava, sempre gostei. Nunca tive medo de trabalhar na obra, de ajudar. Na época eu não levava muito a sério assim, claro, fazia tudo para Deus, mas ao mesmo tempo que estava ali na igreja saía para o trio elétrico, saía para me divertir, assim, normal, como se não estivesse fazendo nada de errado, e hoje não. Hoje jamais eu faria um negócio desses. Nem eu me sentiria bem. (Júlia).</p> <p>E eu frequentava a igreja católica, e lá você vê pessoas passando por situação difícil, mas não tem ninguém que te dá estrutura, não tem nada. Uma vez teve uma reunião de jovens, lá, que eu participava, eu entrava e saía e não tinha ninguém que, não tinha base bíblica, não tinha nada. Um dia uma pessoa evangélica foi lá dar estudo, e eu vi que ali tinha conteúdo. (Marisa).</p>
Maranata ³	02	<p>[onde ela trabalha] é calça o uniforme. Então assim, tem gente que você vê que é da Maranata, eu respeito, mas que é da Maranata, que é um lugar que eu acho que proíbe usar calça, e lá elas têm necessidade de usar calça, mas eu acho que no psicológico delas elas devem se sentir tão mal! Elas devem pensar assim: “poxa, eu não estou obedecendo as regras da igreja que eu congrego”, e eu não queria aquilo pra mim não. (Carina).</p>
Evangélicas neopentecostais	02	<p>Agora existe o outro lado do pentecostal, que também é muito ruim, que é assim, o cara tem uma vida excelente, cem por cento com Deus, e não toca nada [não toca bem os instrumentos], e está lá em cima [tocando seus instrumentos no altar]! (Vinícius).</p>
Sem diferença	01	<p>A sua religião pode ser a religião A, B ou C, não tem problema nenhum! Agora, o que eu vejo? É que dentro do próprio meio evangélico, algumas denominações, uma puxa sardinha pra um lado, uma puxa sardinha pra outro lado, a minha igreja é mais certa nisso. Esse tipo de coisa eu não concordo. Eu vejo que é algo errado, nas denominações. Entendeu? Eu procuro saber. Quando às vezes algum colega diz alguma coisa sobre religião, eu nem gosto de discutir, eu falo: “meu irmão, vai na Palavra, não é lá que a gente acredita? Não é ali que a gente procura orientação pra caminhar? Na vida com Cristo? Então cara, então se ta dizendo ali amém!” (Leonardo).</p>

³ A igreja Maranata aparece aqui como uma categoria separada devido à menção direta dos participantes e de algumas especificidades da denominação que foram abordadas pelos participantes.

Quando os participantes que mudaram de denominação devido às diferenças doutrinárias se referem às religiões cristãs das quais anteriormente faziam parte, relatam que se sentiam incompletos, apontam a sensação de que aquelas igrejas não ofereciam o suficiente, o que julgavam necessário. As referências às religiões protestantes e à católica estão ligadas a este sentimento de que estava faltando algo, seja um envolvimento mais profundo, maior conhecimento de Deus, seja um maior comprometimento por parte da própria pessoa, como Júlia, que afirma ter vivenciado uma duplicidade colocada por ela como incompatível: não deveria estar comprometida com a igreja e estar, ao mesmo tempo, frequentando determinados lugares nos quais as pessoas costumam se divertir, mas que não são bem vistos pela atual religião da participante.

Ao reconhecerem as diferenças entre a participação no grupo religioso atual e os anteriores, ou a identificação com grupos não religiosos, como relatou Júlia ao referir-se a uma prática comum entre os jovens, a de acompanhar o trio elétrico, os participantes confirmam sua vinculação grupal através da diferenciação do outro (Tajfel, 1983). Esta contraposição pode ser encontrada, nestes participantes, em relação a outras denominações, como demonstrado nesta categoria, e em relação a um passado, anterior à conversão, no qual pertenciam ao grupo “do mundo”, e agiam como pessoas que “são do mundo” (Pacheco, Silva & Ribeiro, 2007).

Religiões não cristãs não foram mencionadas por qualquer participante, fato este em concordância com os dados do IBGE (2000) referentes à religião no estado do Espírito Santo, que indicam predominância católica e crescimento significativo de pessoas que se consideram protestantes ou evangélicas.

Os participantes que se referem à igreja Maranata tiveram sua maior experiência com esta religião pela convivência com parentes que a frequentam: a tia

de Carina e o irmão de Gilson. Após a conversão, estes participantes passaram a perceber questões doutrinárias com as quais não concordavam, mas de alguma forma também se identificam, uma vez que, excetuando as particularidades, todas são consideradas evangélicas.

Já os participantes que se referem à religião evangélica o fazem apontando sua própria religião, no sentido de que não concordam com algum aspecto da forma como se apresenta. Vinícius, nesta fala, faz uma comparação entre sua igreja anterior, protestante, e sua igreja atual, quando o tema é o louvor⁴. Para ele, os ensaios são bem realizados, e a qualidade musical é grande nas igrejas protestantes, mas nem sempre os membros destas bandas apresentam o comprometimento com a vida cristã da forma como ele considera ideal. Já nas igrejas neopentecostais, o comprometimento pessoal existe, mas a qualidade musical é ruim, os ensaios não são suficientes. A comparação, aqui, é realizada entre “eu”, membro deste grupo, mas indivíduo com características específicas, e o outro, membro deste mesmo grupo, mas que, em alguns aspectos, diferencia-se do participante (Zavalloni, 1973).

Apenas um entrevistado fez questão de enfatizar que não existem diferenças significativas entre as religiões que adotam a Bíblia como base. Ele explica que pensando e agindo desta forma evita desentendimentos com as pessoas, quando estas tentam desencadear uma discussão doutrinária. Este posicionamento parece constituir, portanto, uma estratégia para evitar conflitos, tanto do participante com o outro, quanto dele com suas próprias convicções e crenças, pois nestas discussões seria confrontado e precisaria se adequar às novas informações, se elas se mostrassem pertinentes. Quando se recusa a ouvir, e diz que todos devem buscar

⁴ Louvor: grupo de pessoas com instrumentos e microfones que direcionam o tempo de adoração a Deus durante os cultos.

as respostas na Bíblia, ele pode abster-se de meditar a respeito daquele tema, mantendo inalteradas as representações que desenvolveu sobre sua religião atual e seu envolvimento com ela.

3.3.4 - Religião dos familiares na época da conversão

Quando se referem à “religião dos familiares na época da conversão”, os participantes citam as religiões católica, protestante, evangélica, Maranata e/ou afirmam que os familiares mais próximos não tinham religião.

Quadro A4. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Religião dos familiares na época da conversão”, com transcrições de algumas manifestações

Católica	09	<p>Católicos, todo mundo, papai era extremamente, papai foi curado em cima lá do Convento da Penha, de uma paralisia facial, e isso aí marcou muito a vida dele, foi curado lá em cima do Convento, só que a gente entende que aquilo não foi pela oração que ele fez a santo nenhum, foi pela misericórdia de Deus que ele foi curado, hoje a gente entende isso. Mas papai era assim, papai era roxo mesmo. A mamãe nunca concordando, também, participava, mas nunca concordando, igual eu, e depois papai conheceu a Jesus, aceitou Jesus, foi o primeiro, papai aceitou Jesus, e o resto todo da família aceitou Jesus. (Davi).</p> <p>Minha família é católica, mas não praticante. Eles batizaram a gente, mandaram fazer catecismo, mas nem meu pai nem minha mãe vão pra igreja, só mandam os filhos. (Letícia).</p> <p>Católico! Todo mundo da minha família é católico apostólico, e eu também era. Nossa! Foi difícil! Eles não aceitavam de jeito nenhum. Mas com o tempo eles foram se acostumando, e hoje eles já não falam nada, eles respeitam. (Rafael).</p>
Tradicional	06	<p>Desde pequeno, minha mãe ela era, ela frequentava a igreja evangélica, a igreja Batista. Se não for a católica, não sei se a gente pode chamar de protestante? Meu pai, meu pai ele frequentava, mas ele não tinha um envolvimento. Ele não, vamos dizer assim, meu pai era o tipo de pessoa que falava assim: “você têm que ir na igreja de domingo”, mas ele mesmo não ia, entendeu? Tinha hora assim que ele dizia assim: “não fuma não, se eu ver um de vocês fumando vocês vão apanhar”, mas ele fumava. Porque ele sabia que o negócio não era bom, não queria pra nós, e mesmo assim fazia. Meu pai era assim. Da mesma forma que ele falava assim: “a obrigação de vocês, domingo de manhã, é ir na igreja. Depois que vocês forem na escola dominical, aí vocês vão brincar, vocês vão, vai ter diversão pra vocês”. (Leonardo).</p> <p>Eu nasci num lar evangélico, minha mãe, na verdade no meu nascimento a minha mãe já era de uma igreja, igreja Batista, e tal, tradicional, e eu cresci ali, indo à igreja. (Vinícius).</p>

Neopentecostal	03	<p>A minha família é evangélica. (Fernanda).</p> <p>Sim, a maioria das pessoas é evangélica. (Raquel).</p>
Sem religião	03	<p>Os que não são cristãos estão largados no mundo mesmo, não tem, assim, algo definido. (Felipe).</p> <p>Minha mãe não é nada! Ela não é crente, não é nada! (Viviane).</p>
Maranata	01	<p>Ele foi para a Maranata. E ali foi mediante aquela situação que eu comecei a frequentar. Então meu irmão começou primeiro que eu, meu irmão dois anos mais velho, na época ele devia ter 16 anos, havia também começado a se envolver com drogas, eu louvo a Deus até por esse momento, porque senão meu irmão poderia já, acho que Deus entrou com providência na hora certa, na vida do meu irmão. (Gilson).</p>

Percebe-se que os familiares que eram católicos praticantes foram os que apresentaram maior resistência quando os participantes se declararam evangélicos. Já os entrevistados que citam os parentes como sendo evangélicos ou protestantes, na época, os criticam, denunciando a falta de comprometimento, ou falam sobre sua interferência e influência positiva no processo de conversão. Os entrevistados que apontam a família como “sem religião” indicam a falta de participação real dos familiares em algum grupo religioso. Pierucci (2004) apontava para este fato em sua análise baseada no censo de 2000. Para o autor, o decréscimo no número de católicos nas últimas décadas era compatível com o crescimento de evangélicos e de pessoas “sem religião”. Este último grupo, segundo Pierucci, cresceu tanto quanto um grupo religioso poderia crescer. A existência de familiares sem religião, neste trabalho, confirma estes dados trabalhados pelo autor e exemplificam o trânsito religioso pelo qual os brasileiros têm se movimentado nas últimas décadas (Almeida & Montero, 2001).

A categoria que traz à tela a religião dos familiares dos participantes é condizente, de forma complementar, com o que foi apontado na primeira categoria: “interesse pela religião”. Se lá os amigos e/ou familiares exerceram influência para que os entrevistados escolhessem e ingressassem em uma nova religião, aqui pode ser demonstrado que, apesar da influência cultural, o indivíduo tem um papel ativo na construção de sua história, ele não se mantém simplesmente passivo, recebendo. Ele resignifica a herança cultural e a transforma, participando no processo de construção de sua cultura, aceitando ou não a interferência do outro (Bonin, 1998). Para alguns participantes, não aceitar a interferência não evitou que precisassem enfrentar a resistência de pessoas próximas, como seus pais, os quais não concordavam com as transformações que estavam acontecendo com os filhos. Os pais de Rafael, por exemplo, não aceitavam sua conversão, embora atualmente a respeitem. A tradição católica da família foi rompida por Rafael; sua família reagiu, procurando contornar e evitar este rompimento, tentando fazer com que Rafael não se afastasse de seu grupo. Aparentemente quando perceberam que Rafael manteria sua decisão, passaram a aceitar seu posicionamento, embora discordassem dele. Rafael, por outro lado, tenta fazer com que sua família também passe pelo processo de conversão ao Evangelho, na expectativa de que eles façam parte de seu grupo social.

3.3.5 - Mudanças relacionadas à conversão

“Mudanças relacionadas à conversão” é categoria que se refere à percepção dos participantes quanto à sua própria trajetória individual e às transformações que julgam ter acontecido após sua inserção no grupo religioso atual. Estas mudanças constituem a “prova” de que cada indivíduo faz parte, agora, de um novo grupo. Esta

“prova” tem o poder de “convencer” não apenas ao outro, membro do mesmo grupo, nem tão somente ao outro, membro dos exogrupos, mas é o marco utilizado pelo próprio indivíduo para que se reconheça como parte de seu novo endogrupo, porque passou a compartilhar das mesmas características daqueles que o formam.

Quadro A5.1 – Exemplos de conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Mudanças relacionadas à conversão”

Participante	Antes da conversão	Depois da conversão
Relacionamento com a família		
Carlos	<p>Seu pai foi assassinado, ele tentava descobrir alguma coisa, sentia rancor.</p> <p>Me chocou muito a morte do meu pai, ele tinha 42 anos, foi assassinado. Então, assim, me chocou muito, foi aqui na porta de casa.</p>	<p>Superou a morte do pai.</p> <p>...fomos para o Encontro, ali eu botei uma pedra em cima.</p>
Felipe	<p>Era considerado um exemplo negativo.</p> <p>Eu era um dos piores filhos, eu era o pior na escola, era o que menos estudava, era o que mais aprontava, era o que mais fazia doidera.</p>	<p>Passou a ser considerado um exemplo a ser seguido pela família.</p> <p>...depois da minha conversão, depois de conhecer a Cristo verdadeiramente, hoje eu sou o referencial da minha família como servo de Deus. Para o meu pai eu sou um referencial de filho, para a minha mãe eu sou um referencial de servo de Deus, para toda a minha família hoje eu sou um referencial.</p>
Letícia	<p>Era distante da família (pais e irmã).</p> <p>Mudou o meu relacionamento com a minha família (...) morava em casa ainda, tinha vontade de ficar sozinha.</p>	<p>Se aproximou mais deles.</p> <p>“Leonardo, essa menina vai ficar fanática! Vai se afastar da família, só vai querer saber de igreja”. Mas aí, com o tempo, a gente foi mostrando pra eles que não, que a gente só se aproximou mais deles, e como pessoas melhores. Como filha melhor, como uma irmã melhor.</p>
Marisa	<p>Tinha mágoas de infância relacionadas aos pais.</p> <p>Apesar que a gente tinha uma estrutura boa de família, de tudo, faltando a Palavra de Deus, às vezes o modo dos pais com a gente, às vezes falta sabedoria, alguma coisa, cria às vezes ressentimento.</p>	<p>As mágoas deixaram de existir.</p> <p>Então depois Deus tirou isso. Deus tirou as mágoas, assim, aquelas coisas de criança, então a Palavra de Deus começou a limpar.</p>
Relacionamento com amigos e conhecidos.		

Carlos	<p>Era nervoso, patrocinava festas para os amigos e não tinha nenhum amigo para contar, quando precisava de ajuda financeira.</p> <p>Eu era muito nervoso, eu era tido na firma como o carrasco da firma. Eu bancava tudo. Quando eu fiquei numa situação difícil, tive que vender carro, vender tudo, olhei para um lado, para o outro, não tinha ninguém.</p>	<p>Mudou seu relacionamento com as pessoas, e mudou de relacionamentos: hoje se relaciona com pessoas prontas a ajudar.</p> <p>Mas felizmente eu segui um caminho, que eu acho que é o melhor. Eles estão prontos para te servir e te atender. Agora as amizades são outras, o estilo de vida é outro, você tem pessoas apoiando, você tem em quem você se apoiar.</p>
Fernanda	<p>Era áspera com as pessoas.</p> <p>Então, nessa parte mudou muito a minha vida. Porque eu era muito arrogante. Se você chegasse e me fizesse uma pergunta, eu te responderia com grosseria, tipo assim: "tal pessoa está aí?", "ah, você está vendo ela aqui?", sabe, desse jeito.</p>	<p>Passou a ter um relacionamento diferente, mais tranquilo.</p> <p>Então, nessa parte mudou muito a minha vida.</p>
Gilson	<p>Era egoísta, não pensava no outro.</p> <p>Porque eu era extremamente egoísta. Era primeiro eu, depois eu, e depois eu.</p>	<p>Aprendeu a dar sem esperar nada em troca. Comprou sapatos novos para um colega de trabalho que tinha apenas sapatos velhos, porque "Deus pediu para que ele fizesse isso".</p> <p>Quando eu fui me relacionando com Deus, não com a igreja, quando eu fui ouvindo a voz de Deus, ele foi me dizendo: "Gilson, você precisa mudar, você precisa aprender a amar, dar sem esperar receber".</p>
Júlia	<p>Confrontava as pessoas que a julgavam ou recriminavam.</p> <p>Até mesmo às vezes assim, as pessoas te julgam, ou falam mal de você, e hoje eu perdoo, eu relevo. Antigamente eu bateria de frente, eu não deixava passar.</p>	<p>Perdoa e releva as atitudes dessas pessoas.</p> <p>Até mesmo às vezes assim, as pessoas te julgam, ou falam mal de você, e hoje eu perdoo, eu relevo. Antigamente eu bateria de frente, eu não deixava passar, hoje não. Hoje é tranquilo.</p>
Juliano	<p>Pensava nele mesmo em primeiro lugar.</p> <p>Achava que era assim, primeiro eu, depois os outros.</p>	<p>Passou a considerar o outro como o mais importante.</p> <p>...a religião ensina que nós devemos "amar ao próximo como a nós mesmos". Coisa que eu não pensava antes, por exemplo.</p>
<p>Relação com trabalho/ bens materiais</p>		

Carina	<p>Consumista e imediatista; trabalhava em um setor da empresa do qual não gostava.</p> <p>Então assim, o meu negócio era: eu quero uma coisa, eu quero e pronto. Aí depois vivia lá, meses e meses apertado, pela minha ignorância. Eu estava trabalhando num setor que eu me sentia mal, porque eu não fazia o que eu gostava.</p>	<p>Analisa, conversa com o esposo e ora antes de tomar qualquer decisão referente a compras e/ou investimentos; foi transferida para um setor melhor da empresa.</p> <p>Hoje não, eu quero uma coisa, a gente ora, sabe, bota o Senhor sempre na frente. Hoje a gente ora, a gente pede discernimento do Senhor, se é aquilo mesmo, e assim, já não é tão importante, e vai gradativamente sendo conquistado, sabe? É maravilhoso.</p> <p>... numa igreja que ela vai, e aí o Senhor falou para ela através de um irmão, lá, que até o dia 16 de dezembro eu ia ter vitória. Dia 16 dava num sábado, se eu não me engano. Na sexta-feira eu consegui o trabalho.</p>
Leonardo	<p>Valorizava ao extremo seus bens materiais.</p> <p>Antigamente eu passava, eu tinha um carro que eu era apaixonado por ele. Não que a gente não tenha que valorizar nossas coisas, claro que tem, a gente consegue com tanto sacrifício. Mas esse carro, eu limpava o pneu, passava aquele produto pretinho no pneu, depois quando saía com o carro, se tivesse uma poça, eu dava ré e voltava, mas não passava por cima da poça, porque eu ia estar sujando meu carro.</p>	<p>Valoriza mais as pessoas do que as coisas.</p> <p>Os valores são outros. Está limpo é pra sujar mesmo, entendeu? Deixa eu me preocupar com coisas mais importantes. Com as minhas atitudes dentro da minha casa, o que eu posso melhorar, o que eu tenho que priorizar mais.</p>
Depressão e insegurança		
Daniela	<p>Estava em depressão.</p> <p>Estava assistindo o R. R. Soares, e eu já estava em depressão, eu estava só esperando a morte, eu já tinha desistido, as coisas passavam na minha frente, assim como se fosse um filme, eu estava no fundo do poço e eu não sabia que era uma depressão.</p>	<p>Saiu do estado de depressão e não mais voltou a ele.</p> <p>Então aquele dia eu estava assistindo o R.R. Soares, (chorou), aí ele falou assim: "toma posse da sua vida, você que está aí, no fundo do poço, com depressão", aí aquilo veio de encontro, porque eu estava cansada daquela situação, ou eu morria ou eu vivia. Deus teve misericórdia, e eu fui me libertando. Eu fui tomando posse da Palavra do Senhor, me libertando.</p>
Vinícius	<p>Era inseguro.</p> <p>Eu tinha muito medo das coisas. Para fazer uma determinada coisa, por exemplo, eu tinha que ter tudo muito assim, certinho, e tinha que ter o pé no chão mesmo, para fazer alguma coisa, para tomar alguma decisão.</p>	<p>Deixou de ser inseguro.</p> <p>Eu hoje eu consigo dar alguns passos um pouco maiores, mesmo sem chegar a enxergar, aí, as coisas. Acreditar mesmo que Deus, enfim, faz, que ele está comigo, e que vai dar certo, não ter medo, assim.</p>
Sentimento de "vazio"		

Gisele	<p>Sentia um “vazio”.</p> <p>E eu sentia um vazio muito grande dentro de mim. Outro dia eu estava até lembrando disso, porque às vezes, até conversando com mamãe, assim, eu chegava às vezes até a chorar, eu falava: “mãe, eu estou sentindo um vazio, um vazio, e eu não sei, não consigo preencher”. Sabe, às vezes você tenta preencher: “ah, vou comprar uma coisa para me alegrar, vou fazer umas comprinhas para me alegrar”, você tem aquela alegria momentânea, mas depois você volta a sentir aquele vazio, que nada pode preencher, a não ser Jesus nas nossas vidas.</p>	<p>O “vazio” foi preenchido por Jesus.</p> <p>Então para mim foi assim, um achado, e era isso que estava me faltando mesmo. Era ter Jesus, era conhecer Jesus, era ter ele na minha vida, e graças a Deus, aquele vazio que eu sentia na minha vida, eu nunca mais senti.</p>
Mateus	<p>Sentia um “vazio”.</p> <p>Então realmente foi preencher o vazio espiritual que havia. Assim, nunca bebi, nunca fumei, nunca tive nenhum tipo de conduta assim, problemática, mas eu acho que faltava alguma coisa,</p>	<p>O “vazio” foi preenchido por Jesus.</p> <p>...e foi quando Jesus entrou que ele completou e tem feito dentro de mim uma obra de transformação da minha vida. Então cada dia eu tenho me aproximado mais, e eu procuro fazer o que ele manda.</p>
Mudanças de práticas		
Davi	<p>Participava de festas e consumia bebidas alcoólicas.</p> <p>...ainda praticando algumas coisas do mundo aí, normal de adolescência, eu tinha 18, tinha 17 para 18 anos, e aí eu sempre tive no meu coração, eu creio que era o Espírito Santo já falando comigo: “olha, você tem que aceitar a Jesus. Os seus pais estão aceitando a Jesus, está todo mundo aceitando a Jesus e só falta você”. E sempre o Espírito Santo incomodava mesmo, eu praticava algumas coisas do mundo, bebia, ia para festas, e aquilo ali não me fazia bem.</p>	<p>Deixou de participar de festas, fumar, consumir bebidas alcoólicas.</p> <p>Então eu creio que teve mudança, sim, porque eu parei de ouvir músicas do mundo, eu parei de ouvir, de ir para festas, beber, fumar, essas coisas tudo acabaram.</p>
Rafael	<p>Consumia bebidas alcoólicas.</p> <p>A bebida, por exemplo. Eu parei de beber. Bebia. Assim, eu não era viciado. Bebia quando saía com os amigos, em algumas situações.</p>	<p>Deixou de consumir bebidas alcoólicas.</p> <p>Mas eu parei totalmente de beber. Foi de uma vez. Eu entendi que beber não era bom, resolvi parar e parei.</p>

Viviane	<p>É, mas assim, eu lembro nitidamente que eu era muito terrível. Percebi nitidamente a mudança, eu lembro que eu gostava muito de show de Xuxa, de festa de bairro, eu dançava quadrilha, essas coisas.</p>	<p>Percebeu, desde muito cedo, que gostaria de ter uma vida diferente da vida das pessoas que a cercavam.</p> <p>Aí eu comecei a entender o motivo da quadrilha, comecei a entender o motivo de música de Xuxa, isso me incomodava. E aí foi onde eu comecei a perceber que eu queria uma vida diferente para mim.</p>
Conhecimento da Bíblia		
Daniela	<p>Não tinha conhecimento da Bíblia</p> <p>...se eu tivesse tido conhecimento antes, várias coisas teriam sido evitadas, santidade, essas coisas, não eram pregadas, para a gente, então seria muita coisa que eu já fiz eu não teria feito, entendeu.</p>	<p>Passou a ter conhecimento da Bíblia</p> <p>a gente tem conhecimento, com tudo o que tem na nossa igreja, só não cresce quem não quer, porque alimento a gente tem, então, esse alimento, mesmo, que eu senti que houve uma diferença, na minha vida, entendeu?</p>
Saulo	<p>Não tinha conhecimento da Bíblia</p> <p>Sim, por alguns aspectos, e não por outros. Na maneira de viver, comportamental, e tal, eu mudei algumas coisas. E por falta de entendimento das outras, eu continuei sendo a mesma pessoa de antes da conversão. Eu creio que foi por falta do entendimento claro da palavra, meu também, falta de conhecimento mais profundo.</p>	<p>Passou a ter conhecimento da Bíblia</p> <p>E a vida num todo, o que é pecado, o que não é, muda tudo.</p>
Sem mudanças objetivamente explicadas pelos participantes.		
Raquel	<p>Não tem um momento de conversão, e por isso não conseguiu definir mudanças, uma vez que desde criança é convertida e, portanto, não viveu um período em que não fosse.</p>	
Samira	<p>Mas eu recebi uma educação cristã. Participava de escola dominical, minha mãe era Batista, aí eu fui Mensageira do Rei, aquela tradição toda da igreja Batista.</p>	<p>A partir da hora que eu tive uma experiência com Deus, a partir da hora que eu comecei a mudar os meus conceitos, e eu comecei a sentir desejo realmente de participar das atividades da igreja, não porque eu tinha sido ensinada, porque eu era obrigada, mas eu comecei a mudar realmente meus conceitos, meus valores realmente mudaram a partir dessa época.</p>

O relacionamento entre Carlos, Felipe, Letícia e Marisa e suas famílias melhorou depois que os participantes passaram a priorizar a religiosidade. Apesar dos receios de alguns familiares não evangélicos de que houvesse afastamento, houve maior aproximação e compreensão, gerando maior intimidade e perdão. Além disso, Felipe considera que era um referencial negativo e se tornou um exemplo positivo para sua família, o que é motivo de orgulho atualmente para ele.

O relacionamento com as pessoas, de forma geral, foi apontado por Carlos, Fernanda, Gilson, Júlia e Juliano como mudança positiva relacionada à conversão. Um relacionamento mais tranquilo, no qual se dá mais do que se espera receber, no qual existe o perdão e o relevar os comportamentos do outro, e um relacionamento no qual se considera o outro como mais importante foram transformações apontadas. Os participantes referem a si mesmos como tendo sido pessoas egoístas, ásperas ou solitárias no passado, e enfatizam a diferença de como se vêem atualmente, vivenciando o extremo oposto destas características. Pacheco et al. (2007), em seu estudo sobre a conversão pentecostal, encontraram relatos bastante parecidos, nos quais os participantes discorrem sobre as transformações relativas ao que os caracterizava como pessoas “do mundo” e suas características atuais, mais positivas e que apontam para a “reconstrução da própria identidade a partir da aquisição e da participação em um novo grupo de referência” (p. 60).

Se existe um novo grupo de referência, e a identidade do participante é transformada, a ponto de desprezar o grupo com o qual se sentia vinculado anteriormente, pode-se dizer que o exogrupo que contribuirá para o estabelecimento desta nova condição identitária e ao qual se atribuem características negativas para diferenciação (Tajfel, 1983) é exatamente o grupo do qual ele fazia parte, o grupo de pessoas “não convertidas”, “do mundo” (Pacheco et al., 2007), o grupo de pessoas

que agrega características negativas, das quais eles compartilhavam, e que agora não mais precisam vivenciar, pois encontraram um outro grupo no qual podem desenvolver outro tipo de identificação e aceitação pelo outro (Ciampa, 2001).

Carina e Leonardo falaram sobre sua relação com o trabalho e com os bens adquiridos. Para Carina, seu acesso ao trabalho foi facilitado por sua confiança em Deus, e suas decisões em relação a bens de consumo atualmente são realizadas em concordância com seu cônjuge. Para Leonardo, a valorização dos bens atualmente é diferente. Se antes os bens eram extremamente importantes, e exigiam o máximo de cuidados para conservação, atualmente existem para servir a ele e sua família, priorizando as pessoas em detrimento dos bens.

Foi denominada de “depressão e insegurança” a subcategoria que contém aspectos individuais nos quais os participantes consideram terem sido transformados. Daniela estava em depressão, e após ouvir um pastor conhecido no meio evangélico pregando na televisão, se sentiu renovada e pronta para enfrentar as circunstâncias, saindo, segundo ela, do estado depressivo. Já Vinícius se considerava inseguro, e após sua conversão passou a arriscar mais, a confiar mais em suas decisões, por considerar que Deus está ao seu lado, representando suporte e segurança, evitando possíveis consequências indesejadas. Estes tipos de transformações também foram encontradas por Pacheco et al. (2007) em seu estudo, cujos participantes declararam que antes da conversão possuíam alguns atributos de caráter negativo, e após deixarem de “ser do mundo” passaram a viver de forma mais agradável, positiva e satisfatória.

Gisele e Mateus compartilham um sentimento de que existia um “vazio” em suas vidas, e que este foi preenchido pela presença de Jesus. Viviane, apesar de ter declarado que se converteu ainda criança, diz que gostava de participar de festas

religiosas infantis e admirava uma personalidade da televisão. Viviane considera que desde sua infância, quando passou a compreender o caráter religioso destas festas, queria ser diferente das outras crianças, e passou a se distanciar das práticas que faziam parte do cotidiano dos outros de sua idade. Para Davi e Rafael, deixar a bebida alcoólica foi uma grande conquista proporcionada pela conversão. Stadtler (2002) concluiu, tendo como base os participantes de seu estudo, que aqueles provenientes de uma classe econômica menos privilegiada precisaram de experiências mais concretas, como o abandono da bebida alcoólica, para absorver as mudanças decorrentes do processo de conversão. Para a autora, aqueles que apresentaram melhor qualidade financeira e educacional experimentaram transformações mais abstratas, suficientes para promover a alteração de padrões e modelos, como alguns referentes a questões de gênero e poder. Resultados parecidos com os encontrados por Stadtler podem ser observados através dos relatos de Gisele e Mateus, os quais discorrem sobre a mudança abstrata de preenchimento de um “vazio” pela presença de Jesus, enquanto Davi e Rafael compartilham o desejo/força para deixar a bebida alcoólica. Neste sentido, Oliveira e Menandro (2001), em seu estudo sobre participantes do Alcoólicos Anônimos (AA) afirmam que a espiritualidade é um fator importante para a mudança no comportamento de alcoolistas, que admitem que encontram no AA uma filosofia de vida e um poder superior que os auxilia neste processo de transformação.

Daniela e Saulo afirmaram anteriormente não ter conhecimento sobre a Bíblia e, após a conhecerem, contaram com diversas transformações não objetivadas por eles. Raquel e Samira tiveram dificuldades para objetivar suas mudanças, ou as apresentaram de forma demasiadamente geral. Todos os participantes, no entanto,

consideram que uma ou mais áreas de suas vidas foram transformadas após sua conversão, e alguns declaram que este processo é de aperfeiçoamento constante.

Pode ser observado, portanto, que existem algumas considerações compartilhadas pelos participantes, destacadas na tabela abaixo:

Quadro A5.2 - Descrição das transformações vivenciadas pelos participantes

Ter se tornado uma pessoa melhor, superior a determinados acontecimentos.	Daniela, Davi, Felipe, Gilson, Juliano, Viviane.
Houve mudanças de valores.	Davi, Leonardo, Samira, Saulo.
Ter se tornado uma pessoa mais tranquila.	Carlos, Carina, Davi, Felipe, Fernanda, Júlia, Rafael, Vinícius.
Ter mudado de amizades, para melhor.	Carlos.
Insatisfação, sentimento de que faltava algum sentido, sentimento de vazio preenchido pela religião.	Daniela, Gisele, Letícia, Mateus, Viviane.
Aproximação em relação à família.	Felipe, Letícia, Marisa.
Maior respeito, consideração pelas pessoas, em geral.	Carlos, Gilson, Júlia, Juliano, Leonardo.
Desapego aos bens materiais, dar sem pensar no que virá em troca.	Carina, Gilson, Juliano, Leonardo.
Ter sido objeto de alguma ação divina.	Carina, Davi, Gilson, Marisa, Mateus.

Todas as novas características, conquistadas após a conversão, são consideradas pelos participantes como positivas. Logo, as características que os descreviam anteriormente à conversão são consideradas, por eles, negativas. O fato de ter havido mobilidade social (Del Prette & Del Prette, 2003; Tajfel, 1983) de um grupo que passou a ser desvalorizado pelos participantes para um grupo valorizado por estes explica a atribuição de características positivas ao endogrupo, e negativas ao exogrupo. No entanto, os participantes ainda convivem com familiares e/ou amigos que pertencem ao exogrupo. A estes, os entrevistados atribuem características negativas ao não concordarem com seu comportamento em várias situações, porém se empenham em uma tentativa de fazer com que estas pessoas busquem a mesma mobilidade pela qual passaram. Para isso, escolhem não se

distanciar, mas se aproximar e tentar fazer com que o outro veja as características positivas de seu grupo, e deseje fazer parte dele. Não parecem sentir-se ameaçados pelas diferenças em relação ao outro, mas fazem questão de enfatizar a existência delas.

3.3.6 - Relacionamento com família e amigos do grupo “do mundo”

A categoria “relacionamento com família e amigos do grupo ‘do mundo’” mostra como os participantes se relacionam com as pessoas que eram próximas antes de sua conversão, ou pessoas de convivência diária e/ou frequente em ambiente de trabalho ou vizinhança, mas que não compartilham de sua escolha religiosa, ou seja, são pertencentes ao exogrupo dos entrevistados.

Quadro A6. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Relacionamento com família e amigos do grupo ‘do mundo’”, com transcrição de exemplos

Se afastou/ Não tem contato	10	<p>Mudou, porque eles se afastaram, porque eu cheguei à conclusão que amigo para eles é só o que bebe, que compartilha com eles. E eu não tenho isso para mim, eu tenho que eles são meus amigos, são meus irmãos, se eles precisarem de mim, a qualquer hora, eu estou aí para ajudar eles. Mas eu tirei essa conclusão. Às vezes eles falam: “ah, teve churrasco final de semana, tal”, eles só comentam depois, mas eles nem ligam para mim. Mas tudo bem. (Carlos).</p> <p>Agora, assim, às vezes eu tenho essa dificuldade de me relacionar com pessoas que não são, que não tem o conhecimento da Palavra. (Gisele).</p> <p>Sim, eu me afastei de muitas pessoas, eu tive que me afastar, quando eu me converti, porque eu era uma pessoa que andava em caminhos, que eu entendo hoje por caminhos errados. (Saulo).</p>
Convive, mas não se envolve	10	<p>Sabe, mas eu não me prendo naquilo que é ruim das pessoas. Eu procuro olhar o lado bom, que elas tem. Então eu não me deixo corromper, por conta dos valores delas, e tento ser útil a elas, em todos os níveis, sem ferir os meus princípios. Então eu não faço acepção de pessoas nos meus relacionamentos não. Pode ser espírita, pode ser da mesma denominação que a minha, pode ser católico, ter problema com bebida, com droga, o que quer que seja, porque eu creio que da mesma forma que eu fui transformado, dia após dia, essas pessoas também podem ser transformadas. (Gilson).</p> <p>Ah, geralmente na empresa tem isso. O pessoal fala muita besteira, e tal, na hora do almoço, por exemplo, assim, lá tem um refeitório aí o pessoal</p>

		<p>fica lá, fala besteira, ri e tal, aí eles viram para mim: “e aí, vai ficar quieta, fala alguma coisa!”. Só que nem tudo me convém, eu não me misturo assim a tal ponto de ficar lá falando besteira junto com eles. Aí eu pego e levanto, entendeu, vou conversar com outras pessoas que também são evangélicas, porque lá é meio termo, tem muitos que são e muitos que não são, mas eu também não deixo de conversar com as outras, mas quando eu vejo que o assunto está muito pesado eu racho fora. (Júlia).</p> <p>Porque eu sou muito na minha, não fico, tenho muita dificuldade pra abrir a minha boca e falar, mas não tive problemas não, porque a gente tinha essa preocupação de não deixar: “nossa, virou crente, agora, como ela mudou, você nem reconhece mais fulano”. A gente tinha muito essa preocupação. Não se afastar dos amigos. Mudar os nossos hábitos, mas não se afastar deles porque a gente virou crente e eles não eram. (Letícia).</p>
Evangeliza	16	<p>Falamos do nosso testemunho para alguns casais, que estão passando, assim, por alguma situação como a nossa, e eles dizem assim: “poxa, se eles conseguiram, nós também vamos conseguir”. Aí a gente vai edificando a vida de outros casais, tem sido bênção. (Carlos).</p> <p>Já tive experiências no meu serviço, de chefe que me chamava de babaca na minha frente, de me humilhar, e eu ainda mesmo assim chegar para ele e falar: “olha, Jesus é a salvação. Receba ele, seja transformado, que Deus vai mudar a história da sua vida”. Eu já tive a oportunidade de fazer isso. E Deus nesse sentido aí tem me ensinado muito. (Davi).</p> <p>Eu acho assim, que independente do tempo que você tenha de crente, de conhecimento da Palavra, de intimidade com Deus, você tem que falar de Jesus, você tem que ser referência. E às vezes eu tenho um pouco de dificuldade nisso, mas eu creio que eu vou melhorar. (Gisele).</p> <p>Por enquanto. Eu estou orando muito para que eles se convertam, mas ainda está difícil. Eles são muito praticantes. Eu tenho alguns irmãos aqui em Vitória. Inclusive um que é meu vizinho. Mas é sempre tranquilo, não me afastei de ninguém porque eu virei crente. Pelo contrário, eu acho que a gente tem é que se aproximar para tentar trazer as pessoas. (Rafael).</p>

O relacionamento com as pessoas pertencentes ao exogrupo, para alguns participantes, progressivamente deixa de existir. Enquanto uns se afastam, outros são afastados pelas pessoas, por não compartilharem mais dos mesmos interesses, por apresentarem um comportamento que intimida ou que gera desprezo. Para os participantes, este afastamento pode ser compreendido como uma forma de evitar o confronto com seu passado e com as configurações dos grupos anteriores, durante o processo de integração neste novo endogrupo. Scott e Cantarelli (2004) afirmam que os jovens da Assembleia de Deus, uma igreja pentecostal, procuram evitar

manter amizades fora de seu grupo religioso, ao mesmo tempo em que estreitam os laços e impedem a penetração externa de outros que não sejam seus pares, pertencentes à mesma denominação.

Outros participantes relatam uma convivência semelhante com qualquer pessoa, não sendo possível perceber o embate intergrupar que se dá devido às experiências do outro, diferentes das suas, e sem interferir, não deixando perceptível ao outro as atribuições valorativas negativas direcionadas ao exogrupo, nem enfatizando as positivas do seu endogrupo atual. Destaca-se Gilson, que através de comparação entre diferentes religiões e a drogadição, deixa escapar que o pertencimento a religiões diferentes da sua são semelhantes ao aprisionamento gerado pelo uso de substâncias psicoativas.

Muitos dos participantes que declararam ter se afastado dos antigos amigos e/ou familiares atualmente empreendem grandes esforços objetivando a conversão destas pessoas. Eles utilizam estratégias, palavras e apresentam o desejo de que estas pessoas sejam parte de seu endogrupo, que escolham viver da maneira como eles vivem. A atribuição negativa de valores é clara, e claramente direcionada tanto ao outro como ao passado do participante, que pertencia àquele grupo, que era daquela forma, mas passou a ser diferente, por isso acredita que suas mudanças o tornaram melhor e gostaria que as pessoas que ama, mesmo que sejam diferentes, pudessem, em algum momento, passar a ser como ele é agora.

As pessoas que não são evangélicas reúnem em si as características de indivíduos “do mundo” (Pacheco et al., 2007), grupo do qual os participantes faziam parte anteriormente. Os estereótipos direcionados às pessoas “do mundo” não mais retratam os participantes, pois estes se distanciaram destas características através da conversão, e da adoção de novos valores e conceitos (Mafra, 2007). Estes

estereótipos influenciam diretamente o relacionamento dos participantes com as pessoas de sua convivência, como observado nos parágrafos acima, uma vez que “os julgamentos emitidos pelos sujeitos traduzem uma tomada de posição em relação ao alvo e à situação de julgamento” (Marques & Paéz, 1997). Assim, o estereótipo negativo atribuído ao outro faz com que haja um distanciamento emocional e/ou de convivência, ou então faz com que a evangelização - a tentativa de transformar um membro do exogrupo em integrante do endogrupo - passe a ser o objetivo principal da convivência.

3.3.7 - Visão sobre o próprio grupo

Na categoria “visão sobre o próprio grupo” é possível perceber que em alguns momentos os participantes consideram de forma positiva os trabalhos realizados pelos membros e as pessoas do grupo, e em outros momentos, apontam aspectos negativos. Neste segundo momento, parecem se diferenciar do grupo, enfatizando sua individualidade e singularidade (Amâncio, 1997), e demonstrando que, naquele aspecto, ele é diferente de seu grupo, ele pensa e/ou age de forma diferente e, obviamente, o faz do modo que considera mais adequado. Através do trabalho realizado por Marques e Paéz (1997) os autores concluíram que existe uma diferenciação intragrupal, e que os membros do grupo são classificados como “bons ou maus” (p. 377) de acordo com seu posicionamento/comportamento. Para estes autores, tal diferenciação é que determina a importância da noção de homogeneidade para o endogrupo.

Os participantes do estudo que aqui se descreve, assim como aqueles do estudo citado acima (Marques & Paéz, 1997), discordam dos membros destoantes do seu endogrupo, e enfatizam o quanto o relacionamento com os outros membros

do seu grupo, aqueles seus iguais, é bom, em aparente contraponto com o relacionamento com pessoas de outros grupos, de acordo com o que foi exemplificado no quadro anterior.

Quadro A7 – Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Visão sobre o próprio grupo”, com exemplos de suas afirmações

Positiva (19 participantes)	Positiva das pessoas	<p>Na minha igreja eu vejo muito isso, pessoas que tem uma vontade de conhecer a Deus, que estão lá, aos domingos, querendo conhecer a Deus, quando eu converso com um, converso com outro, eu percebo essa vontade de conhecer a Deus através de Jesus, é maravilhoso, tem esse foco, eu olho por esse lado. Pessoas que buscam a Deus, pessoas que buscam ser transformadas por Deus. (Davi).</p> <p>Ah, eu acho que é a compaixão. A compaixão, assim, a disponibilidade de ajudar um ao outro. Eu acho isso muito, muito legal. Mesmo às vezes nem tem muito contato, mas precisou ali, eles estão dispostos a ajudar. (Letícia).</p>
	Realização de trabalhos na igreja	<p>Olha, eu vou ser sincero pra você. Mesmo convertido eu acho o papel da igreja fundamental na sociedade. É um lugar que uma pessoa com problema vai buscar, uma pessoa triste vai buscar uma palavra de alegria, vai buscar uma mensagem de esperança. E vários outros trabalhos que quem está dentro da igreja vê. O trabalho da família, o trabalho com jovens, a igreja atende o jovem que está dentro dela, tirando das drogas, alguma preocupação, tem um trabalho muito legal. (Leonardo).</p> <p>Bom, eu acho assim, que a forma de trabalhar, os trabalhos com famílias, os eventos com casais, tem lá os eventos com crianças, com jovens, eu acho que isso tudo ajuda a manter o pessoal ali mais concentrado, mais presente mesmo na igreja. Eu acho isso muito importante. (Júlia).</p>
	Bom relacionamento com as pessoas	<p>Meu relacionamento com as pessoas da igreja? Ah, eu acho um relacionamento saudável, um relacionamento bom, se eu vejo, assim, qualquer hora eu abraço, eu beijo, e se elas me vêem também me abraçam, conversam comigo. Eu não tenho nada a reclamar, nenhuma falta de atenção, nada. Eu gosto muito. (Fernanda).</p> <p>Eu sou uma pessoa muito fácil, como você vê, eu falo demais, até, sou fácil de fazer amizade, de me relacionar com as pessoas, não tenho, assim, vou logo conversando, se a pessoa é tímida eu converso, eu falo demais, então assim, eu tenho que estar puxando um pouco, porque eu não gosto de ver a pessoa muito calada. Eu gosto de me relacionar, então eu me relaciono com todo mundo. (Samira).</p>

<p style="text-align: center;">Negativa (6 participantes)</p>	<p>Você vê também muitas coisas que não era pra você ver ali dentro. Porque se nós estamos ali dentro pra buscar os ensinamentos de Jesus, o que Jesus tem pra ensinar pra gente, nós não somos perfeitos, somos sujeitos a erros, mas não é porque todo mundo está ali que todo mundo é exemplo não. (Leonardo).</p> <p>No ministério infantil, as pessoas poderiam ser mais dedicadas, a gente podia estar fazendo mais coisas. Mas vai assim mesmo, devagarzinho a gente consegue. (Rafael).</p>
<p style="text-align: center;">Inconsistente (2 participantes)</p>	<p>Ah, eu acho que todo lugar tem alguma coisa para melhorar, mas na minha opinião não tem nenhuma no momento. Mas com certeza deve ter! (Júlia).</p>

É possível observar a valorização do endogrupo pelos participantes, enfatizando características positivas destes membros, o relacionamento entre eles, ou a participação em ministérios, que representam a concordância expressa entre participantes e outros membros, de que existem trabalhos a serem realizados, visando o benefício do próprio grupo, ou a evangelização, que seria o benefício ao outro.

3.3.8 - Participação em ministérios

“Ministério” é a palavra usada para caracterizar a atuação dos membros da igreja como líderes e/ou participantes de trabalhos realizados com grupos específicos de pessoas, como divididos por faixa etária, ou que exigem habilidades específicas, como a de técnicas musicais, no de louvor. O objetivo de um ministério é promover algo necessário e positivo para a manutenção do grupo, e/ou proporcionar a chegada de novos membros. Quanto à “participação em ministérios”, mesmo os casais ou os participantes que não apresentam este envolvimento atualmente, em algum momento já participaram e/ou lideraram algum grupo da

igreja. É interessante observar que em alguns casais ambos os cônjuges participam dos mesmos grupos, enquanto em outros casais, a participação de um dos cônjuges é maior do que a do outro.

Quadro A8 - Participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Participação em ministérios”

Casal	Apenas 1 cônjuge	Não participa
Carina e Carlos “Casados para Sempre”	Davi Louvor na célula	Daniela
Júlia e Juliano “Casados para Sempre”	Fernanda Ministério de consolidação, de louvor e recepção	Felipe
Letícia e Leonardo Curso para noivos “One”	Marisa Líder de célula feminina, ministério de louvor	Samira
Raquel e Rafael Ministério infantil	Mateus Líder de célula masculina, líder de célula infantil	Saulo
Gisele e Gilson Ministério de jovens	Viviane Líder de célula feminina	Vinícius

Carina e Carlos, Júlia e Juliano e Letícia e Leonardo exercem ministérios diretamente relacionados ao casamento, seja na preparação para o casamento (curso para noivos), seja visando a manutenção do casamento (curso para casais que já moram juntos). A participação neste tipo de ministério pressupõe que os integrantes do casal estejam sempre pensando e conversando sobre seu relacionamento. Esta prática, facilitada pela participação nestes grupos, permite que os possíveis conflitos existentes entre os cônjuges sejam amenizados, pois existe uma disposição por parte do casal para que isto aconteça (Lambert & Dollahite, 2008).

Isso é diferente do que relatam, por exemplo, Garcia e Tassara (2003) em estudo realizado com mulheres casadas também residentes na cidade de Vitória. Para as autoras, que entrevistaram mulheres de classe média casadas há mais de

15 anos, conflitos são evitados para que o risco de uma possível separação conjugal seja diminuído. Estas mulheres, portanto, oscilam entre sentimentos de felicidade e infelicidade no casamento, vivendo em busca “da utopia do amor romântico” (p. 132). Os participantes do presente estudo, bem como os entrevistados por Lambert e Dollahite (2008), podem conversar sobre seus conflitos, e até mesmo expor segredos, porque acreditam que seu casamento será duradouro, e contam com o perdão do outro para possíveis erros que possam ter cometido. Foi em uma das reuniões deste curso, “Casados para Sempre”, que Carlos e Carina se encheram de coragem e confessaram um ao outro casos extraconjugais que mantiveram em segredo, e que, segundo eles, ocorreram antes de sua conversão. Carlos relatou que foi muito difícil contar e ouvir, mas que depois daquele momento puderam se perdoar mutuamente e se afastar dos relacionamentos que mantinham fora. Atualmente somente falam sobre o que aconteceu quando entendem que alguém seria beneficiado por ouvir, mas não falam sobre este assunto entre eles.

Os outros ministérios citados, realizados por ambos os cônjuges, juntos ou separadamente, possibilitam o contato com outras faixas etárias (crianças e jovens), ou a realização de atividades importantes para a manutenção da estrutura dos cultos (recepção e louvor) e das células.

O casal Samira e Saulo é o único em que ambos, no momento, não estão envolvidos com qualquer grupo além dos cultos de domingo, sendo que este foi o casal que apresentou maior nível de insatisfação com o casamento (ver item 3.4.10.1). A não participação do casal em ministérios não pode ser colocada como a justificativa para a insatisfação em seu relacionamento conjugal. No entanto, como foram os únicos participantes desta pesquisa em que estes fatores podem ser combinados, é possível que se levante a hipótese de que as dificuldades no

relacionamento conjugal levariam ao afastamento da convivência com os outros membros da igreja e inibiria a participação nos ministérios, uma vez que o objetivo destes é que as pessoas se doem ao outro, doem algo que eles podem estar considerando, no momento, não possuir.

3.3.9 - Vivência de situações desagradáveis ou constrangedoras

Quando questionados sobre “vivência de situações constrangedoras” que porventura tivessem enfrentado por causa da religião, alguns participantes declararam que não havia nada que os deixasse embaraçados, ou não puderam se lembrar de uma situação específica. Já entre os entrevistados que citaram alguma situação, esta geralmente estava relacionada a práticas como beber e frequentar determinados lugares, que são mais facilmente reconhecidas por pessoas não evangélicas como práticas não realizadas por este grupo. Aqueles que já conheciam os participantes antes da conversão lembravam situações relacionadas a estes temas que se deram no passado, e os entrevistados se incomodaram com o fato.

Quadro A9. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Situações desagradáveis ou constrangedoras”, com exemplos de tais situações

12	<p>Uma pessoa, um primo, a quem eu amo muito, quando eu me converti, ele não aceitou a minha conversão. Eu era muito de balada, de rock, então ele não aceitou isso. E depois que a gente se reencontrou, depois, porque nós ficamos trabalhando juntos de novo, joga todo o meu passado na minha cara, assim, em forma de brincadeira, mas são coisas que se eu for levar a sério, eu sei quem age por trás dele, mas eu não posso falar nada, eu não posso rebater pesado, porque eu sei que eu vou magoá-lo. Complicado a situação, porque ele conhece todo o seu passado, então ele está sempre jogando na sua cara isso. Por mais que você fale: “rapaz, <i>se alguém está em Cristo, nova criatura é, as coisas velhas já passaram, e eis que tudo se faz novo</i>”, aí ele já faz de implicância, então não adianta você ficar rebatendo. Ou você se cala, ou você leva na brincadeira, se for rebater, você vai acabar criando uma discussão à toa. Então é uma coisa que eu passo que não é muito legal, assim. (Felipe).</p> <p>É claro que sempre tem aquelas gracinhas, às vezes um solta uma piadinha, sabe que é crente, mas não respeita. No trabalho também... (Júlia)</p> <p>Algumas vezes eles fazem algumas coisas que me deixam assim, meio chateado, mas logo passa e fica normal. Quando tem alguma festa de família, por exemplo, e me oferecem bebida. Mas aí eu falo que não, e fica tudo certo. Parece que é só para provocar mesmo. Mas eu não fico triste não. (Rafael).</p>
----	--

Os participantes enquadrados nesta categoria evidenciam suas percepções acerca dos estereótipos negativos e do preconceito dirigido a eles por seu exogrupo (Tajfel, 1983). Apesar de enfaticamente apontarem o que é positivo em seu grupo, e como foi positiva sua conversão para sua vida/relacionamentos, alguns entrevistados citaram situações nas quais foram alvo de críticas em função desta opção, reconhecendo que o exogrupo tem sobre seu endogrupo julgamentos valorativos compatíveis, ou seja, atribuem aos participantes características negativas, enquanto consideram positivas as de seu próprio grupo. Os evangélicos, apesar de apresentarem um crescimento numérico significativo nos últimos anos no Brasil, e de contar com a conversão de pessoas cuja atividade faz com que sejam objeto de interesse dos meios de comunicação, que por isso levam o tema à discussão pública, (lembrando ainda que algumas igrejas, inclusive evangélicas, receberam concessões de exploração de canais de rádio e de televisão), ainda são alvo de valoração negativa por causa de estereótipos ligados a figuras-chave, que também têm aparecido na mídia, acusados de terem se comportado de maneira que contradiz os princípios cristãos (Campos, 2008).

Os participantes relatam as formas utilizadas para lidar com o preconceito direcionado a eles. Não se entristecer (Rafael) ou “levar na brincadeira” (Felipe) são algumas das estratégias utilizadas para que a hostilidade do outro, direcionada ao seu grupo religioso, não interfira no relacionamento familiar ou de amizade. Aparentemente os participantes lidam com situações similares de forma pacífica, não retribuindo a hostilidade direcionada a eles e evitando, portanto, conflitos religiosos.

3.3.10 - Proposições/exigências da igreja difíceis de cumprir

A categoria “proposições/exigências da igreja difíceis de cumprir” refere-se a alguns princípios que são parte dos ensinamentos religiosos dos quais os participantes têm conhecimento, mas sentem dificuldades para colocar em prática em seu cotidiano. Não foram todos os participantes que citaram alguma dificuldade neste sentido.

Quadro A10. Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados em cada subcategoria de “Proposições/exigências da igreja difíceis de cumprir”, com exemplos selecionados

12	Falar sempre a verdade	Comparando a nossa vida cristã com a nossa vida profissional, tem situações que a gente tem que fazer e que não gosta, que nem por exemplo, omitir algumas coisas. Eu não gosto muito de mentir. Então assim, a gente tem que ter algum jogo de cintura, para falar com as pessoas, prometer algo que de repente você não vai conseguir entregar no prazo, então assim, a área que eu trabalho é a área de planejamento, então assim, é meio que sonhar algumas coisas, prometer algumas coisas, que você vê que não vai conseguir cumprir, mas assim, isso me incomoda muito. (Vinícius).
	Ter disciplina para orar e ler a Bíblia diariamente	Ah, uma dificuldade que quase todo mundo tem, eu diria 70% ou mais, é em relação à oração. Acho que é uma dificuldade geral, e é minha também. Isso, disciplina e oração. Porque a Bíblia fala que a gente tem que orar uma hora por dia, mas quase ninguém faz isso. Dizem que é por causa do tempo, que é corrido, mas eu não sei. Não devia ser assim, mas é. (Rafael).
	Participar de ministérios	Bom, para mim, hoje, seria estar fazendo algum trabalho na igreja. Eu me sinto, às vezes, eu sinto assim, poxa, Senhor, eu não faço parte hoje de nenhum ministério da igreja, eu não faço parte do louvor, eu não faço parte de nenhum dos ministérios, de adoração, de pregação na igreja, porque a igreja tem vários ministérios, que eu poderia estar me encaixando, e eu não faço. Eu me cobro dessa forma, mas eu não, ultimamente eu não estou fazendo nada. Eu gostaria de fazer, mas eu não sinto motivação, por esse sentido, de começar, e não terminar, não conseguir, ir até o final, largar, pela metade, entendeu? (Daniela).

	Entregar o dízimo	<p>Não porque a igreja me obriga, mas está ali, na Palavra, entendeu, está onde a gente se fundamenta. Então eu não posso pegar aquele livro ali e tirar só as coisas que são convenientes pra mim, entendeu? Olha, você vai receber bênçãos, você vai receber isso. Não! A igreja ela precisa ser mantida. O corpo de Cristo precisa ser mantido. Existe um custo na obra. Então está aí, ó, você tem que dar a décima parte sua. Não é só a décima parte do dinheiro não, é a décima parte do nosso tempo, que a gente não dá nem uma parte, se a gente for parar pra analisar. (Leonardo).</p>
--	-------------------	---

As subcategorias apresentadas relatam questões que os participantes colocam como importantes. Eles consideram que o correto é sempre dizer a verdade, independente das circunstâncias; separar um tempo diário para leitura da Bíblia e para oração; participar de um ministério e entregar mensalmente o dízimo, que corresponde a literalmente dez por cento das entradas recebidas. Apesar de considerar estes aspectos como importantes, os participantes apresentam dificuldades em cumprir integralmente cada princípio, seja por pressão externa, como “precisar mentir” no trabalho, seja por dificuldades pessoais de direcionar tempo e esforços para ministérios e/ou manutenção da igreja.

A dificuldade no cumprimento de cada princípio gera conflito para os participantes, conflito este que pode gerar culpa, ainda que haja tentativas de justificação, como fez Daniela, dizendo que prefere não fazer algo a fazê-lo sem qualidade ou com risco de ter que interromper prematuramente o que iniciou.

Tendo como base estas situações, é possível imaginar que os participantes se sintam, eles mesmos, como o membro “mau” do grupo (Marques & Paéz, 1997), ou seja, aquele que tem praticado e/ou deixado de praticar aquilo que é estabelecido pelo grupo como incorreto e correto, respectivamente.

3.4 – B) Relacionamento conjugal, filhos e projetos para o futuro

3.4.1 - Como se conheceram

A primeira categoria, “como se conheceram”, traz os principais elementos que envolveram o processo de escolha dos integrantes do casal um pelo outro, e pelo casamento. A maioria dos participantes se conheceu em festas, através de amigos, no trabalho, ou na igreja. Estas formas de primeiro contato induzem a pensar que a possibilidade de ver no outro o modelo de homem/mulher ideal, objeto de desejo, era grande, devido à homogeneidade estabelecida pela convivência com os mesmos amigos e/ou a preferência pelos mesmos lugares (Abundiz, 2000).

Quadro B1.1 – Respostas dos participantes à indagação sobre “Como se conheceram”

Foram apresentados por alguém próximo	Júlia e Juliano
Em uma festa	Carina e Carlos Daniela e Davi Fernanda e Felipe Letícia e Leonardo
No trabalho	Gisele e Gilson
Durante a adolescência	Raquel e Rafael
Na igreja	Marisa e Mateus Samira e Saulo Viviane e Vinícius

Júlia e Juliano se conheceram em uma comemoração de natal. O primo de Juliano é casado com a irmã de Júlia. O casal se conheceu em uma reunião de família e estão juntos desde então. Ele precisou sair do Estado por alguns anos, por causa do trabalho, e ela o acompanhou. O casamento foi realizado quando retornaram a Vitória.

Carina e Carlos se conheceram em uma festa realizada em uma praça da cidade. Naquele dia “ficaram” (relacionamento rápido, intenso e descompromissado, prática atualmente comum entre os jovens), depois se afastaram, conheceram outras pessoas, namoraram e terminaram o relacionamento com estas pessoas. Houve um reencontro, e o casamento foi realizado. Ela fez questão da realização da cerimônia religiosa.

Daniela e Davi “ficaram” quando se encontraram pela primeira vez, em uma festa. O interesse foi recíproco. Namoraram, foram noivos, terminaram o noivado e o retomaram, para rapidamente concretizar o casamento.

Fernanda e Felipe já se observavam de longe, mas foi em uma noite de ano novo que se aproximaram. Dois dias depois “ficaram” pela primeira vez. No dia cinco de janeiro, e em um casamento, começaram a namorar. O casamento foi realizado, pois ambos se converteram e concluíram que não poderiam manter uma vida sexualmente ativa fora da conjugalidade.

Letícia e Leonardo moravam no mesmo bairro e se conheciam de longe. “Ficaram” em uma “balada” (sic), conversaram por telefone no dia seguinte, e começaram a namorar. No início ela estudava em outra cidade, e se viam durante os finais de semana. Quando ela terminou a faculdade, ele passou a trabalhar embarcado em uma plataforma no mar, cumprindo uma escala. Apesar de estarem juntos há muito tempo, nunca tiveram convivência diária por longos períodos.

Gisele e Gilson se conheceram no trabalho. Em setores diferentes, mas fisicamente próximos, trabalhavam e se encontravam com muita frequência. Gilson namorava, mas se interessou por Gisele e terminou o namoro. Ela tinha receio de namorá-lo, pois não era evangélica, e não achava que poderia vir a ser uma pessoa “crente” (sic). Após a aprovação do pastor de Gilson, começaram a namorar, e ela

se converteu por influência dele. Gisele e Gilson são o casal com menor tempo de casamento entre os entrevistados.

Raquel e Rafael se conheceram quando ela tinha 13 anos. Ele esperou que ela completasse 15 anos e a pediu em namoro, para seu pai. Rafael afirma ter se convertido por influência de Raquel. Casaram-se quando ela fez 20 anos.

Mateus é de outro Estado e foi contratado para trabalhar em uma empresa com sede em Vitória. Passou a frequentar a igreja da qual Marisa fazia parte, começaram a namorar e se casaram virgens, como fizeram questão de relatar durante a entrevista.

Samira e Saulo se conheceram em um retiro de jovens realizado pela igreja de Samira em parceria com a igreja de Saulo, localizada em outro Estado. O relacionamento do casal começou quando ela foi à cidade de Saulo, visitar uma amiga que morava ali. Ela fez vestibular e se formou na cidade dele, durante este tempo namoraram e depois se casaram. Samira foi a única participante que relatou estar vivenciando dificuldades de relacionamento com o esposo.

No dia em que Viviane se converteu, Vinícius estava tocando um instrumento durante o culto. Ele ficou durante um tempo afastado da convivência com o grupo religioso, e quando retornou, Viviane e Vinícius se tornaram grandes amigos. O interesse de Viviane por ele “surgiu” depois que ela perguntou a Deus com quem se casaria, e através de alguns indícios, percebeu que poderia ser com ele. Passaram, então, a namorar e se casaram.

Para melhor visualização, foi construído um quadro agrupando o tempo de conversão em até cinco anos, entre seis e dez anos, e acima de onze anos, bem como foi assinalado se a conversão do participante aconteceu antes, ao mesmo tempo, ou depois do casamento.

Quadro B1.2 - Tempo aproximado de conversão dos participantes, e a relação desta com o tempo de casamento

Participantes	Até 5 anos	Entre 6 e 10 anos	Acima de 11 anos	Conversão antes do casamento	Conversão concomitante ao casamento	Conversão depois do casamento
Carlos	x					x
Carina	x					x
Davi	x					x
Daniela	x			x		
Felipe	x			x		
Fernanda	x			x		
Gilson			x	x		
Gisele	x			x		
Juliano		x		x		
Júlia		x			x	
Leonardo	x				x	
Letícia	x				x	
Mateus		x		x		
Marisa		x		x		
Rafael		x		x		
Raquel			x	x		
Saulo			x	x		
Samira			x	x		
Vinícius		x		x		
Viviane			x	x		

Quase todos os participantes afirmaram que experimentaram a conversão antes de optar pelo casamento. Somente Carlos, Carina e Davi consideram que sua conversão foi posterior ao casamento. Carina e Carlos, principalmente, apontam diferenças significativas em seu relacionamento atribuídas à conversão de ambos. Os outros casais se casaram sob princípios cristãos. Mesmo Júlia, Leonardo e Letícia, que estavam vivenciando o processo da conversão, relatam mudanças

progressivas e positivas no relacionamento na medida em que ambos foram se integrando ao grupo, aprendendo conceitos e os colocando em prática.

O relacionamento com Deus, segundo Lambert e Dollahite (2007), faz com que os casamentos sejam mais estáveis, pois são compreendidos como instituições religiosas que podem e deveriam ser eternas. Assim, determinam um significado para o compromisso com o casamento, e possibilitam que Deus seja colocado como a terceira parte do cordão, uma vez que, como diz a Bíblia, *um cordão de três dobras não se rompe com facilidade* (p. 592). Segundo os autores, os participantes acreditavam que o divórcio não era algo verdadeiramente considerado por seu cônjuge e, portanto, não deveria ser motivo de preocupação e/ou instabilidade. Assim, cada conflito que surgisse deveria ser trabalhado da melhor forma possível, e as dificuldades que porventura ambos passassem juntos seriam amenizadas pela presença de Deus. Já Villa, Del Prette e Del Prette (2007) concluíram, em seu estudo, que os fatores religiosos não são determinantes para facilitar e/ou restringir as habilidades sociais conjugais. No entanto, os autores colocam que estes resultados se referem às igrejas católicas e protestantes, não podendo ser aplicados aos grupos pentecostais, nos quais o controle exercido sobre os membros é maior e, portanto, mais passível de acatamento de normas e regras impostas pela igreja.

3.4.2 - Concepções sobre como deveria ser uma vida conjugal adequada

A categoria “concepções sobre como deveria ser uma vida conjugal adequada” reúne as afirmações dos participantes que revelam suas representações/concepções sobre como um relacionamento conjugal deveria ser conduzido. As respostas dos participantes foram divididas em duas subcategorias, cada uma delas enfatizando a aparente origem das representações de casamento de cada

entrevistado. Alguns participantes enfatizaram características religiosas, apresentando a Bíblia como base para sustentação, oração, renúncias e estabelecimento de papéis. Outros participantes enfatizaram questões afetivas, próximas ao amor romântico, e ao companheirismo, a ênfase no relacionamento entre o casal.

Quadro B2 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados nas subcategorias relativas às “Concepções sobre como deveria ser uma vida conjugal adequada”, com transcrição de algumas verbalizações ilustrativas

Valores Religiosos	09	<p>E, para a gente chegar até aqui, até esse ponto, a gente passou por muita coisa difícil. Foi pela graça do Senhor, pela misericórdia do Senhor, que nós estamos juntos hoje, só pela misericórdia do Senhor, mas então hoje, glória a Deus, com muita oração, com muita renúncia, com muita mudança, com muito deixar, com muito deixar de fazer o que a gente quer, buscar sempre estar sendo mudado, para você mudar aqui, mudar ali, renunciar aqui, renunciar ali, hoje glória a Deus, hoje eu sinto que a gente vive um casamento abençoado. Um casamento diante do Senhor, hoje eu sou feliz no casamento, hoje o Senhor tem feito isso na nossa vida. (Daniela).</p> <p>No meu caso, como é hoje. Um casamento cheio de paz, alegria, onde o centro da união é Jesus Cristo. Ele ensina tudo. Na Bíblia tem tudo, é o nosso manual do casamento, é o nosso manual de vida, é a Bíblia. (Gilson).</p> <p>Ah, o casamento deve ser como a Bíblia coloca, uma só carne, o homem como o cabeça e a mulher como a sua ajudadora, como aquela que vai fazer cumprir a sua missão daquilo que Deus estabeleceu para o casal. Penso também em uma parceria, não só como uma parceria, mas como uma unidade fundamental para a nossa sociedade. (Mateus).</p>
Valores sócio-culturais	12	<p>Casamento? Bem, basicamente, respeito, companheirismo, a gente ser companheiro, ser amigos, e respeito acima de tudo, respeitar como cada um é, o que às vezes é um pouco difícil, às vezes a gente quer moldar um pouquinho ao nosso jeito, mas eu acho que isso é, não é nós que fazemos? Não tem jeito, a gente quer mudar, parece que é pior. Então eu acho assim, é aceitar a pessoa, mesmo, como ela é, respeitar, e ter um companheirismo, amizade, mesmo. Acho que o básico é isso, você tendo isso, o resto flui bem. (Gisele).</p> <p>O casamento é isso, é companheirismo, é tudo isso. Amizade, essas coisas. Não é somente aquela coisa de trabalho, casa, e no caso sexo, não é somente isso, é companheirismo, é estar perto, é carinho, é amor, é estar junto, é lutar junto, é ter os mesmos objetivos, é pensar em acordo, acho que é tudo isso. (Juliano).</p> <p>Assim, seria ter diálogo, um saber ouvir o outro, mesmo que discordasse, mas chegasse num acordo, onde você procurasse manter vivo o relacionamento, intimidade, paixão, sentimento, troca de palavras, de incentivo, porque a gente sabe que muita coisa muda com o casamento. Então eu penso assim que o casamento ideal é aquele que tem diálogo, que tem cumplicidade. Onde há respeito. Quando há respeito, você pode até discordar da pessoa, mas você respeita a opinião dela. (Samira).</p>

Apesar da afirmação de Jablonski (2003) de que a religião vem perdendo o peso de impositora de normas e costumes relacionados ao casamento, para alguns participantes a associação entre um relacionamento conjugal satisfatório e o cumprimento dos princípios cristãos direcionados ao casamento é algo inquestionável. Para Daniela é em decorrência do exercício destes princípios que ela permanece casada e é feliz no casamento. Os participantes do estudo realizado por Lambert e Dollahite (2008) fazem esta mesma correlação, reconhecendo a importância dos princípios religiosos como norteadores de um relacionamento satisfatório. De acordo com Bessa (2006), há entre os pentecostais uma valorização da família e é no casamento que as mulheres podem exercer sua feminilidade e identidade. Para o participante Mateus, o papel das mulheres no casamento é o de “ajudadoras”, se colocando como responsáveis pelo cuidado da família, mas não sendo omissas diante das ações de seus maridos e/ou subjugadas por eles. A autora citada relata uma definição de submissão feminina muito semelhante à estabelecida pelo entrevistado Mateus.

Uma vida conjugal adequada deveria estar pautada, para alguns participantes, em características afetivas, como o companheirismo, a amizade, o respeito e a paixão. Afetivas porque envolvem o relacionamento, mas não pautadas no amor romântico do século XIX, e sim na ideia, consolidada a partir do século XX, de que o amor seria o cimento de uma relação (Del Priore, 2006). Para a autora, o casamento deveria estar fundamentado em um sentimento recíproco, uma vez que o diálogo passou a ser fundamental, bem como fundamental é o entendimento relacionado à educação dos filhos, ao direcionamento do orçamento familiar e ao cotidiano doméstico. Seria o fim da verticalidade nas relações entre homem e

mulher, e é este desejo de amor e cumplicidade o que aparece aqui descrito pelos participantes, refletindo, mais do que os valores de um grupo religioso, as questões culturais vivenciadas pela sociedade brasileira das últimas décadas.

3.4.3 - Mudanças pessoais em função do casamento

O casamento, caracterizado por um relacionamento no qual as pessoas deixam de ter uma vida independente e/ou de morar na casa dos pais para se juntar a outra pessoa e dividir tudo, de sonhos ao pagamento de contas, fazendo planos para o futuro, pode ser um marco, no sentido de gerar transformações identitárias que, em outras circunstâncias, poderiam não acontecer. Foi por essa possibilidade que a categoria “mudanças em função do casamento” foi criada, buscando reunir as áreas nas quais os participantes perceberam estas transformações em suas vidas depois de terem se casado.

Quadro B3 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Mudanças pessoais em função do casamento”, com transcrição de alguns exemplos significativos

Maturidade/ responsabilidade	08	<p>Ah, eu aprendi muita coisa! Aprendi muita coisa mesmo. Antigamente eu tinha tudo, eu morava em casa, com a minha mãe de criação, sempre tinha tudo na mão, essas coisas, então a gente aprendeu muito. Eu aprendi que viver junto é estar dividindo as tarefas também, Estar aprendendo coisas novas, estar aprendendo a ceder em diversas coisas. (Leonardo).</p> <p>Ah, eu acho que eu tive que crescer, na verdade. Porque na casa dos meus pais era tudo muito fácil, tudo muito na mão, meu pai sempre batalhou pra dar tudo pra gente, tudo o que a gente quis. Minha mãe também, sempre cuidando das nossas coisas, cuidando da gente, então eu tive que crescer. No começo a gente teve muita dificuldade, porque eu procurava no Leonardo o meu pai, que estava lá na casa dele, e ele não podia me dar o que o meu pai me dava porque ele era o meu esposo, ele não era o meu pai. Então eu tive que crescer depois que eu casei. Crescer mesmo. Em termos de maturidade, de responsabilidade, tipo assim: “ah, meu Deus, não gosto de mexer com contas, não gosto de falar em dinheiro, nem ter pouco nem ter muito”. E no casamento não pode, não tem como. A gente tem que discutir isso. A gente tem que se envolver com os assuntos da casa, senão não tem como administrar. Eu tive que aprender tudo isso. (Letícia).</p> <p>Mudou muita coisa. Eu era a filhinha da mamãe, tinha tudo na</p>
---------------------------------	----	---

		<p>mão, vivia assim, pra estudar e trabalhar na loja, não fazia mais nada. Ficava em casa, mamãe dava tudo na mão, aí depois que casou eu tive que aprender a me virar. Não tinha mais tudo na mão, tive que ter mais responsabilidade, era bem mais corrido. Pra mim foi uma grande mudança. (Raquel).</p>
<p>Ter alguém para compartilhar a vida, se preocupar com o outro</p>	11	<p>Nossa, mudou muita coisa. A organização, também, que você não é mais sozinha, não é mais do jeito que você quer deixar, porque tem mais uma pessoa, até para comer, você não vai fazer mais para você, você vai fazer para duas, então não é só você, se era egoísta a gente tem que ser obrigado a deixar de ser egoísta. Que são duas pessoas, e o pai dele ensina muito a gente nessa área, “se tiver um pão, divide”, porque não é mais um, agora são dois. (Fernanda).</p> <p>Tudo, tudo mudou. Eu me preocupo primeiro com ela, eu faço o meu melhor pela minha esposa, sabe, eu tenho prazer de levar o café na cama para ela, eu não aceito que ela carregue o fardo sozinha, sabe? Tipo assim, lavar roupa, cozinhar, eu quero hoje, assim, o melhor para a minha esposa, em todos os níveis. Se ela disser para mim: “Gilson, eu quero isso”, eu vou buscar, aonde tiver, e eu faço isso com o maior prazer, eu tenho prazer em amar a minha esposa. Sabe, e isso mudou, eu era extremamente individualista. (Gilson).</p> <p>Ah, mudou muita coisa. Tudo muda. Antes eu saía, fazia o que queria, e não tinha que falar para ninguém para onde eu estava indo, o que eu ia fazer. Hoje eu tenho uma esposa, e se eu vou fazer alguma coisa, se eu for sair, eu dou uma satisfação, ela sabe onde eu estou indo, o que eu estou indo fazer. É bom demais ter alguém para você poder falar alguma coisa, para dar uma satisfação. Eu sei que eu não estou sozinho. (Rafael).</p>
<p>Conquistas</p>	03	<p>E quando a gente foi juntando assim, a humildade dele com a vontade de crescer minha assim, a gente foi conquistando as coisas. Hoje a gente ora, a gente pede discernimento do Senhor, se é aquilo mesmo, e assim, já não é tão importante, e vai gradativamente sendo conquistado, sabe? É maravilhoso. (Carina).</p>
<p>Outros (Crescimento religioso, confiança, dificuldades de adaptação por diferenças culturais)</p>	03	<p>Casamos, depois do casamento houve uma busca maior, pelas coisas do Senhor, houve uma legalidade diante do Senhor, porque a gente estava errado, nessa área sexual, então legalizou diante de Deus, aí foram acontecimentos que foram crescendo no reino espiritual, e amadurecimentos também relacionados a casamento, essas coisas, relacionadas a casamento. Daí veio o batismo no Espírito Santo, porque houve uma busca maior por santidade, houve uma renúncia de algumas áreas que estavam erradas, o casamento legalizou a nossa vida sexual, então acabou essa área de pecado que tinha, então aí Deus foi acrescentando. (Davi).</p> <p>Depois do casamento? Bem, depois do casamento, para te falar a verdade, eu me senti mais segura. Porque eu era meio ciumenta. Eu era, assim, bem ciumenta, porque assim, Gilson, por ser muito brincalhão, e tal, brinca muito com as pessoas, e ele brinca com todo mundo, sabe, ele não brinca só com homem, ou só com mulher, ele brinca com homem, com mulher, e ele já tinha muitas pessoas que ele se relacionava na igreja, há muitos anos, e eu via isso com um pouco de ciúmes, assim. A gente chegou até às vezes a brigar um pouco por conta disso, então isso é uma coisa, assim, que me trouxe um pouco de</p>

	<p>paz. Eu falei: “poxa, a gente casou, realmente a gente está firme, não estamos assim...”, então muita coisa disso passou. E eu passei a brincar muito com ele, até, em vez de ficar com aquela cara emburrada do início. E também assim, é a estabilidade, mesmo, de você ter uma pessoa que você pode contar para o resto da vida, porque eu creio que nós somos casados para sempre, e você ter uma pessoa ali, sabe, serve do Senhor, do teu lado, que te dá apoio, isso te dá uma confiança, te dá uma segurança também. A segurança de você ter uma família, de você ter com quem contar. Sabe, eu tenho em quem me apoiar, então isso é muito importante. Saber que eu posso confiar nele. Tenho uma pessoa que eu posso confiar verdadeiramente. Eu creio que eu posso confiar verdadeiramente nele. Então isso é maravilhoso. (Gisele).</p> <p>Então cultura, tradição familiar, ele vem de uma região mais rural, o pai era fazendeiro, então toda aquela coisa muito tradicional, muito machista, que até em certo ponto contradiz com a formação universitária que eles tiveram. Isso tudo bateu muito forte no casamento. (Samira).</p>
--	--

A necessidade de maior responsabilidade, e até mesmo o sentimento de ter tido mais maturidade apareceram como uma das transformações vivenciadas pelos participantes. As falas dos entrevistados enquadradas nesta categoria demonstram que eles se consideravam muito dependentes dos pais antes do casamento, e perceberam que precisariam de um pouco mais de independência para cumprir este novo papel de marido/esposa. É o desejo de permanecer usufruindo do conforto e da segurança – inclusive financeira – da casa dos pais que tem feito com que jovens adultos permaneçam morando com eles, adiando o estabelecimento de maior independência, autonomia, e a formação de um novo núcleo familiar (Silveira & Wagner, 2006). Contrariando os dados encontrados pelas autoras, os participantes deste estudo abdicaram desta segurança, enfrentaram dificuldades, mas conquistaram sua autonomia e se prepararam, desta forma, para a paternidade/maternidade. Não é possível, somente através das entrevistas realizadas, afirmar que o envolvimento religioso seja o fator determinante para que haja esta diferença; é possível, entretanto, considerá-lo como uma das causas que influenciariam estas decisões.

Já o sentimento de ter alguém para compartilhar eventos significativos e fatos simples do cotidiano foi citado, por alguns participantes, como uma mudança interessante. Até mesmo “dar satisfação” ao outro foi considerado como positivo para Rafael, pois, de acordo com o participante, dizer para onde vai indica que existe alguém que se preocupa com ele, e o participante gosta disso. Alguns entrevistados falaram sobre a importância de estarem juntos para conquistarem bens e outras transformações pessoais, influenciados e auxiliados pelo outro. Na subcategoria “outros” aparecem questões como crescimento religioso, confiança e dificuldades de adaptação por diferenças culturais. Este último foi o único aspecto negativo, apresentado por Samira, que aparentemente não vivenciava um relacionamento de qualidade na época das entrevistas.

3.4.4 - Divisão de papéis e tarefas

A categoria “divisão de papéis e tarefas” trás a distribuição de atribuições domésticas e/ou de responsabilidades do casal para a manutenção familiar, incluindo a financeira. Entre os casais pode ser observado que existem papéis definidos, com uma clara distribuição das responsabilidades, e cada membro do casal cumpre com o que entende que deveria fazer. Em outros casais, apesar desta distribuição, um participante auxilia o cônjuge naquilo que ele considera serem as atribuições do(a) marido/esposa, fato que ocorre especialmente no caso de homens ajudando mulheres em tarefas domésticas, ou esposas trabalhando para aumentar a renda familiar e complementar o trabalho dos maridos nesta função. Para alguns participantes não há responsabilidades diferentes, divididas, mas o que precisar ser feito é responsabilidade de quem possui disponibilidade para realizar aquela tarefa no momento.

Quadro B4 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Divisão de papéis e tarefas”, com ilustrações de falas correspondentes às subcategorias construídas

<p>Definição clara de papéis</p>	<p>15</p>	<p>Hoje eu trabalho porque eu sei que tenho que sustentar a minha casa, que eu tenho que pagar as minhas contas, e eu sei que quem tem que dar o sustento é o homem, não é a mulher, então, esses dias a gente até estava brincando lá, e eu falei que eu não admito uma mulher ganhar mais que um homem no casamento. E se um dia, se ela for ganhar mais do que eu, nem que eu me torne em quatro, mas eu vou trabalhar para ganhar mais do que ela, porque o sustento da casa é obrigação do homem. Conselheiro, acolhedor, acho que são os que estão englobados no papel de marido. Dela? Apoiar. Apoio, tem que ser uma pessoa que seja realmente o meu braço direito, que saiba de tudo o que eu faço, que me apoie, em tudo, e que saiba também porque a mulher vê mais que o homem, que saiba me alertar, ver, quando vê algo que está errado, falar, eu acho que esse é o papel de toda mulher no casamento. (Felipe).</p> <p>Como mulher, é muito humilhante, porque a visão que ele tem é, ele tem todo o poder, ele é a autoridade máxima, eu estou aqui para servir, para fazer todas as vontades, se eu trabalho é para complementar a necessidade dele, hoje, por exemplo, para você ter uma idéia, eu acordei de manhã, hoje é o meu dia de folga, eu não tenho empregada, então eu estou trabalhando dia de semana, final de semana eu cuido da minha casa. O que aconteceu? Ele ficou deitado. Enquanto ele ficou deitado eu levantei, fiz café, cuidei do meu filho, dei mamadeira, limpei o bumbunzinho dele, que tinha feito cocô, fui fazer almoço, fui limpar a casa, lavar roupa, e ele deitado. Aí só quando foi perto de meio dia que ele levantou e foi dar um telefonema. Quer dizer, ele não ajuda. Assim, não lava um copo. Ontem à noite, reclamando porque estavam os copos todos sujos. Mas ele não bota uma água no filtro. (Samira).</p>
<p>Auxílio do cônjuge em tarefas do outro</p>	<p>10</p>	<p>Hoje ela sabe o papel dela, ela me chama, se eu estiver aqui, ela fala: “tem como você fazer isso para mim?”, se eu puder eu faço, se eu não puder eu não faço. (Carlos).</p> <p>Então o tempo inteiro que ele fica em casa ele sempre está muito cansado. Então na verdade eu não cobro muito dele, “ah, tem que me ajudar, fazer isso, fazer aquilo, tal”, mas assim, pelo menos conservar as coisas, para poder não deixar aquela bagunça. Tudo bem que às vezes fica. Mas eu saio para trabalhar também, não sou só dona de casa, então meu tempo é bem corrido também. Eu procuro fazer a minha parte em casa, e ele também a dele, mas quando ele pode ele ajuda. Mas geralmente eu é que faço. Tipo assim, “amor, me ajuda nisso, faz isso”, aí ele faz, ele ajuda, não reclama não. Mas também quando está com tempo, quando não tem tempo ele não faz. (Júlia).</p>
<p>Responsabilidade compartilhada</p>	<p>10</p>	<p>Então, por exemplo, à noite, aqui, quando a gente faz alguma coisa, junto, enquanto um está lavando prato o outro está junto secando vasilha. Eu não vou deixar ela lá sozinha, e vou ficar aqui no sofá, com a perna pro alto, comendo um tira-gosto e assistindo TV. Só se ela chegar e falar: “pode ir pra lá, deixa que eu faço hoje”, de vez em quando. Mas em condições normais assim, a gente está junto. (Leonardo).</p> <p>Não, o que aparecer, quem estiver ali na hora, faz. Se tiver que fazer alguma coisa ele faz, se tiver que lavar uma louça ele lava, limpa a casa, não tem essa de fazer só isso aqui. Chegou, o que tiver que fazer vai fazendo, não tem problema não. É como na igreja. Chegou o dia da</p>

	<p>gente ficar com as crianças, “e aí, quem vai ministrar hoje?” “ah, eu ministro”. Então na próxima vez, eu que ministro. Mas tudo assim, sem regras. Viu, precisa, faz. Ele tem o salário dele, eu tenho o meu, mas fica tudo junto, tudo é nosso. Não tem o seu salário, o meu salário, tem o salário de nós dois. Não tem essa divisão, o que é meu é meu. Não. O salário é dos dois, os dois decidem como gastar. A responsabilidade de trazer dinheiro pra casa é dos dois. Os dois trabalham fora, trabalhamos até juntos na empresa do meu pai, mas fica tudo junto. (Raquel).</p>
--	--

As falas categorizadas em número tão maior do que o de participantes (35 recortes de 20 entrevistas) indica o quanto o estabelecimento de papéis não está claro para os entrevistados (Rocha-Coutinho, 2007). Ao mesmo tempo em que afirmam haver uma divisão clara de papéis, com responsabilidades divididas e que precisam ser cumpridas, relatam auxiliar o outro em seu papel, quando existe a possibilidade e/ou é necessário. Este auxílio pode ser encarado como uma tentativa tímida de transformação, devido à convivência entre valores tradicionais e modernos em nossa sociedade atual, como afirma Coutinho (2008). Os participantes podem, ainda, declarar que as responsabilidades são compartilhadas por ambos, e as tarefas, bem como a busca pelo sustento financeiro, são realizadas quando surge a necessidade, ou de forma pré-estabelecida por ambos. Wagner et al. (2005) afirmam que mudanças têm acontecido progressivamente, e de forma descompassada nos vários núcleos familiares existentes na atualidade. No entanto, para as autoras, uma nova forma de agir vem se configurando, apontando para novas formas de lidar com a complexidade das demandas existentes atualmente, especialmente no que diz respeito à inserção da mulher no mercado de trabalho. Com exceção de uma esposa, todas as participantes exercem trabalho remunerado fora de casa, e precisam diariamente lidar com as demandas apresentadas pelos autores, conciliando suas responsabilidades – compartilhadas ou não com seus esposos – aos esforços referentes à capacitação e profissionalização exigidos para manutenção de seus empregos (Perlin & Diniz, 2005). A responsabilidade financeira

também não recai apenas sobre os homens da família, mas é dividida com as mulheres, que em alguns casos trabalham para “ajudar” nas despesas, e em outros contribuem para a real manutenção financeira da família.

A responsabilidade compartilhada e a divisão de papéis, apesar de representarem posicionamentos contrastantes, parecem ser ambos respaldados em conceitos religiosos. Compreender a divisão de papéis como correspondente a preceitos religiosos é facilmente justificável, quando se considera a tradição de autoridade/submissão do masculino sobre o feminino, presente há muito tempo na sociedade ocidental, embasada exatamente em princípios cristãos, mais especificamente católicos (Del Priore, 2006; Vainfas, 1986).

A responsabilidade compartilhada, no entanto, remete a outros princípios cristãos, como os de solidariedade, ao facilitar a percepção de que se a sociedade atual exige que ambos busquem os recursos financeiros para um sustento adequado da família, a consequência direta é a de que as responsabilidades domésticas cotidianas relacionadas aos cuidados da casa e dos filhos sejam também compartilhadas, de forma que não haja sobrecarga. É possível visualizar o início deste processo de transformação através das falas dos casais com visão mais tradicional, que consideram os papéis como definidos e rígidos, mas que fazem questão de ajudar ao outro, contribuindo para que haja menos cansaço, em um reconhecimento do desgaste gerado pela dupla jornada. Rocha-Coutinho (2007) afirma que os antigos discursos assumiram novas roupagens, mas na prática a cisão entre o homem/provedor financeiro e a mulher/responsável pela casa e pelos filhos permanece.

De acordo com Vaitsman (1994), um processo de transformação tem acontecido gradativamente nos últimos anos, de forma conflitante, e em meio a

muitas separações. Aparentemente, entre os casais participantes, estas mudanças têm ocorrido de forma mais suave – ainda que lenta – e a separação não tem sido considerada como uma possibilidade de resolução de conflitos. Em pesquisa realizada em 22 países Yodanis (2005) concluiu que nos países em que existe maior aceitação cultural para o divórcio a tendência é que as tarefas sejam divididas de forma mais igualitária. Para os evangélicos, bem como para outros grupos cristãos, a aceitação do divórcio como possibilidade de resolução de conflitos não é uma realidade (Lambert & Dollahite, 2008) e, portanto, as responsabilidades compartilhadas não seriam justificadas pelo temor da separação; se elas são compartilhadas, seria por outros motivos, que não pelo temor de perder o outro. É necessário destacar que a concordância entre os cônjuges no sentido de que a separação não deve sequer ser cogitada é um ideal buscado por várias religiões, com maior ou menor força prescritiva, caracterizando, de certo modo, uma estratégia para lidar com as dificuldades decorrentes das assimetrias culturalmente consolidadas sem ter que apoiar situações explícitas de submissão, e evitando os conflitos difíceis de prever que podem resultar do fato de que a sociedade e a cultura são dinâmicas e as transformações decorrentes de novas concepções e do desenvolvimento tecnológico quase sempre se conjugam como forças contrárias às tradições, resultantes de contextos muito diversos daqueles com vigência na vida cotidiana atual das sociedades.

3.4.5 - Decisão de ter um filho

Na categoria “decisão de ter um filho” abordam-se aspectos relacionados à decisão do casal referente a ter um filho. É importante destacar que os casais podem optar por ter ou não um filho, e pelo melhor momento para que isso

aconteça, uma vez que nenhum dos participantes optou pela realização do casamento por causa de uma gravidez inesperada. Todos os filhos foram gerados depois de algum tempo em que o casamento já havia sido concretizado, e por decisão do casal.

Quadro B5 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Decisão de ter um filho”, com transcrição de exemplos de manifestações pertinentes ao tema

<p>Quer ter logo/ está tentando/ está grávida</p>	<p>09</p>	<p>Ela não gostava da idéia. Tanto que a criação dela trouxe esse conceito para ela. Filho dá trabalho, filho é problema, não sei o que, e aí Deus foi transformando isso no coração dela. Então ela mudou completamente. “Eu quero ter filho agora porque quando eu ficar mais velha eu vou estar muito nervosa, não vou ter paciência, então eu vou ter filho agora”. Então o plano foi esse, vamos ter o filho agora, até mesmo porque a minha irmã teve filho agora, os meu primos todos tiveram, ou estão tendo filhos, e eu querendo também, aquela vontade de ser pai, e a gente decidiu ter esse filho agora. Creio que nós estamos crescendo, amadurecendo espiritualmente para poder criar esse filho, Deus está trazendo esse crescimento, então é a hora, eu acho que é uma hora abençoada para ter esse filho. (Davi).</p> <p>A gente fala daqui há uns dois anos, assim, sabe, mas eu penso que vai ser na hora que Deus planejar, entendeu, eu não me preocupo. Antigamente eu ficava mais assim: “ai, meu Deus. Quando é que vai ser? Como é que vai ser? Ah, Gilson não está querendo”, mas hoje em dia eu não me preocupo mais não. Eu entreguei, assim, nas mãos de Deus mesmo, sabe? Porque não adianta a gente ficar ansioso, não adianta, então eu entreguei nas mãos do Senhor, falei: “Senhor, a hora que for, vai ser, e nós vamos estar preparados financeiramente, emocionalmente, de todas as formas”. Então hoje eu não me preocupo mais com isso não. (Gisele).</p>
<p>Não quer ter filhos</p>	<p>01</p>	<p>Não faço questão de ser pai. Mas da mesma forma que eu falava: “ah, não preciso casar não, vou vivendo”. Então Deus mudou isso dentro de mim. Eu sei que quando chegar o tempo de Deus, foi aquilo que eu te falei, quando Deus tem algo para sua vida, ele muda, é impressionante como ele muda os seus valores. Da mesma forma que antes eu queria ficar sozinho, hoje eu não gosto, não consigo ficar longe da minha esposa. Eu não consigo, eu tenho prazer de estar com ela. Então a mesma coisa, penso eu, em relação ao que vai ser a minha paternidade. O dia que a Gisele disse: “eu estou grávida”, eu vou ficar feliz. Porque eu sei que Deus vai ter preparado o meu coração para isso, para receber o meu filho. De repente eu comece a sonhar com ele, mas hoje eu não tenho essa estrutura, nem emocional, e nem física, para ter um filho. (Gilson).</p>

<p>Quer ter mais um filho</p>	<p>08</p>	<p>Eu queria ter um segundo filho, mas ela não quer, eu tenho orado para Deus falar ao coração dela, porque filho único é até mais difícil para criar do que dois filhos. Então filho único você tem que ter um cuidado maior para você não mimá-lo, para você não deixar ele ficar egoísta, e tal, então é uma dificuldade a mais, você ter um filho, é mais fácil você criar dois do que um. (Mateus).</p> <p>Olha, diante disso, parece loucura. Não por causa dele, mas eu penso em ter, no tempo certo, não sei se isso vai acontecer, porque financeiramente, a nossa condição financeira hoje não é favorável, até em termos de relacionamento. Mas por outro lado, assim, a mim, como mulher, eu sinto essa necessidade. Eu sinto essa necessidade enquanto mulher, porque eu acho que um filho é muito pouco. Porque eu penso no futuro, eu penso que daqui um tempo eu vou ficar uma senhora, ou uma idosa, a minha vida profissional, eu vou me aposentar, depois de uma certa idade, e o que vai ficar são os meus filhos e os meus netos. Então, e também Sílvio, ele vai crescer, vai ter família, vai querer ter irmão, nem que seja um irmãozinho, ter um sobrinho, ter um irmão para compartilhar, ter um irmão para visitar. Então eu acho que a pessoa que não tem um irmão, eu vejo, eu observo as pessoas, eu acho que são muito solitárias. Eu sou pedagoga, eu trabalho em escolas, eu vejo as crianças, eu acho elas mais egoístas. (Samira).</p>
<p>Não quer ter outros filhos</p>	<p>06</p>	<p>Eu quero parar no primeiro! Eu quero ficar só com o Luciano. E o Leonardo tinha vontade de ter mais um, mas ele já está revendo, pensando em ter só um mesmo, porque a gente, por questões financeiras. Porque a gente quer poder dar o melhor pro nosso filho. Igual, se fosse na situação de hoje, se fossem dois, a gente teria dificuldades financeiras. Como a gente quer ter um filho e dar o melhor pra ele, a gente teria que ter só um mesmo. (Letícia).</p> <p>Mas lá dentro mesmo, assim, eu não penso em ter mais. Eu até brinco, falo bem assim: o reinado é de Vanessa. Agora falando assim, friamente, eu penso muito no lado assim, como é que o mundo está hoje, será que vale a pena ter mais uma criança? Colocar uma criança assim no mundo, o mundo não está muito legal, está difícil, a gente vê pela gente, assim, o mercado de trabalho, é muito difícil, tudo é muito difícil, cada vez um mundo mais competitivo, aquela coisa das pessoas ser muito egoístas, assim. Bom, hoje, no mercado de trabalho, a coisa é uma loucura, cada um por si, e ninguém por ninguém, e além do mercado de trabalho, existe a questão do mundo mesmo, violência, a gente não sabe como é que a criança vai se comportar no mundo, por mais que a gente tenha uma base evangélica, um lar cristão, mas a gente não tem muito certeza das coisas. A gente sabe que Deus cuida, mas enfim, são n fatores que influenciam externamente. (Vinícius).</p>
<p>Aborto espontâneo</p>	<p>04</p>	<p>Aí eu engravidei, do primeiro, passou dois meses e meio eu perdi. E eu fiquei preocupada, aí eu voltei na médica e ela falou assim: “você tem uma síndrome não sei o que lá, e você vai perder todos os nenéns que você tiver”. Aí eu continuei não acreditando, não pode. E eu fiz os exames, falei: “vou fazer o meu exame para ver a tireóide”, aí ela falou que eu perderia a função da tireóide aos poucos. E o exame deu normal. Aí eu falei: “Senhor, o exame deu normal, eu vou ter, eu não acredito, eu não aceito isso para mim”, e eu falei: “ah, mas sua mãe tem esse problema”, eu falei: “a minha mãe teve seis filhos. A minha mãe teve esse problema e ela teve seis filhos. Mas eu vou ter o meu”. Aí ela não acreditava que eu fosse ter. (Marisa).</p>

A primeira subcategoria se refere aos primeiros pensamentos dos participantes relacionados à chegada do primeiro filho, estejam eles ainda somente com a expectativa de engravidar ou já com algum tempo de gestação. Por coincidência, dois casais participantes estavam vivenciando o período de gestação do primeiro filho durante a realização das entrevistas. Nesta subcategoria é relatado o desejo por um filho, e até mesmo algum receio pelas possíveis mudanças que poderiam ser acarretadas quando a decisão de engravidar fosse tomada. Os filhos, para os participantes, são considerados bênçãos, presentes de Deus, apesar do entendimento relacionado a todas as dificuldades que envolvem os cuidados de uma criança. Para Rabinovich, Costa e Franco (2008), a igreja é uma influência maior para a família evangélica do que a rede de parentesco. Estas famílias, para as autoras, são configuradas pelo casal e pelos filhos, e os nomes escolhidos para estes costumam ter origem bíblica, exercendo um papel profético para a vida deste filho e o identificando, muitas vezes, a um personagem bíblico e, conseqüentemente, a tudo o que aquele personagem representa por sua história de vida.

Apenas um participante declara de forma muito segura que não quer ter filhos. Gilson não desconsidera totalmente esta possibilidade para um futuro distante, mas no momento não deseja planejar, não quer experimentar a paternidade. Outros participantes, já com um filho, pensam em ter um segundo. Justificam este desejo principalmente por pensar na criança que já faz parte da família, para que ela não cresça sozinha, não fique mimada e possa contar com irmãos, quando for mais velha e já não puder ter os pais como possível socorro.

A questão financeira é o principal impedimento apontado pelos participantes que já têm o primeiro filho e não querem ter um segundo. As dificuldades do mercado de trabalho, cada vez mais acirrado, e o custo elevado despendido para

educar uma criança são fatores que para os pais geram impedimento. Ainda que exista o desejo de ter mais um filho, optam por não o fazer, pensando na qualidade de vida – atual e futura – da família.

Os relatos sobre os abortos espontâneos foram acrescentados a esta categoria, pois surgiram durante a entrevista e se revelaram fatos responsáveis por abalar emocionalmente os participantes, especialmente as mulheres, deixando marcas profundas e duradouras (Nery et al., 2006), mesmo depois que o segundo filho, considerado por todos como se fosse o primeiro, nasceu e/ou foi concebido.

3.4.6 – Razões para adiar ter um – ou mais um – filho

A categoria “decisão de adiar ter um – ou mais um – filho” aponta as razões consideradas pelos pais e que influenciam na decisão de esperar para aumentar a família. Piccinini et al. (2007) afirmam que a chegada de um filho na família, quando já existe o primeiro, altera o equilíbrio existente entre a tríade pai – mãe – filho. Para os autores, a qualidade do relacionamento conjugal tende a diminuir, o comportamento do primogênito é alterado, e algumas mudanças ocorrem no relacionamento dos pais com o primeiro filho. Estes foram os fatores mais importantes vivenciados pelos participantes de sua pesquisa. No entanto, como nenhum dos participantes havia passado pela experiência de ter dois filhos, não foram estes os fatores apresentados como motivos para a espera, em um aparente desconhecimento sobre como seria se tivessem mais de um filho, mesmo entre os casais que já têm um filho.

Quadro B6 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Decisão de adiar ter um – ou mais um – filho”, com exemplos selecionados de afirmações

Construção da casa própria	08	<p>Pensamos sim, após a casa, a construção da nossa casa, a gente pensa em ter um filho. Nós já estamos na construção. (Felipe).</p> <p>A gente decidiu que nos três primeiros anos a gente ia construir a casa, nós compramos essa casa, construímos, nós compramos um carro, para depois a gente ter um filho. (Mateus).</p>
Questão financeira/situação do emprego	05	<p>Não, ainda não, mas já estou me preparando. Eu já parei de tomar o meu remédio, mas aí como eu estou no emprego novo, faz um mês e meio que eu estou na [Empresa], então eu parei de tomar o remédio, porém eu me previno com outros meios, porque eu não procurei saber certinho, mas eu ouvi falar que eles podem mandar embora se engravidar na experiência, então eu preferi até nem correr esse risco, deixa passar a experiência depois eu engravidado. (Júlia).</p>
Querer “curtir” o casamento	03	<p>Olha, no ano passado, aflorou em mim uma vontade enorme de ser pai. Até então, a gente casou, falamos: “vamos curtir nosso casamento, tal”. (Leonardo).</p>
Faculdade da mãe	04	<p>Então assim, a gente planejou tudo isso, e a gente planejou filho depois de cinco anos de casados. Como eu fazia faculdade de administração, eu larguei, e quando eu larguei, o Vinicius tinha terminado de fazer a faculdade dele. E eu larguei. Para ele foi um baque muito grande. Ele achou que eu ia terminar a faculdade, ia coincidir certinho com o tempo da gente ter um filho. Ele falou assim: “como a gente vai fazer agora? A gente combinou isso tudo, você está mudando tudo o que a gente combinou há tanto tempo atrás”. Aí eu falei assim: “olha, nem tudo é do jeito que a gente gostaria, às vezes a gente quebra a cara, mas eu acho que a gente vai ter que rever algumas coisas”. Aquilo entrou para ele como uma faca no peito. Mas aí ele foi entendendo, entendendo, viu que o curso onde eu estou hoje é o curso que eu estou mais satisfeita, e começou a falar: “não, então você vai fazendo o curso do jeito que você está, e eu abro mão de algumas coisas, para a gente poder ter um filho”. (Viviane).</p>

Para a maior parte dos participantes, a construção da casa própria foi uma prioridade antes de escolher ter um filho. Felipe está construindo, e Mateus construiu sua casa antes de conceber seu primogênito. A sensação de estabilidade quando é possível deixar de pagar aluguel parece dar segurança aos participantes para ter um filho, uma vez que o nascimento deste implica também maiores custos financeiros para a família. Da mesma forma, o emprego e a situação financeira precisam estar estáveis para que os participantes decidam ter um filho. Um estudo realizado por

Dessen e Braz (2000) aponta a rede social como suporte psicológico e financeiro para os pais, a partir da chegada do filho. Para as autoras, quando o filho nasce, é necessário que haja uma reestruturação e uma adaptação de cada membro da família às novas necessidades que emergem por causa do bebê. No início do casamento, alguns participantes escolhem “curtir” um ao outro e essa nova condição de casados, antes de acrescentar um membro à família e encarar todas as transformações decorrentes desta decisão.

A realização de um curso superior apareceu como impedimento temporário, principalmente quando era a mãe quem precisava estudar. Para Rocha-Coutinho (2007) é a mulher quem altera sua carga horária no trabalho, diminui seu ritmo, para estar mais disponível para exercer os cuidados requeridos pela criança. Entre as participantes deste estudo, Marisa não apenas alterou seu horário, mas deixou seu emprego para ser mãe em tempo integral. As outras mães passam pelas dificuldades cotidianas de se equilibrarem entre as necessidades do trabalho e as necessidades dos filhos.

3.4.7 - Mudanças em função do nascimento dos filhos

A categoria “mudanças em função do nascimento dos filhos” trata da percepção dos pais em relação às transformações individuais e/ou nos relacionamentos que aconteceram após o nascimento dos filhos, ou da descoberta da gravidez, para os pais que estão vivenciando este processo.

Quadro B7 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Mudanças em função do nascimento dos filhos”, com ilustrações de trechos de suas falas

Mudanças no casamento	07	<p>Ah, eu acho que a gente, é um amor, a gente se dá mais carinho, se dá mais atenção, parece que o conceito de uma só carne fica mais, como eu falo, mais consistente, mais firme assim. É um pedacinho de nós dois. Então mudou tudo. Mais amor, mais compreensão, ah, é muito bom. Foi muito bom pro nosso casamento. A gente ficou muito mais unido. (Letícia).</p> <p>Mas veio a amadurecer mesmo depois que meu filho nasceu. Acho que foi a fase que eu mais amadureci no casamento, porque depois que o filho da gente nasce a gente passa a enxergar o casamento, a vida de outra forma. Não sei o que aconteceu não! Estabilizou mais o casamento, eu acho que nós ficamos mais unidos. A gente parou de perder tempo com discussões que a gente acha que, hoje a gente vê que é besteira. (Saulo).</p>
Mudanças na forma de ver a vida	06	<p>Nossa, mudou tudo, assim. Eu gostava muito, assim, de vir para casa, depois do trabalho, aquela coisa assim. Mas hoje, assim, parece que há um plus a mais. O jeito dela, só assim, para quem for ter um filho, eu acho que não tem nem palavras para falar. O que mudou, muita coisa. Eu acho que você dá mais importância à vida, você cuida mais de você, até porque você é responsável por cuidar de alguém. (Vinícius).</p> <p>Depois que a Vanessa nasceu a minha vida deu uma reviravolta. Eu tenho tido muito menos tempo para fazer coisas que eu fazia muito. Mudou a minha forma de ver a vida. (Viviane).</p>

Os pais relatam que a vivência da paternidade/ maternidade aproxima mais os cônjuges, gera mais amadurecimento na relação do casal. Outros participantes enfatizam a mudança na forma de “ver a vida”, como diz Viviane. Assim como o casamento proporciona transformações, a paternidade/maternidade muda as perspectivas e a visão de mundo dos novos pais e mães. A vida do filho também é “mudada” conforme o posicionamento dos pais em relação à família. Para Wagner e Levandowski (2008), quando os pais conseguem valorizar o relacionamento familiar (estejam eles vivendo conjugalmente ou não), quando há entre eles harmonia e planos para o futuro, a família cumprirá seu papel socializador em relação ao filho, favorecendo o crescimento deste em meio às adversidades sociais e naturais do processo de desenvolvimento que ele enfrentará. Petts (2007) afirma que os pais

profundamente envolvidos com a religiosidade apresentaram um alto grau de comprometimento no exercício de sua condição parental.

3.4.8 - Criação de filhos e ensinamentos: meios e prioridades

A categoria “criação de filhos e ensinamentos: meios e prioridades” refere-se aos objetivos dos pais em relação à educação dos filhos, retratando o que é prioridade para os genitores em relação ao ensino de seus filhos, e quais são os meios utilizados para transmitir estas informações e socializar suas crianças, como garantia de futuro aos filhos.

Quadro B8 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Criação de filhos e ensinamentos: meios e prioridades”, com alguns exemplos das afirmações que fizeram

<p>Ensino de conceitos religiosos</p>	<p>17</p>	<p>Olha, a primeira coisa que eu penso, é fazer com que ele ande nos caminhos do Senhor. Sabe, assim, criar na igreja, criar conhecendo a Palavra, sabe, sendo ministrado, tanto por mim quanto por Gilson, porque o mundo, hoje em dia, não está bonito, É ele crescer com consciência, do que tem que ser, da Palavra do Senhor, dos ensinamentos de Deus, porque assim, o mundo dá medo, sabe, se você não crescer ali, com o ensinamento do Senhor mesmo, é difícil, é difícil você segurar. Então essa é a minha maior preocupação. (Gisele).</p> <p>Ah, caráter. E debaixo da orientação divina, da Palavra de Deus. São os ensinamentos que estão na Bíblia. Se define nisso. (Juliano).</p> <p>A primeira coisa que eu acho importante ensinar para ele é sobre a sua salvação, porque não é porque ele é filho de crente que ele vai se tornar crente. Então a principal coisa que eu foco na minha vida é fazer que ele se torne um cristão. (Mateus).</p>
<p>Ensino de valores pessoais</p>	<p>12</p>	<p>Mas que meu filho crescesse com a humildade do meu esposo, que hoje eu também tenho, glória a Deus, com a humildade do meu esposo e com aquela vontade de ser uma pessoa lá na frente, não tem, uma vontade assim de querer ser alguém, espiritualmente falando a gente é, sempre foi, mas estudar, querer o melhor para ele. (Carina).</p> <p>Eu quero ensinar para os meus filhos tudo aquilo que o meu pai me ensinou. Muitas coisas, como trabalhar para ganhar o meu, porque ele nunca me deu nada de mão beijada, então eu pretendo ser um pouco punho de ferro com o meu filho, para que ele aprenda a trabalhar. Porque hoje você olha a sociedade, você vê muitos garotos e garotas mimados, os pais dão tudo, protegem demais, e meu pai nunca foi muito de proteção, ele sempre nos ensinou. Então eu quero ensinar para o meu filho essas coisas. (Felipe).</p>

Quase todos os participantes mencionaram o ensino de conceitos religiosos como sendo o que há de mais importante para transmitir aos filhos. Do mesmo modo que as pessoas próximas e/ou familiares tiveram um papel fundamental na adesão dos participantes ao grupo religioso, os entrevistados consideram como fundamental ensinar aos filhos o que têm aprendido, pois intuitivamente parecem perceber que, transmitindo estes conceitos já na infância, a probabilidade de que seus filhos se distanciem destes ensinamentos é um pouco menor, como foi constatado por Bastos et al. (2007). Além disso, se os participantes consideram que suas vivências anteriores à conversão foram negativas, é compreensível que não queiram que seus filhos as vivenciem, mas sim que eles experimentem o que atualmente os pais têm vivenciado em seu endogrupo. A vinculação identitária religiosa parece ser tão forte que os pais consideram que exercendo influência sobre seus filhos, estes estarão isentos de outras vinculações grupais significativas e, portanto, isentos de outras influências e “riscos” pelos quais os pais foram submetidos em sua juventude.

A importância do ensino de valores pessoais parece remeter mais à socialização dos participantes, independentemente da religião. No caso dos valores pessoais, então, estão em jogo características que foram adquiridas pelos próprios participantes ou por familiares próximos (como seus pais, por exemplo), que não necessariamente são provenientes do ensinamento religioso, como um esforço de transmitir, também, alguns aspectos que podem ser entendidos como legado pessoal.

3.4.9 - Planejamento para o futuro

Na categoria “planejamento para o futuro” são agrupadas as afirmações dos participantes sobre seus sonhos e sobre os planos que fazem para a família. A

categoria foi subdividida em áreas de ênfase para as quais se direcionam estes planejamentos.

Quadro B9 - Quantidade de participantes que verbalizaram conteúdos enquadrados na categoria “Planejamento para o futuro”, com ilustrações de alguns dos planos, tal como formulados

Educação formal	12	<p>Porque eu não comecei a faculdade ainda, então vamos ter agora, quando ele estiver maiorzinho, com dois, três aninhos, eu entro na faculdade. Bom, isso é só o meu sonho, só o Senhor sabe como vai ser. (Daniela).</p> <p>O meu plano, plano para o futuro, hoje, o mais recente, é a minha faculdade, que eu não fiz, quero fazer uma faculdade de Direito. (Gilson).</p> <p>Eu comecei a fazer Engenharia de Automação, aí comecei a trabalhar embarcado, aí não deu para conciliar naquele momento, mas ano que vem eu to voltando. Se Deus quiser. (Leonardo).</p>
Prosseguimento à vida espiritual/ religiosa	11	<p>Ah, eu creio na salvação da minha família toda. A minha família, assim, a minha mãe, meus filhos todos os dois na casa de Deus, e hoje eu não tenho muita, antigamente eu tinha muita vontade, ganância, de ter as coisas, de ter sempre mais e mais, hoje eu já não tenho essa vontade. Hoje eu tenho vontade de servir a Deus, fazer a vontade dele. (Carlos).</p> <p>Mas como eu falei, o maior foco hoje, o maior foco da nossa vida hoje é a nossa vida espiritual. Porque a gente estando bem, com Deus, aprendendo as coisas que ele quer para a nossa vida, se submetendo a ele, todas as outras coisas a gente vai sendo acrescentada. (Davi).</p> <p>Eu pretendo, assim, na minha família, ter uma família muito unida, na comunhão de Deus, e todos nós nos pés do Senhor. Assim, eu falo para o Senhor que eu não quero me desviar, porque se eu me desviar e sair dos seus caminhos, que ele venha me tirar daqui. Porque eu quero todo mundo assim, ali, na presença de Deus, nossos filhinhos buscando a Deus, não por obrigação, porque é uma coisa que eu sinto, assim, que a minha felicidade é ficar dentro da presença de Deus não porque a minha mãe quis, não porque o meu pai obrigou, não por isso, mas porque eu quero servir, eu quero buscar, então eu quero que os meus filhos tenham essa sede de Deus. E eu espero que eu tenha um futuro abençoado. (Fernanda).</p>
Situação financeira	09	<p>Então, assim, hoje eu coloco primeiro Deus, depois minha vida material. Mas eu tenho um projeto, a gente tem projetos, de dar uma vida melhor para a minha esposa, eu pretendo ter outro carro, trocar de carro, montar uma loja, dar um estudo bom para o meu filho. (Carlos).</p> <p>Na questão financeira, eu espero melhorar, financeiramente, crescimento, prosperidade, primeiro porque isso é bíblico, Deus quer abençoar a gente como seus filhos. (Saulo).</p>

Filhos	09	<p>Agora tem o neném, Então a gente está, eu estou me adaptando com a ideia mesmo, de ter um filho, de ser um pai. Então um plano para o futuro é trazer uma estrutura para o neném, tanto fisicamente quanto espiritualmente. E isso eu tenho colocado nas mãos do Senhor, também, porque eu vou sair da faculdade vai entrar o custo do neném. Então a gente vai continuar, nesse sentido, na parte material, um pouquinho apertado, mas eu creio que Deus vai prover todas as coisas. (Davi).</p> <p>Eu espero cuidar bem dela [filha], e o resto está tudo tranqüilo. (Raquel).</p>
Construção ou aquisição de bens	06	<p>Aí a gente não sabe, por enquanto está assim. Mas a gente comprou um terreno aqui em [Localidade], de repente a gente constrói aqui mesmo, então vamos ver, o que for do Senhor a gente faz. (Júlia)</p> <p>Mas eu penso na minha casa, uma casa bonita, uma casa que eu quero, eu quero ter um dia o meu carro, eu quero construir, eu pretendo ter um negócio, humanamente é impossível? É, mas para Deus nada é impossível. (Fernanda).</p>
Buscando a direção de Deus	06	<p>Ah, eu não tenho muitos planos não. Eu estou na dependência de Deus. O que acontecer aconteceu. (Rafael).</p> <p>Eu não fico pensando muito no futuro mais não. Antigamente eu pensava muito. Mas hoje em dia eu não penso muito não, eu estou deixando viver um dia de cada vez, deixando tudo nas mãos de Deus. Sonhar a gente sonha, mas não fico mais idealizando demais aquilo não. Sonho, busco para ver se é de Deus, para não ter uma expectativa que não corresponda. E vou vivendo assim. (Viviane).</p>
União do casal	03	<p>E no relacionamento de família é melhorar, fazer mais, porque sempre a gente tem um errinho para corrigir. E como eu e a minha esposa somos os dois de temperamento difícil, sempre tem atrito, então eu procuro, ultimamente to procurando, tipo assim, falar menos e ouvir mais, para evitar atritos. E procurar viver segundo a Palavra de Deus. (Saulo).</p>

Faz parte dos planos para o futuro, para alguns participantes, a continuidade dos estudos ingressando ou retornando para o ensino superior. Os planos relacionados à religião envolvem aspectos do endogrupo dos participantes, e o desejo de crescer ministerialmente, dispondo de maior dedicação para o grupo e seus pares. A melhoria da situação financeira também é um objetivo, assim como a construção e a aquisição de bens. Em relação aos filhos, há o planejamento financeiro e a expectativa de que eles serão bons pais e mães. A preocupação com

o cuidado dos filhos pode ser compreendida uma vez que, segundo Biasoli-Alves (1997), uma geração tende a imaginar a sua como mais interessante do que a posterior, sobre a qual existe uma preocupação relacionada ao decréscimo na qualidade de vida. Alguns participantes parecem não ter planos muito específicos, e se colocam “na dependência de Deus”, como faz Rafael. Alguns participantes veem na união do casal suas expectativas de melhoria do relacionamento entre eles.

Entre os planos para o futuro, portanto, com exceção dos relacionados ao ministério, os participantes referem-se basicamente a questões financeiras e de melhoria em relacionamentos interpessoais. São planos que, implicitamente, referem-se às expectativas de um relacionamento conjugal prolongado, senão eterno (Lambert & Dollahite, 2008). Um estudo recente com casais residentes em Vitória, alguns evangélicos e outros católicos, revelou planos para o futuro, de casais com famílias já estabelecidas, muito similares, destacando-se: adquirir ou construir casa própria; e continuar a estudar (Rölke, 2008).

Estão disponíveis na literatura atual muitos relatos de trabalhos nos quais se investigaram novas configurações familiares, incluindo pós-divórcio (Bastos et al., 2007; Perucchi & Beirão, 2007; Relvas, 2002), ou os fatores relacionados à separação dos cônjuges (Féres-Carneiro, 2003; Jablonski, 2003; Pasquali & Moura, 2003), ou vivências atuais do casal (Braz, Dessen & Silva, 2005; Rocha-Coutinho, 2007; Wagner et al, 2005; Wagner & Lewandorski, 2008). A realização destes estudos tem proporcionado avanços teóricos e embasado a prática de muitos profissionais; no entanto, pode-se dizer que os pesquisadores da área, atualmente, têm considerado que uma das fases da conjugalidade (às vezes vista como quase inevitável), atualmente, é o divórcio. Destaca-se que não apenas entre os casais evangélicos, mas simplesmente entre casais, são encontrados muitos maridos e

esposas que não veem a dissolução do casal como uma possibilidade para a resolução de conflitos, buscando estratégias de comunicação para promover a qualidade de vida entre o casal (Garcia & Tassara, 2003), e permanecer sendo casal. A dinâmica familiar destes casais não pode ser desconsiderada, uma vez que eles continuam a existir e a constituir parte da sociedade atual.

3.4.10 - Satisfação/ insatisfação relacionadas com aspectos específicos do casamento.

Foram identificados, através do discurso dos participantes no decorrer das entrevistas, alguns aspectos do casamento com os quais os participantes demonstraram estar satisfeitos e/ou insatisfeitos.

Para Carlos, as questões que geram insatisfação moderada estão ligadas ao baixo poder aquisitivo proporcionado por seu trabalho; à sua esposa, que precisa trabalhar fora para equilibrar o orçamento doméstico enquanto ele gostaria que ela estivesse em casa, cuidando das tarefas domésticas e de seus filhos; e à paternidade, pois quer ter outro filho, mas sua esposa acha que não é este o momento, por causa de sua recente troca de setor na empresa para a qual trabalha. A insatisfação de Carina é moderada em relação às questões financeiras e de impossibilidade momentânea de exercer novamente a maternidade, compartilhando dos motivos de Carlos. Já as relações com sua família de origem têm gerado alta insatisfação, e agora ela procura não mais se envolver neste tipo de questionamentos.

Para Davi, a insatisfação moderada é referente à má administração do dinheiro, o que faz com que a área financeira de sua família não esteja funcionando adequadamente. Daniela sente que sua família, os parentes de sua mãe, a invejam, e este é o seu motivo de incômodo.

Felipe não apresentou sentimento de insatisfação em qualquer área; ele considera que há satisfação total em todas elas. Já Fernanda gostaria de ter um horário mais flexível em seu trabalho.

Gilson considera que poderiam administrar melhor suas finanças, pois seu salário e o de Gisele seriam suficientes para a manutenção da qualidade de vida de ambos, se soubessem direcionar bem este dinheiro. Gisele está pouco satisfeita com a questão da maternidade, porque ela quer ter um filho, sente que sua idade está ficando avançada para isto, e seu esposo não quer ser pai.

Juliano e Júlia compartilham do mesmo desejo: paternidade/maternidade. Ele está ansioso pela gravidez de sua esposa, e ela tem um desejo muito grande de

engravidar, apesar de ainda não ter deixado de tomar suas pílulas anticoncepcionais, pois foi contratada há pouco tempo em uma nova empresa e está esperando que os três meses de experiência sejam cumpridos, para evitar instabilidade no trabalho.

Leonardo não apontou características insatisfatórias em sua vida. Para Letícia, o ideal seria poder ficar em casa, cuidando do filho, mas ela ainda precisa trabalhar. É perceptível o sentimento conflitante, pois gosta de trabalhar, seu salário ajuda nas despesas da casa, mas ela gostaria de abrir mão destes aspectos para exercer a maternidade em tempo integral. Letícia é uma das mulheres que estava grávida no momento da realização das entrevistas.

Mateus gostaria de ser pai novamente, mas Marisa não quer ter outro filho. Ele também queria ter trocado de emprego, mas permanece no atual porque, de acordo com ele, recebeu uma “palavra de Deus” para que permanecesse ali por mais um tempo, para que possa cumprir uma missão. Marisa quer voltar a trabalhar quando Michel ficar mais velho, mas espera passar em algum concurso, pois não deseja ficar fora de sua casa para obter um retorno financeiro insatisfatório.

Rafael e Raquel não apresentaram indícios de insatisfação em qualquer área.

Saulo demonstrou pouca satisfação em relação aos aspectos financeiros de sua família, pois está enfrentando uma crise por falta de clientes que contratem os serviços de sua empresa. Demonstrou pouca satisfação, ainda, no que se refere ao seu relacionamento conjugal com Samira, apesar de afirmar que eles têm os mesmos problemas enfrentados por todos os casais. Já Samira sente-se profundamente insatisfeita com este relacionamento. Ela afirma que já foi traída, que não é compreendida ou respeitada por ele. Samira sente-se pouco satisfeita, ainda,

com sua situação financeira e com sua condição de maternidade, pois deseja ter mais um filho.

Vinícius e Viviane não identificaram aspectos nos quais se sentissem pouco satisfeitos.

O “cotidiano da casa” e as “expectativas referentes à educação do(s) filho(s)” foram as únicas subcategorias nas quais todos os participantes foram enquadrados em “bom”, ou seja, nenhum dos entrevistados apresentou qualquer indício de pouca ou nenhuma satisfação no que se refere a estes aspectos. Poder-se-ia supor que entre os casais nos quais as mulheres estivessem sobrecarregadas com o acúmulo de responsabilidades do trabalho e da esfera doméstica haveria insatisfação nesta área do relacionamento (Perlin & Diniz, 2005; Rocha-Coutinho, 2007), o que não ocorreu. Uma possibilidade de explicação seria a de que a existência de concordância entre o casal no que se refere à divisão de papéis e tarefas não permite que ela se sinta insatisfeita, mas sim que encare com naturalidade esta sobrecarga de trabalho, eliminando com tal naturalização a possibilidade de haver insatisfação. Compreende-se, portanto, que existe uma naturalização dos papéis de gênero para este grupo, baseada em princípios religiosos tradicionais nesse aspecto, o que parece impedir questionamentos ou insatisfações.

Já em relação às expectativas referentes ao futuro dos filhos, não faz sentido que os pais se sintam insatisfeitos, visto que os casais entrevistados têm filhos muito pequenos ou ainda não os têm, fator que faz com que estas expectativas se enquadrem em um futuro muito distante, e eles imaginam, portanto, poder contar com muitas possibilidades e/ou mudanças até que este futuro se torne presente.

Nas outras categorias, os participantes que apontaram alguma área como pouco satisfatória, ou como insatisfatória se referiam, na maior parte das vezes, a

uma situação atual e não definitiva, que no momento incomodava, mas se referia mais a um estado de espera do que a uma grande frustração. Sobre o aspecto financeiro, a má administração por parte do casal e/ou o salário atual foram os principais motivos que geravam pouca satisfação. Em relação ao trabalho, existiam, para os participantes que mencionaram esta área, possibilidades iminentes de recolocação profissional ou retorno ao mercado de trabalho. Ao fazerem referência aos familiares, os participantes relataram situações de crises na família ou de quebra de relacionamentos. Já em relação ao desejo de maternidade/paternidade o principal motivo que gerou insatisfação foi o fato de ter que adiar a decisão, permanecendo na expectativa de que o cônjuge fosse convencido de que deveriam ter outro filho, ou aguardando a ocorrência de circunstâncias profissionais favoráveis para que este segundo filho seja concretizado.

No que se refere à insatisfação relacionada ao cônjuge, além de Carlos, que estava insatisfeito com a ausência de sua esposa durante o dia todo, porque ela exerce trabalho remunerado fora de casa, o casal que apresentou grande insatisfação foi aquele formado por Saulo e Samira. Sobre eles apresenta-se a seguir um relato adicional.

3.4.10.1 - Saulo e Samira

O relato que se segue baseou-se exclusivamente nas falas pertencentes à entrevista com Samira. Saulo não discorreu sobre nada parecido com as queixas de Samira e foi muito objetivo durante sua participação. Ele interrompeu a entrevista de Samira por duas vezes, chamando-a para cuidar do filho.

Saulo e Samira se conheceram ainda muito jovens, intermediados por reuniões dos grupos religiosos dos quais faziam parte. Ele residia em outro estado, e

se encontravam com pouca frequência, em retiros organizados por suas respectivas igrejas. Começaram a namorar depois que ela decidiu ingressar em uma universidade localizada na cidade na qual ele residia. Imediatamente após o casamento, Samira passou a se sentir desrespeitada pela família dele, e depois de pouco tempo de casamento, por Saulo também.

Samira afirma que Saulo, assim como a família dele, possui uma visão rígida sobre o casamento, baseada em uma interpretação mais tradicional da Bíblia no que se refere a relacionamento conjugal, segundo a qual o homem representa a autoridade inquestionável em casa e a esposa deve ser submissa quase ao ponto da escravidão. Ao mesmo tempo, ambos compreendem o casamento como uma instituição eterna, que não deve ser interrompida por uma separação.

Segundo Samira, com o tempo ele a afastou de todos os amigos e promoveu o distanciamento de sua família. Ela parou de exercer atividade remunerada durante muitos anos, mesmo possuindo uma titulação de nível superior e de “sempre ter trabalhado”, por resistência de Saulo. Eles sempre mantiveram suas contas bancárias separadas e, como ela deixou de possuir rendimento próprio, ele a controlava, e ainda a controla, através do dinheiro, colocando nas mãos de Samira apenas o que *ele* considera ser o necessário para comprar aquilo que *ele* pensa ser conveniente. Saulo sempre investiu seu dinheiro na troca de carro, na compra de muitos DVDs e em outras coisas que, segundo Samira, não são essenciais e têm a finalidade de entretenimento exclusivo para ele.

Samira relatou que há alguns anos foi traída por Saulo com uma garota de programa. Ele passou a não ter horário para chegar em casa, começou a gastar muito dinheiro em noites com esta mulher, e cada vez que isso acontecia era gerada uma intensa briga entre os dois. Esta situação se estendeu até que Samira foi para a

casa de seus pais. Imediatamente Saulo levou sua amante para seu apartamento, o redecorou e ela passou a perseguir Samira, ameaçando-a.

Depois de seis meses Saulo e a amante se separaram, após o que Samira decidiu voltar a morar com ele. Neste período engravidou e teve um aborto espontâneo. Ele não se sensibilizou muito com o fato, e ela afirma ter-se tornado depressiva. Depois de algum tempo e de longas conversas com o pastor da igreja que frequentavam, Saulo teve despertado seu desejo pela paternidade e, apesar da insegurança de Samira, ela engravidou novamente e este filho é o Sílvio, que estava com onze meses de idade na época da realização das entrevistas.

Samira não relatou se durante todos estes anos houve ou não agressão física, mas deixou claro o quanto tem sido violentada emocionalmente (Alvim & Souza, 2004), além de vivenciar um relacionamento que apresenta todas as características de dominação masculina, que podem levar – ou ter levado – à agressão física. As características de independência e facilidade de comunicação de Samira, as quais provavelmente eram qualitativamente mais intensas durante o tempo de namoro, podem ter ameaçado a “masculinidade” de Saulo, o qual apresenta uma concepção tradicional de gênero e busca, através da violência, proteger este status, impedindo o empoderamento de Samira (Cortez & Souza, 2008).

Samira afirma não compartilhar desta concepção tradicional de gênero adotada por Saulo, embora na prática, cotidianamente, aja de acordo com esta mesma concepção tradicional e se submete. Durante toda a entrevista, ela falou em respeito, em necessidade de carinho, de ser amada. Mas em um aspecto ela afirma concordar com Saulo: o casamento é indissolúvel. Esta concepção, originada por sua formação religiosa, impede-a de exercer o empoderamento feminino, de

reivindicar seus direitos e até mesmo terminar o relacionamento, se todas as possibilidades de diálogo estão esgotadas. É neste momento que a segurança da certeza da durabilidade do relacionamento, que abre espaço para o diálogo e para as tentativas incansáveis de resolução de conflitos que proporcionam um relacionamento agradável e estável (Lambert & Dollahite, 2008), dão lugar ao aprisionamento e ao conformismo gerado pela ausência de possibilidades. Neste sentido, o relacionamento de Saulo e Samira parece descrever um retrocesso de várias décadas, quando não existia outra saída senão o conformismo, a submissão completa ou, como diz a frase popular: “mãe, o que é casar? Casar, filha, é parir, fiar e chorar” (citada em Menandro, Rölke & Bertollo, 2005). Estes autores coletaram também outros provérbios que registram a condição feminina de submissão, e que refletem a justificação sancionada na época em que surgiram da interdição da mulher ao acesso/exercício de direitos fundamentais de cidadania.

No período em que as entrevistas foram realizadas, Samira estava trabalhando, terminando um curso de especialização e utilizando seu salário para ajudar nas despesas da casa, uma vez que a empresa de Saulo se encontrava próxima da falência. Talvez esta crise financeira tenha enfraquecido a autoridade de Saulo, pois permitir que Samira trabalhe implica a concessão de liberdade a ela, além de fazê-la ocupar a condição de auxiliar financeiramente a manutenção da casa.

É importante enfatizar que as informações apresentadas acima foram obtidas através da entrevista com Samira. Saulo não mencionou os conflitos do casal e, portanto, não foi possível o acesso às suas percepções acerca do que realmente acontece em seu relacionamento. Ainda que não se conheça a versão de Saulo, é importante observar que a violência é relacional. Ainda que não se saiba se Samira

utiliza contra Saulo violência física e/ou psicológica (Alvim & Souza, 2005), é perceptível que suas diferenças não são negociadas, o que poderia evitar a resolução violenta de conflitos. Assim, ainda que Samira responsabilize Saulo pelo tipo de relacionamento que vem desenvolvendo, a falta de negociação para resolução dos conflitos é de responsabilidade tanto de Saulo quanto de Samira, que juntos vem desenhando as configurações deste relacionamento há nove anos.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de identidade social pressupõe que um grupo que reúna pessoas que se sintam valorizadas e emocionalmente satisfeitas com sua opção de pertença apresente características que permitam diferenciá-lo de outros grupos, em um processo ativo de contraste sem o qual não se justificaria a noção de identidade social. Quando se fala de um grupo definido pela opção religiosa, como o que reúne os participantes do presente estudo, o exogrupo a ser considerado tem características especiais, pois é o grupo constituído por todas as demais pessoas, que são identificadas como pessoas “do mundo” (Pacheco et al., 2007). A tal grupo das pessoas “do mundo” são atribuídos estereótipos negativos pelos evangélicos, o que inclui tanto comportamentos corriqueiros e culturalmente sancionados que são vistos por eles como práticas a serem abolidas, quanto uma concepção de mundo ancorada no ateísmo ou em outras religiões, o que é considerado inadequado e justifica a preocupação constante de agir no sentido de atrair novas pessoas para o seu grupo.

É, portanto, através das pessoas “do mundo” que os participantes definem sua identidade, através do processo de categorização e comparação social (Tajfel, 1983), ou seja, ao observar o outro e identificar as características dele, o indivíduo pode olhar para si e perceber que não é como aquele outro e, portanto, é diferente. Ao perceber suas próprias características, as quais fundamentaram a escolha pela participação neste grupo, os evangélicos atribuem valoração positiva ao endogrupo, e confirmam a valoração negativa atribuída ao exogrupo.

Para muitos dos participantes do estudo, assim como para muitos evangélicos vinculados a várias igrejas, no entanto, este exogrupo tem a característica especial

de ser um grupo com o qual se identificavam anteriormente, ou seja, aquele que um dia foi considerado como seu endogrupo se transformou em seu exogrupo através do processo de mobilidade social (Tajfel, 1983). Os participantes deixaram de pertencer a um grupo que passaram a desvalorizar e, psicológica e objetivamente, passaram a pertencer ao grupo que, a partir daquele momento, passaram a valorizar. Durante este processo, houve uma mudança na valoração dos estereótipos atribuídos a cada grupo, mudança esta estabelecida através do contato e da convivência com pessoas evangélicas, enquanto os participantes ainda pertenciam ao grupo “do mundo”. Como ocorre em muitos grupos religiosos a vinculação ao grupo exige demonstrações de pertencimento “desinteressado”, ou seja, apoiado apenas em novas convicções resultantes da fé a partir de então assumida, daí a imposição de renúncias a determinadas práticas que eram cotidianas.

As novas práticas e a nova forma de proceder em relação a diversos aspectos da vida, inclusive a “postura de evangelizador”, antes ausente, no caso dos grupos religiosos em que cada fiel busca atrair outras pessoas para experimentarem as mesmas sensações e convicções que passaram a viver, frequentemente gera reações de hostilidade ou de incredulidade entre os que eram interlocutores habituais em seu grupo anterior de pessoas “do mundo”. Segundo o relato dos participantes isso de fato ocorreu, ainda que sem consequências graves, caracterizando reações que a passagem do tempo e a continuidade da permanência no grupo religioso se encarregaram de dissipar. Os participantes do novo grupo religioso constituído não respondem diretamente às eventuais críticas e provocações, mas sua resposta ao exogrupo aparece na forma de evangelização, que pode ser entendida como a tentativa de produzir no membro do grupo “do

mundo” o mesmo “desejo” de mobilidade que experimentaram. Essa forma de proceder é um dos pontos de dificuldade com as novas práticas religiosas mencionado por alguns participantes do presente estudo, que revelam dificuldade em atendê-la plenamente.

Escapa ao alcance do presente trabalho a discussão sobre a dinâmica das relações intergrupais quando estão em jogo grupos com grande representatividade cultural ou política, como é o caso dos grupos religiosos, entre outros grupos. A adesão a um grupo pode resultar de e implica valorização de atributos do grupo e desvalorização de atributos de outros grupos. Para qualquer grande grupo cultural a questão do etnocentrismo exemplifica bem as dificuldades que estão no horizonte de tal discussão. A natureza e o grau de afastamento, rejeição e dominação que pode vir a se concretizar em tal dimensão de relações intergrupais é uma questão complexa, na qual tem importância a configuração populacional, econômica, política (inclusive internacional), além do equilíbrio em termos de hegemonia cultural. De forma bastante simplificada, é possível dizer ainda que grupos minoritários (qualquer que seja a dimensão de tal minoridade) adotam estratégias de sobrevivência distintas daquelas privilegiadas por grupos majoritários. Em termos históricos é possível constatar que grupos minoritários escolheram investir em seu crescimento, enquanto grupos majoritários não poucas vezes optaram pela eliminação de grupos que com ele se confrontavam. É certo que qualquer grupo, inclusive os grupos religiosos, que por sua própria lógica estão sempre muito próximos do etnocentrismo, correm o risco de enfrentamentos como esses que foram delineados acima (mesmo que se esteja falando do universo de uma mesma nação), mas essa é uma questão que foge do objetivo do presente trabalho.

Os dados obtidos mostraram que os participantes reconhecem e explicitam que o pertencimento ao grupo religioso específico ao qual aderiram, nas condições em que o fizeram, acarretou várias transformações conceituais e comportamentais em praticamente todas as esferas de sua vida. Estas mudanças, definidas pelos participantes como positivas, influenciam, entre outros, seus relacionamentos com os cônjuges e com os filhos. Foi possível observar que desde as concepções sobre como seria um casamento ideal, até o relato sobre o cotidiano familiar podem ser encontrados aspectos decorrentes dos ensinamentos religiosos direcionando e/ou legitimando práticas dos participantes.

Um dos pontos mais importantes abordados em tais ensinamentos é o da concepção do casamento como instituição eterna, independentemente do divórcio ser aceito por grandes parcelas da sociedade como alternativa para relacionamentos que enfrentam dificuldades, alternativa essa que está legalmente amparada. Em outras palavras, pode-se dizer que para os participantes a possibilidade de separação não é sequer cogitada e tal forma de pensar tem reflexos amplos sobre a vida dos casais que assim pensam e de suas famílias. O nome do curso citado por muitos, “Casados para sempre”, o termo utilizado várias vezes, “uma só carne”, indicam que faz parte da representação de casamento, para este grupo, a indissolubilidade do relacionamento. Resultados parecidos foram encontrados por Lambert e Dollahite (2008), que concluíram que a crença na indissolubilidade do casamento faz com que haja segurança na estabilidade do relacionamento, o que proporciona um contexto em que tentativas de resolução de conflitos, por parte de ambos os cônjuges, possam acontecer de forma pacífica e satisfatória, uma vez que existe uma meta que é claramente partilhada, que é comum a ambos os cônjuges. Isso também pode ser verificado com os participantes do presente estudo.

O grupo religioso influencia não apenas a resolução de conflitos, mas atua também no fornecimento de informações sobre temas a respeito dos quais existe certa pressuposição de que todos deveriam conhecer, o que não ocorre na prática. Nos grupos específicos para casais e/ou através da participação regular na igreja, as pessoas (entre elas as que participaram do estudo que aqui se descreve) são instruídas sobre como devem se relacionar com o outro, o que inclui um amplo leque de temas, envolvendo desde a convivência diária até o relacionamento sexual do casal (como menciona a participante Viviane). Os participantes consideram fundamental esta “intervenção” da religião no casamento, sendo que, para alguns casais, ela é a justificativa para a manutenção do casamento (como reconhece Daniela), e de um relacionamento conjugal satisfatório.

Para aqueles que já eram convertidos antes do casamento, o grupo religioso influenciou até mesmo em sua escolha pelo cônjuge, como Viviane, que buscou a direção de Deus e passou a se interessar por Vinícius, ou Gilson, que precisou da aprovação do pastor para iniciar seu relacionamento com Gisele, na época não convertida. A comunicação para a negociação das diferenças é intermediada por passagens bíblicas e/ou por conceitos aprendidos em cursos, como o “Casados para Sempre”. Cursos como este, e até mesmo o tempo que investem juntos em oração, como afirmou Rafael, são oportunidades importantes, nas quais o casal tem um tempo no qual estão juntos, direcionados ao mesmo objetivo, que se transforma em um tempo de qualidade investido pelo casal no relacionamento. A terapia conjugal reconhece há muito tempo que uma das mais claras dificuldades é a de comunicação entre os membros do casal, uma vez que cada um de seus componentes traz consolidada em sua formação formas e modelos às vezes bastante diversas de compreender atribuições de gênero e padrões de

relacionamento interpessoal, sendo que uma das principais atribuições do terapeuta é “reduzir a polarização validando as diferentes experiências de cada membro da família” (Macedo, 2009, p. 71). Féres-Carneiro (1998) explora exatamente esse tema em um estudo cujo título destaca “o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade” no casamento contemporâneo, mencionando que a identidade conjugal precisa ser construída a partir de duas pessoas com histórias diferentes. A adoção de um pressuposto totalmente compartilhado, como o que foi observado no presente estudo, resultante da inserção religiosa dos participantes, reduz as dificuldades de comunicação, uma vez que passa a existir uma espécie de superestrutura de ações e de metas que os envolve. Quase todos os participantes do estudo indicaram o próprio casamento como modelo de relacionamento conjugal ideal. O casal Samira e Saulo configura-se como exceção na qual a interferência da religião, no momento, parece se restringir à impossibilidade de dissolução de um casamento que tem sido marcado por indiferença, desrespeito e violência.

Os papéis tradicionais de gênero ainda se fazem presentes entre os membros dos casais entrevistados, em aparente processo de transformação para alguns deles. A divisão já não é configurada como muito rígida: ele ajuda a cuidar da casa, ela ajuda a prover a família financeiramente, ou as responsabilidades são compartilhadas entre o casal, de modo que ambos saibam o que precisam fazer, dentro e fora de casa, para a manutenção da família. Independentemente de como os casais estão configurados – e muitos deles oscilam entre as formas de convivência citadas acima – não houve relato de insatisfação em relação a esta distribuição, o que poderia demonstrar que, sejam as responsabilidades compartilhadas ou bem estabelecidas, há concordância entre os casais de que deveria funcionar daquela forma, e cada um cumpre seu papel, de forma que o

participante e seu cônjuge estejam satisfeitos com a forma como é conduzido o cotidiano da casa. Dizer que não houve insatisfação não quer dizer que o tema das atribuições de gênero não seja motivo de preocupação de alguns participantes, uma vez que as práticas concretas que foram relatadas estão em desacordo com o que é preconizado pelo texto religioso estrito (o texto bíblico). Ficou evidente que alguns participantes homens têm restrição à ideia da mulher ser também provedora (mencionando que o papel da mulher é ser ajudadora, não admitindo que a mulher tenha salário maior que o seu, e até mesmo acalentando o plano de que a mulher possa deixar de trabalhar), mas relativizam tal questão em função da realidade das condições econômicas e do futuro dos filhos.

Um dos aspectos em que a religião não parece ter influenciado os casais é o das decisões referentes a ter ou não filhos ou ao tempo ideal de espera para que isto aconteça, e nem em relação ao número de crianças que fariam parte da família. Estas decisões parecem ter sido baseadas mais em critérios econômicos, de prioridade momentânea em relação às atividades em que os cônjuges estão desenvolvendo, além de critérios decorrentes de aspectos culturais que se consolidaram para as novas gerações (ter poucos ou até mesmo um único filho, não ter filhos muito cedo, entre outros).

A religião, no entanto, volta a aparecer como uma grande esperança em relação à criação dos filhos. Quando se fala de ensinamentos ou de conceitos a serem transmitidos aos filhos, os participantes são claros quanto à intenção de inserir no processo educativo aqueles conceitos religiosos que são parte de suas próprias histórias e que, portanto, também deveriam ser parte da vida dos filhos. Proporcionar educação formal foi outra preocupação dos pais, que revelaram expectativas bastante positivas no que se refere ao futuro de sua família e de seus

filhos. Entre os planos para o futuro da família aparecem em posição destacada a meta de assegurar educação formal, seja na continuidade da educação dos pais, seja na intenção de que os filhos tenham condições de estudar, associado ao projeto de progredir financeiramente e alcançar a condição de proprietário de um imóvel que possa abrigar a família. Em paralelo a tais planos, fundamentando-os e justificando-os, aparece a preocupação de continuar a viver a opção religiosa já abraçada.

Não é possível, nem é parte da pretensão do estudo, promover algum tipo de avaliação da adequação das práticas dos participantes como estratégia para alcançar os objetivos que pretendem. Fica o registro de que seria interessante empreender estudos longitudinais que aferissem a ocorrência de novos episódios de trânsito religioso envolvendo os participantes, assim como estudos que pudessem averiguar em prazos maiores a confirmação tanto de transformações já configuradas (por exemplo, manutenção de relacionamento conjugal, ausência de alcoolismo) como de projetos futuros (por exemplo, melhoria financeira, padrões de comportamento e de religiosidade dos filhos).

O presente relato é encerrado com a convicção de que promoveu o levantamento de algumas informações relevantes para caracterizar um grupo de pessoas comuns, com projetos similares àqueles que podem ser constatados em outros grupos, e que precisam ser compreendidas no contexto de especificidades que resultaram na adoção de novos hábitos, de nova forma de sociabilidade, de nova modalidade de reconhecimento e de valorização no interior de um grupo. A radicalidade das mudanças identificadas pelos participantes em suas próprias vidas é uma faceta complexa da diversidade que caracteriza as ações humanas e os padrões de relacionamentos entre as pessoas e entre os grupos de pessoas, e que pode ser vista como objeto de investigações muito intrigante e muito motivador.

5- REFERÊNCIAS

- Abundiz, S.V. (2000). Amor, enamoramiento o necesidad. La elección de la pareja desde la perspectiva psicosocial. In: D. Jodelet & A.G. Tapia (Orgs). *Develando la cultura – estúdios em representaciones sociales*. (153-186). México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Almeida, R. (2004) Religião na metrópole paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19 (56), 15-27.
- Almeida, R. & Montero, P. (2001). Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, 15 (3), 92-101.
- Álvaro, J.L. & Garrido, A. (2006). *Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Alvim, S.F. & Souza, L. (2004). *Homens, mulheres e violência*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Alvim, S.F. & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7 (2), 171-206.
- Amâncio, L. (1997). Identidade social e relações intergrupais. In: J. Valla & M.B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social*. (387-410). Berna, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Amazonas, M.C.L.A.; Damasceno, P.R.; Terto, L.M.S. & Silva, R.R. (2003). Arranjos familiares de crianças de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8 (nº especial), 11-20.
- Antoniuzzi, A. (2003). As religiões no Brasil segundo o censo de 2000. *Revista de Estudos da Religião*, 2 (3), 75-80.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauer, M.W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. (189-217). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bastos, A.C.S.; Alcântara, M.A.R. & Ferreira-Santos, J.E. (2002). Novas famílias urbanas. In: E.R. Lordelo; A.M.A. Carvalho & S.H. Koller (Orgs). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. (99-135). São Paulo/Salvador: Casa do Psicólogo/EDUFBA.
- Bastos, A.C.S.; Gomes, M.M.; Gomes, M.C. & Rego, N. (2007). Conversando com famílias: crise, enfrentamento e novidade. In: L. Moreira e A.M.A. Carvalho (Orgs). *Família, subjetividade e vínculos*. (157-193). São Paulo: Paulinas.

- Berquó, E. (1998). Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: L. M. Schwarcz (Org.). *História da vida privada no Brasil – contrastes da intimidade contemporânea*. (412-437). São Paulo: Companhia das Letras.
- Bessa, D.B. (2006). A batalha espiritual e o erotismo. *Revista Estudos da Religião*, 1 (6), 39-49.
- Biasoli-Alves, Z.M.M. (1997). Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. *Temas em Psicologia*, 3, 33-49.
- Biasoli-Alves, Z.M.M. (1998). A pesquisa em Psicologia – Análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: G. Romanelli, & Z.M.M. Biasoli-Alves (Orgs.). *Diálogos metodológicos sobre práticas de pesquisa*. (135-157). Ribeirão Preto, SP: Summa.
- Bohn, S.R. (2004). Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. *Opinião Pública*, 10 (2), 288-338.
- Bonin, L.F.R. (1998). Indivíduo, cultura e sociedade. In: M.N. Strey et al. (Orgs.). *Psicologia social contemporânea: livro-texto*. (58-72). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Braz, M.P.; Dessen, M.A. & Silva, N.L.P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 151-161.
- Campos, L.S. (2008). Evangélicos e mídia no Brasil – acertos e desacertos. *Revista Estudos da Religião*, 3 (8), 1-26.
- Camurça, M. (1996). Panorama religioso do catolicismo e do protestantismo no Brasil. *Revista Magis: Cadernos de Fé e Cultura*, 14, 1-15.
- Chapman, G. (1997). *As cinco linguagens do amor: como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge*. São Paulo: Mundo Cristão.
- Ciampa, A. C. (2001). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Cognalato, R.P. (2007). Trânsito religioso inter-pentecostal e experiências de aflição. *Sacrilégens*, 4 (1), 85-96.
- Corrêa, M. (1993). Repensando a família patriarcal brasileira. In: A.A. Arantes et al. (Orgs.). *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil* (15-42). Campinas, SP: Unicamp.
- Cortez, M.B. & Souza, L. (2008). Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (2), 171-180.

- Costa, R. (2007). O pentecostalismo e o culto do divino na atualidade. *Teocomunicação*, 37 (158), 586-600.
- Coutinho, S.M.S. (2008). "A dona de tudo": O que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo: UFES. Vitória-ES.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z.A.P. (2003). Assertividade, sistema de crenças e identidade social. *Psicologia em Revista*, 9 (13), 125-136.
- Del Priore, M. (2006). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Dessen, M.A., & Braz, M.P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.
- Doise, W. (2002). Da Psicologia Social à Psicologia Societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (1), 27-35.
- Domínguez, L.G. (1998). Sobre la familia cristiana. *Pharos*, 5 (1), 125-129.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (2), 1-13.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8 (3), 367-374.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Fonseca, C. (2002). Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. *Psicologia USP*, 13 (2), 49-68.
- Garcia, M.L.T. & Tassara, E.T.O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 8 (1), 127-133.
- Gibson, D.M. (2008). Relationship betrayal and the influence of religious beliefs: a case illustration of couples counseling. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 16 (4), 344-350.
- Grzybowski, C.T. (2003). *Macho e fêmea os criou: celebrando a sexualidade*. Viçosa, MG: Ultimato.
- Guareschi, P.A. (1996). Relações comunitárias relações de dominação. In: R.H.F. Campos (Org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. (81-99). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (2000). Recuperado em 17 de janeiro de 2007, de

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/tabela09.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (2008a). PNAD – Estudo Especial sobre a Mulher. Recuperado em 16 de dezembro, 2008, de www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=987

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (2008b). PNAD – Estudo Especial sobre a Mulher. Recuperado em 16 de dezembro, 2008, de http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1098&id_pagina=1

Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe. A crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.

Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e separação na classe média carioca. In: T. Feres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. (141-168). Rio de Janeiro/São Paulo: PUC – Rio/Loyola.

Jackson, J.W. & Smith, E.R. (1999). Conceptualizing Social Identity: a new framework and evidence for the impact of different dimensions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25, 120-135.

Lahaye, T. & Lahaye, B. (1986). *O ato conjugal*. Belo Horizonte: Betânia.

Lambert, N.M., & Dollahite, D.C. (2008). The threefold cord: marital commitment in religious couples. *Journal of Family Issues*, 29, 592-614.

Leeuwen, E.; Kinippemberg, D. & Ellemers, N. (2003). Continuing and changing group identities: the effects of merging on social identification and ingroup bias. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29 (6), 679-690.

Licata, L. (2003). Representing the future of the European Union: Consequences on national and European identifications. *Papers on Social Representations*, 12, 5.1-5.22.

Lopes, J.R. (2002). Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, 14 (1), 7-27.

Macedo, R.M.S. (2009). Questões de gênero na terapia de família e casal. In: L.C. Osório e M.E.P. Valle (Orgs.). *Manual de Terapia Familiar* (58-73). Porto Alegre: Artmed.

Machado, M.D.C. (1996). Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos da AIDS: notas de uma pesquisa. *Sociedad y Religión*, 14/15, 33-50.

Machado, M.D.C. (2005). Representações e relações de gênero nos grupos neopentecostais. *Estudos feministas*, 13 (2), 387-396.

- Mafrá, A.C.P.A. (2007). Comunidade religiosa: uma reflexão a respeito das relações comunitárias e suas implicações no bem estar individual. *Anais do III Congresso Internacional de Psicologia e IX Semana de Psicologia, Maringá, PR. Trabalhos completos*, 1-14.
- Maldonado, J. (2003). *Casamento e família: uma abordagem bíblica e teológica*. Viçosa, MG: Ultimato.
- Marques, J. & Paéz, D. (1997). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In: J. Valla & M.B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social*. (333-386). Berna, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Menandro, P.R.M.; Rölke, R.K. & Bertollo, M. (2005). Concepções sobre relações amorosas/conjugais e seus protagonistas: um estudo com provérbios. *Psicologia Clínica*, 17 (2), 81-100.
- Nery, I.S.; Monteiro, C. F.S.; Luz, M.H.B.A. & Crizóstomo, C.D. (2006). Vivências de mulheres em situação de aborto espontâneo. *Revista de enfermagem da UERJ*, 14 (1), 67-73.
- Noemi, J. (2004). Sobre La Credibilidad Del Dogma Cristiano. *Teología y Vida*, 45 (2-3), 258-272.
- Oliveira, R.G. & Menandro, P.R.M. (2001). Em busca de uma nova identidade: o grupo de alcoólicos anônimos. *Revista Estudos de Psicologia*, 18 (3), 05-21.
- Pacheco, E.T., Silva, S.R. & Ribeiro, R.G. (2007). “Eu era do mundo”: Transformações do auto-conceito na conversão pentecostal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (1), 53-62.
- Panzini, R.G.; Rocha, N. S.C.; Bandeira, D.R. & Fleck, M.P.A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista Psiquiatria Clínica*, 34 (1), 105-115.
- Pasquali, L. & Moura, C.F. (2003). Atribuição de causalidade ao divórcio. *Avaliação Psicológica*, 2 (1), 1-16.
- Paula, C.L. & Paula, I.D. (2004). *Edificando um novo lar*. Belo Horizonte: Diante do Trono.
- Perlin, G. & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 17 (2), 15-29.
- Perucchi, J. & Beirão, A.M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19 (2), 57-69.
- Petrini, J.C. (2005). Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. *Memorandum*, 8, 20-27.

- Petts, R.J. (2007). Religious participation, religious affiliation, and engagement with children among fathers experiencing the birth of a new child. *Journal of Family Issues*, 28 (9), 1139-1161.
- Piccinini, C.A., Pereira, C.R.R., Marin, A.H., Lopes, R.C.S. & Tudge, J. (2007). O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3), 253-261.
- Pierrucci, A.F. (2000). As religiões no Brasil. In: V. Hellern, H. Notaker & J. Gaarder. *O livro das religiões*. (281-302). São Paulo: Companhia das Letras.
- Pierucci, A.F. (2004). "Bye bye Brasil" – o declínio das religiões tradicionais no Censo de 2000. *Estudos Avançados*, 18 (52), 17-28.
- Pinheiro, O.G. (1999). Entrevista: uma prática discursiva. In: M.J. Spink (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. (183-214). São Paulo: Cortez.
- QSR International (2002). *N6 Reference Guide*. Melbourne: QSR International.
- Rabinovich, E. P.; Costa, L.A.F. & Franco, A.L.S. (2008). Famílias evangélicas baianas e o processo de nomeação. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 417-424.
- Relvas, A.P. (2002). A mulher na família: "em torno dela". In: A.P. Relvas & M. Alarcão (Orgs.). *Novas formas de família*. (299-340). Coimbra: Quarteto Editora.
- Rocha-Coutinho, M.L. (2007). Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. In: T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. (157-201). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rölke, R.K. (2008). *Casar não é nada, viver é que é: um estudo sobre casamento e família com casais de duas faixas etárias residentes em bairro popular*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: UFES.
- Rosemberg, F. (1995). A criação de filhos pequenos: tendências e ambiguidades contemporâneas. In: I. Ribeiro & A.C.T. Ribeiro (Orgs). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. (167-190). São Paulo: Loyola.
- Salles, L.M.F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, 22 (1), 33-41.
- Samara, E.M. (2002). O que mudou na família brasileira (da colônia à atualidade). *Psicologia USP*, 13 (2), 27-48.
- Santos, L.A. (2005). As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira. *Revista de Estudos da Religião*, 1, 1-14.

- Sarti, C.A. (2004). A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 13 (2), 11-28.
- Sarti, C.A. (2007). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez.
- Scott, R.P. & Cantarelli, J. (2004). Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. *Caderno CRH*, 17 (42), 375-388.
- Silva, C.N. & Costa, S.F. (2007). As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais e suas expressões na política de assistência social do município de Londrina. *Semina, Ciências Sociais e Humanas*, 28 (1), 45-58.
- Silva, D.E. (2008). Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino. *Interações – Cultura e Comunidade*, 3 (3), 169-188.
- Silva, M.B.N. (1998) *História da família colonial no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silveira, P.G. & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23 (4), 441-453.
- Singly, F. (2007). *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV.
- Souza, L. (2005). Processos de Identidade Social: da intolerância e violência à utopia solidária. *X Encontro Nacional PROCAD – Psicologia/ CAPES. Violência e Desenvolvimento Humano: Textos completos*, 131-138.
- Souza, M.G. (2008). Re-visitando a história: colonização portuguesa e subordinação cultural. *IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Textos Completos*, 1-15.
- Stadtler, H. (2002). Conversão ao pentecostalismo e alterações cognitivas de identidade. *Revista de Estudos da Religião*, 2 (2), 112-135.
- Suda, J.R. & Souza, L. (2006). Identidade Social em Movimento: a comunidade japonesa na Grande Vitória (ES). *Psicologia & Sociedade*, 18 (2), 72-80.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos Humanos e Categorias Sociais: estudos em psicologia social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behavior. *Social Science Information*, 13 (2), 65-93.
- Tajfel, H. & Billig, M. (1974). Familiarity and Categorization in Intergroup Behavior. *Journal of Experimental Social Psychology*, 10, 159-170.
- Therborn, G. (2006). *Sexo e poder: A família no mundo 1900-2000*. São Paulo: Contexto.

- Torres, A. (2000). A individualização no feminino, o casamento e o amor. In: C.E. Peixoto; F. Singly & V. Cicchelli (Orgs.). *Família e individualização* (135-156). Rio de Janeiro: FGV.
- Trindade, Z.A.; Menandro, M.C.S.; & Gianórdoli-Nascimento, I.F. (2007). Organização e Interpretação de Entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. In: M.M.P. Rodrigues & P.R.M. Menandro (Orgs.). *Lógicas Metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia*. (71-92). Vitória: UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia/ GM Gráfica Editora.
- Turato, E.R. (2003). Decidindo quais indivíduos estudar. In E.R. Turato. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. (351-368). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vainfas, R. (1986). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática.
- Vaitsman, J. (1994). Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro, Rocco.
- Valle, A.I. (2004). El futuro de la familia: la familia. *Iglesia Viva: Revista de pensamiento cristiano*, 217, 9-26.
- Verkuyten, M. & Wolf, A. (2007). The development of in-group favoritism: between social reality and group identity. *Developmental Psychology*, 43 (3), 901-911.
- Villa, M.B., Del Prette, Z.A.P. & Del Prette, A. (2007). Habilidades conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo*, 12 (1), 23-32.
- Willians, L.M. & Lawler, M.G. (2003). Marital satisfaction and religion heterogamy: a comparison of interchurch and same-church individuals. *Journal of Family Issues*, 24 (8), 1070-1092.
- Wagner, A. & Levandowski, D.C. (2008). Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. *Revista Textos & Contextos*, 7 (1), 88-97.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.
- Yodanis, C. (2005). Divorce culture and marital gender equality: a cross-national study. *Gender & society*, 19 (5), 644-659.
- Zavalloni, M. (1973). Social Identity: Perspectives and Prospects. *Social Science Information*, 12 (3), 65-91.

APÊNDICE A

Palavras utilizadas pelos participantes: significados para o grupo.

Avivamento:

Individual ou coletivo, o avivamento é uma palavra utilizada por evangélicos para caracterizar o derramamento do poder do Espírito Santo. Geralmente segue um posicionamento de arrependimento e união. O Batismo no Espírito Santo é uma das grandes demonstrações deste poder. Para as igrejas tradicionais, o Batismo no Espírito Santo aconteceu conforme relatado em Atos 2, após a ascensão de Jesus aos céus, mas foi específico para aquele momento, não sendo realidade nos dias atuais. A busca pelo avivamento se refere à busca por este batismo, e por tudo o que ele acarreta. Significa, ainda, busca por maior intimidade com Deus, o que implicará em maior poder aos membros, e na consequente conversão de novas pessoas.

Batismo com (ou no) Espírito Santo:

Considerado o terceiro membro da trindade divina, o Espírito Santo é caracterizado como aquele que está entre a igreja, conduzindo, consolando, repreendendo, confortando e dando poder aos cristãos. Para os evangélicos, além destas funções, é o Espírito Santo quem distribui os dons (capacidades específicas para realizações sobrenaturais, ou naturais realizadas sobrenaturalmente) através do Batismo, que é relatado em Atos 2, na Bíblia, e é considerado o início destas capacidades, geralmente seguido pelo dom de línguas.

Célula:

Grupo de pessoas que se reúnem nas casas dos membros da igreja, para a realização de um “pequeno culto”, voltado para a conversão de não

evangélicos e integração de pessoas. O líder da célula é um membro que passou por um treinamento realizado na igreja, capacitando-o para a condução da célula.

Casados para sempre:

Curso realizado através de pequenos grupos, liderado por casais membros da igreja. De origem norte-americana, o curso é padronizado, ou seja, ele acontece, da mesma forma, em igrejas de todo o Brasil e vários outros países do mundo, através de treinamento dos líderes. O manual do curso, também padronizado, contém as “lições” que tratam de temas referentes ao casal e à família, discutidos com base em textos bíblicos. Como é um grupo fechado e o curso é realizado em 14 semanas, gera proximidade e intimidade entre os casais.

One:

Curso para noivos, nos mesmos moldes do Casados para sempre. É ministrado por um casal casado, que já tenha passado pelo treinamento.

www.mmibrasil.com.br

Denominação:

Palavra utilizada para diferenciar igrejas protestantes/evangélicas de acordo com suas especificidades. Alguns exemplos são: Batista, Metodista, Presbiteriana, Assembleia de Deus, Deus é amor, Quadrangular.

Dom de línguas:

Dom de falar em línguas estranhas, geralmente recebido no momento do Batismo no Espírito Santo. O dom de línguas pode ser uma forma de comunicação com Deus através do espírito (para os evangélicos, o homem é espírito, alma e corpo, sendo o espírito a parte mais sensível a Deus). Pode

ser, ainda, uma forma de comunicação com a igreja, e neste caso, é manifestado juntamente com o dom de **interpretação de línguas**, pela própria pessoa que está falando, ou por algum outro membro, que “traduz” a mensagem de Deus para a igreja. A língua expressada ainda pode ser um idioma conhecido, mas não familiar para quem fala, visando a comunicação com algum estrangeiro, em casos específicos de evangelização, citado por membros.

Fazer campanha:

Campanha é o nome atribuído ao incentivo de algumas igrejas evangélicas aos membros, para que apresentem pedidos a Deus em um momento dos cultos. Durante um período determinado de semanas as pessoas vão aos cultos, sempre repetindo o mesmo pedido. A maioria das campanhas dura sete semanas, mas este tempo pode ser diferente, dependendo da programação da igreja. As campanhas diárias são realizadas em períodos específicos do ano, e geralmente há um culto todos os dias, realizados especificamente para a campanha. Já as campanhas semanais acontecem durante todo o ano, e a pessoa frequenta o culto no mesmo dia da semana, durante aquele período.

Mensageiros do rei:

Grupo infantil, tradicional da igreja Batista brasileira, que trabalha com música.

Ministérios:

Ministérios são as áreas de atuação possíveis de serem exercidas por membros comuns da igreja. Geralmente são divididos por faixa etária, como ministério de crianças, ministério de jovens..., ou então por especificidades do grupo religioso, como ministério de família, ministério de louvor, ministério de

recepção. Um membro pode atuar como participante de um ministério frequentando as reuniões e/ou programações, ou liderando o ministério. Existem, ainda, as lideranças de grupos menores, dentro de um ministério.

Uma só carne:

Termo muito utilizado no curso Casados para sempre para se referir ao casal após o casamento. Palavra que faz referência ao texto bíblico: *e que ordenou: Por isso deixará o homem pai e mãe, e unir-se-á a sua mulher; e serão os dois uma só carne?* Mt 19:5. Indica intimidade e unidade entre o casal, além de independência dos pais.

APÊNDICE B

Roteiro

1. Dados sócio-demográficos

1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua escolaridade?
3. Qual a sua atividade profissional? (Quantas horas você trabalha por semana?)
4. Em qual bairro você mora?
5. Como é a situação financeira da família? Você considera que é uma situação confortável, tranqüila, ou considera que a família enfrenta muitas dificuldades?
6. Qual você considera ter sido o acontecimento mais marcante da sua vida? (Você considera esse acontecimento positivo ou negativo? E qual foi o acontecimento positivo / negativo mais marcante?)

2. Informações relacionadas à religião

7. Em que momento da sua vida passou a existir este interesse por esta religião?
Fale sobre sua conversão.
8. Qual era a religião dos seus pais quando você se converteu?
9. Qual era sua religião anterior? Qual era a profundidade de envolvimento com ela? Antes dessa religião anterior, você esteve ligado(a) a outras religiões?
10. A mudança de religião fez com que você mudasse outras coisas em sua vida?
O quê? Por quê?
11. Existe alguma coisa que a sua religião ensina que você não pensava antes, mas passou a adotar?

12. Qual a religião das pessoas da sua família e dos seus amigos mais próximos?
Você se afastou de alguém por causa da igreja, ou alguém se converteu por sua causa?
13. O que você considera positivo nos evangélicos da sua igreja? E negativo?
14. O que você acha que poderia ser melhorado na sua denominação?
15. Como é seu relacionamento com as pessoas da igreja?
16. O que você pensa sobre as pessoas da sua igreja?
17. Você convive, no seu dia-a-dia, com vizinhos, colegas de trabalho ou outras pessoas que não são evangélicas? Como é seu relacionamento com essas pessoas? É um relacionamento tranquilo ou existem atritos?
18. Você já passou por algum constrangimento por não fazer alguma coisa que seus amigos do trabalho, ou pessoas da família fazem e você não, por causa da religião? Como foi? Como é conviver com essas pessoas e passar por este tipo de situação?
19. Existem questões/ conselhos na igreja que são difíceis de cumprir. Você já passou por alguma experiência assim? Em qual área? O que você costuma fazer quando isso acontece?
20. Você participa de algum ministério? Qual? Por quê?
21. Você se interessa pela rede de família, pelas programações oferecidas? Com qual frequência você e sua família participam deste ministério?

3. Informações relacionadas à constituição familiar

22. Para você, como um casamento deveria ser?
23. Você tinha planos de se casar antes da sua conversão?

24. Fale sobre a história do seu relacionamento. Como vocês se conheceram? Por que decidiram ficar juntos?
25. Hoje você é casado(a). O que mudou em sua vida depois do casamento? Como os ensinamentos da igreja são utilizados no seu dia-a-dia e no relacionamento com seu esposo(a)?
26. Quais são suas responsabilidades em relação à casa, à família? E as responsabilidades do (a) seu (sua) esposo (a)?
27. Descreva como é um dia normal em sua família. (Quais são as atividades exercidas, quem faz o que e porque, os dias são parecidos?)
28. De acordo com o que você tem aprendido na igreja, quais deveriam ser as responsabilidades do homem e da mulher?
29. Você tem filhos? [Se a resposta for SIM - Quantos? Quando decidiram ter, e por que este número? / Se a resposta for NÃO - Pensa em ter? Por quê? Quando? Quantos?]
30. O que você acha importante transmitir a seus filhos, e como você os educa (educaria)?
31. O que mudou em sua vida depois dos filhos? (se tiver) E o que mudou em seu casamento?
32. Se você tivesse filhos adolescentes, como conversaria com eles sobre relacionamento? O que seria importante que eles soubessem? A igreja pensa como você?
33. Qual o tipo de ensinamentos você tem tirado dos trabalhos com casais dos quais você participa na igreja?
34. Pensando no futuro, em mudanças, o que você espera para sua vida? E para sua família? Como isso está ligado à religião?

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntári(o,a) da pesquisa e pelo responsável)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu, _____, tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo “Casados para sempre”: um estudo sobre casamento e família segundo a concepção de ambos os cônjuges de casais evangélicos neopentecostais, recebi da mestrandia Sra. Mariane Ranzani Ciscon Evangelista, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a compreender a relação existente entre vida conjugal e familiar e a religião.
- Que a importância deste estudo é a de contribuir para o maior conhecimento relacionado ao tema.
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: que profissionais estudiosos do assunto conheçam como pensam e agem as pessoas do grupo do qual eu faço parte.
- Que esse estudo começará em março de 2008 e terminará em março de 2009.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: entrevistas baseadas em roteiros semi-estruturados, realizadas separadamente com os membros do casal, e gravadas com minha autorização a partir do final da leitura deste termo.
- Que eu participarei das seguintes etapas: coleta de dados, através de entrevistas.
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo

Endereço: Av. Fernando Ferrari, nº 514

Bloco: /Nº: /Complemento: CEMUNI VI

Bairro: /CEP/Cidade: Campus Universitário de Goiabeiras/UFES, CEP 29075-910, Vitória-ES

Telefones p/contato: 4009-7688 ou 8802-3190

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se à:

Comitê de ética em pesquisa

Centro de Ciências da Saúde- Prédio da Direção do Centro

Endereço: Av. Marechal Campos, 1468 – Maruípe – Vitória – ES

Telefone: 3335-7211

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal - Rubricar as demais folhas)	Nome e Assinatura do(s) responsável(is) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)